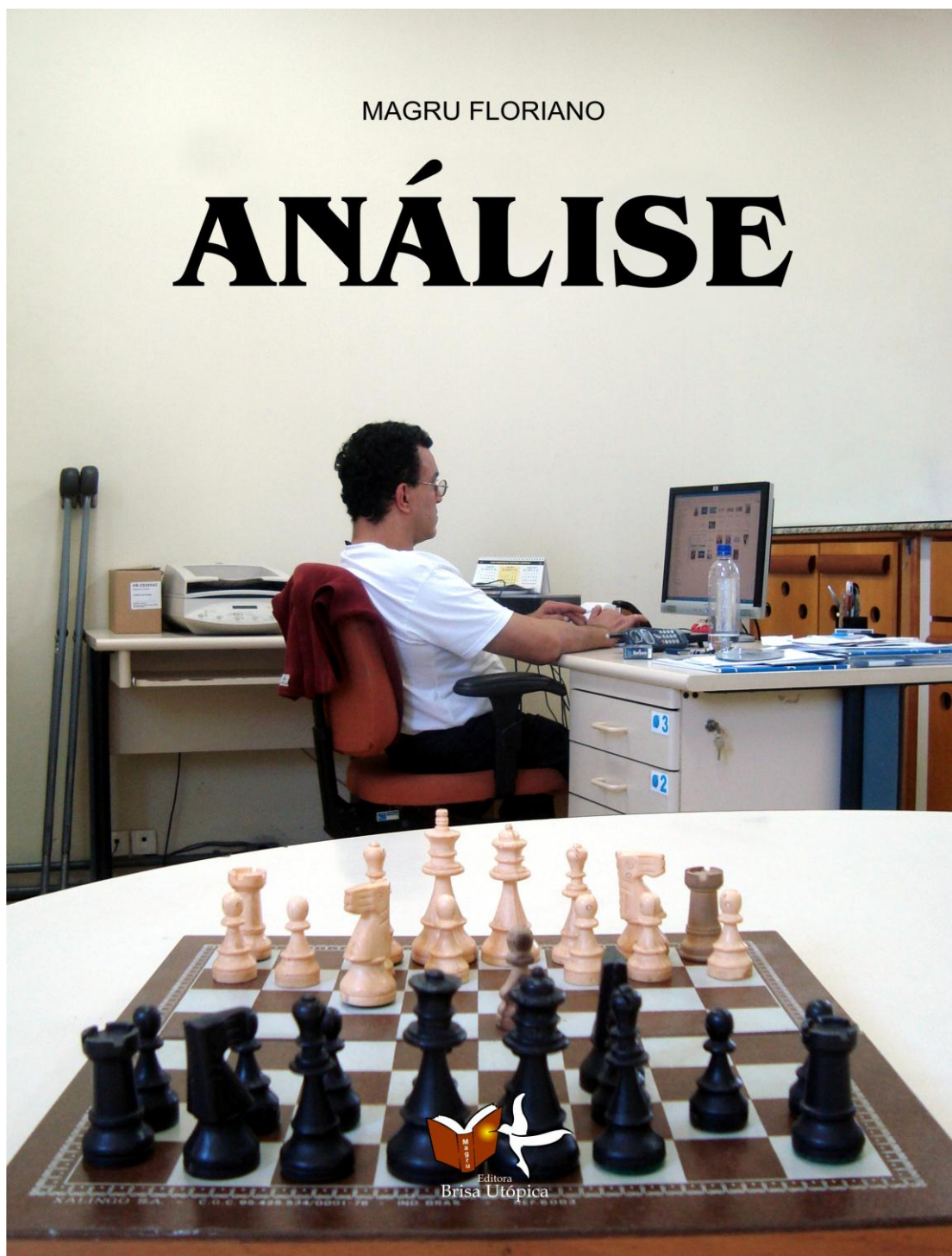


MAGRU FLORIANO

ANÁLISE



MAGRU FLORIANO

ANÁLISE

**Esforço para compreender
a realidade em que vivemos**

2ª EDIÇÃO COMPLEMENTADA E REVISADA

BRISA UTÓPICA

ITAJAÍ / 2013

“Trair a verdade é o mais vergonhoso dos vícios.” **Ésquilo**

“É curioso como um homem que presume tudo descobrir, descobre coisas que não existem!” **Sófocles**

“O esforço para compreender é a primeira e única base da virtude.” **Espinoza**

“Não conheço a arte de ser claro para quem não quer ser atento.” **Jean-Jacques Rousseau**

“Não se pode ensinar coisa alguma a alguém, pode-se apenas auxiliá-la a descobrir por si mesma.” **Galileu Galilei.**

“São de três espécies as inteligências, uma que entende as coisas por si, a outra que discerne o que os outros entendem e a terceira que não entende nem por si nem por intermédio dos outros, a primeira excelente, a segunda muito boa e a terceira inútil”.
Machiavel

“Ótimo é aquele que por si tudo entenda;
Sábio é também aquele que obediente ouça
Quem bem fala; mas quem por si não pense
Nem ouvindo a outrem sinta o coração desperto,
Este é, em verdade, um homem inútil.” **Hesíodo**

“São três os analfabetismos por derrotar hoje: o da lecto-escritura (saber ler e escrever), o sócio-cultural (saber em que tipo de sociedade se vive, por exemplo, saber o que são mecanismos de mercado) e o tecnológico (saber interagir com máquinas complexas). Toda escola incompetente em alguns desses aspectos é socialmente retrógrada.” **Hugo Assmann**

“Algum dia em qualquer parte, infalivelmente, hás de encontrar-te contigo mesmo, e só de ti depende que seja a más amarga de tuas horas ou teu momento maior.” **Mário de Combi**

“Há quatro tipos de aprendizes: os que podem ser comparados à esponja, ao funil, ao filtro e à peneira. A esponja tudo absorve; o funil tudo concentra, mas nada retém; o filtro retém as impurezas, mas perde o vinho; já a peneira retém o que é precioso, e libera o refugo.”
Nilton Bonder

“Há já algum tempo eu me percebi de que, desde meus primeiros anos recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados, não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências.” **René Descartes.**

Continuamos ainda sem saber de onde provém o impulso à verdade: pois até agora só ouvimos falar da obrigação que a sociedade, para existir, estabelece: de dizer a verdade, isto é, de usar as metáforas usuais, portanto, expresso moralmente: da obrigação de mentir segundo uma convenção sólida, mentir em rebanho, em um estilo obrigatório para todos.

Friedrich Nietzsche

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar. **Bertold Brecht**

Nossa costumeira observação inexata toma um grupo de fenômenos como um só e o denomina um fato: entre este e outro fato ela intercala um espaço vazio, isola cada fato. Em verdade, porém, todo o nosso agir e conhecer não é uma sequência de fatos e intervalos vazios, mas um fluxo constante. **Friedrich Nietzsche.**

Temos de descansar temporariamente de nós, olhando-nos de longe e de cima e, de uma distância artística, rindo sobre nós ou chorando sobre nós: temos de descobrir o herói, assim como o parvo, que reside em nossa paixão do conhecimento, temos de alegrar-nos vez por outra com nossa tolice, para podermos continuar alegres com nossa sabedoria. **Friedrich Nietzsche**

Convicção é a crença de estar, em algum ponto do conhecimento, na posse da verdade incondicionada. Essa crença pressupõe, portanto, que há verdades incondicionadas; do mesmo modo, que foram encontrados aqueles métodos perfeitos para chegar a elas; enfim, que todo aquele que tem convicções se serve desses métodos perfeitos. Todos esses três postulados demonstram desde logo que o homem das convicções não é o homem do pensamento científico; está, diante de nós, na idade da inocência teórica e é uma criança, por adulto que seja quanto ao mais. **Friedrich Nietzsche**

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas. **Friedrich Nietzsche**

“Na frente ficava a mentira inteligível, por trás, a verdade incompreensível”. **Milan Kundera**

INTRODUÇÃO

A maioria das pessoas fica satisfeita em olhar de forma simplificada para a realidade que a cerca. Estabelece uma relação íntima com as coisas do mundo através de um sistema de saberes que denominamos de **senso comum**. Esse sistema forma uma coleção de saberes não comprovados, que são coletados espontaneamente, fora de qualquer método, sem o critério da verificabilidade. São impressões cotidianas do sujeito e do grupo a que pertence.

Contudo, algumas pessoas já perceberam que tem outra maneira de olhar para as coisas do mundo. Conseguiram perceber, por exemplo, que não basta olhar para entender os fatos, porque “as aparências enganam”. Também não adianta fixar exclusivamente na leitura de jornais ou ouvir os noticiários da televisão e rádio, porque os meios de comunicação manipulam os fatos, produzindo suas próprias versões. Família, igreja, estado, sindicato, escola, imprensa ... são todos *aparelhos ideológicos*, instituições que reproduzem saberes comprometidos ideologicamente com o grupo a que estão vinculadas. Portanto, nos mostram, tão-somente, parcelas da complexidade que chamamos de realidade.

As pessoas que podemos considerar como *espíritos livres* compreendem que têm de trilhar seus próprios caminhos. O caminho do conhecimento. Querendo conhecer o mundo como ele é, apropriam-se de método científico e passam a escrutinar a realidade. Acontece que os métodos são muitos, em especial nas ciências não-exatas como é o caso da política. Portanto, a primeira dúvida de um iniciante diz respeito a qual método adotar para promover leitura correta da realidade que o cerca.

Este ensaio, portanto, é uma busca pelo método ideal que poderá instrumentalizá-lo no caminho do conhecimento. Vamos falar de Dialética, Análise, Conjuntura, Estrutura. Vamos falar de métodos de abordagens e métodos de procedimentos. Vamos falar de ciência. Contudo, antes de mais nada, vamos preservar nossa liberdade de espírito para vivenciarmos o *espírito livre* que nos demonstrou Nietzsche.

Só há um caminho para a liberdade: o caminho do pensar corretamente!

ÍNDICE

Capítulo I - Análise – conceito ampliado

Capítulo II - Teatro

- acontecimento
- cenário
- atores (forças)
- relação de forças
- conjuntura
- estrutura

Capítulo III - Outras contribuições

- método
- práxis
- argumentação

Capítulo IV - Primeira análise: leitura de fenômeno natural

Ocorrência de enchentes no Vale do Itajaí

Capítulo V - Segunda análise: leitura de livro

A revolução dos bichos

Capítulo VI - Terceira análise: leitura de filme

Tempos modernos e O show de Truman

Capítulo VII - Quarta análise: leitura de cenário político

Eleições municipais de 2012

Capítulo VIII – Quinta análise: leitura de uma questão específica

Questão de gênero: a mulher candidata nas eleições 2012 no Município de Itajaí

Capítulo IX – Sexta análise: leitura de cenário internacional pelo enfoque sociológico

Tentando entender o Talibã

Referência bibliográfica e obras indicadas para leitura e consulta

CAPÍTULO I

ANÁLISE – CONCEITO AMPLIADO

O **Dicionário Luft** define a palavra análise da seguinte forma: “*Decomposição de um todo nos seus componentes, dissecação, examinar, investigar*”. Já o **Novo Dicionário Aurélio** assinala que a palavra análise significa: “*decomposição de um todo em suas partes constituintes: análise de uma mostra de minério; análise de um organograma [...] exame de cada parte de um todo, tendo em vista conhecer sua natureza, suas proporções, suas funções, suas relações [...] Estudo pormenorizado; exame, crítica [...]*”. (1994, p. 113). Marcos Bagno define análise como: “*dissolver, desligar, decompôr, quebrar em pedaços*” (1998, p. 46) e apresenta o seguinte exemplo de análise:

“*[...] quando um médico pede um exame de sangue, a mostra coletada vai ser analisada num laboratório: o analista vai investigar cada um dos elementos que compõem o sangue (glóbulos brancos e vermelhos, plaquetas etc) para ver se há algo errado em algum deles*” (1998, p.50).

René Descartes no livro **Discurso Sobre o Método** nos oferece um roteiro para promover esta decomposição:

“*[...] dividir cada dificuldade a ser examinada em tantas partes quanto possível e necessário para resolvê-las [...] por ordem em meus pensamentos, começando pelos assuntos mais simples e mais fáceis de serem conhecidos, para atingir, paulatinamente, gradativamente, o conhecimento dos mais complexos, e supondo ainda uma ordem entre os que não se precedem normalmente uns aos outros [...] fazer, para cada caso, enumerações tão exatas e revisões tão gerais que estivesse certo de não ter esquecido de nada*”. (1978, p.40)

Como podemos observar, a pessoa que exercita o método analítico tem muito o que aprender com as crianças. Pelo menos no que diz respeito à falta de medo em desmontar as coisas, visando compreender seus mecanismos, e também quanto ao empenho e determinação com que se lançam a essas sessões de desmanches. Na medida em que vamos

avançando na idade, o tempo vai levando-nos para uma racionalidade cuja lógica está centrada exclusivamente no valor material dos objetos (vemos tudo como mercadoria, objeto de valor comercial), inibindo esse espírito examinador que nos acompanha nos primeiros anos de vida. Desta forma, para aprendermos de verdade sobre as coisas do mundo, vamos ter de desmanchar um pouco a nossa lógica de adulto e recuperar o nosso espírito infantil. Temos de demolir os objetos, conceitos e paradigmas para compreender como funcionam.

Porém, aqui não nos cabe mais o exercício livre e descomprometido de demolir tudo que aparece na nossa frente sem medirmos consequências. Agora, o nosso espírito demolidor terá de ser formatado dentro de uma lógica que nos possibilite o maior ganho possível em termos de conhecimento, ao menor custo possível em termos materiais. Quer dizer, temos de demolir utilizando método, para sermos eficientes e eficazes.

Para promovermos uma análise não é suficiente termos a vontade de demolir. Em um primeiro momento temos de estudar, reunir dados, selecionar informações. Em síntese: a análise exige, antes de tudo, pesquisa. Mas, não aquela pesquisa preguiçosa de colégio, que a gente faz para tirar nota, copiando acriticamente os livros, dicionários, enciclopédias e internet. Pesquisa no sentido verdadeiro:

*“Pesquisa é uma palavra que nos veio do espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim. Havia em latim o verbo **perquiro**, que significava ‘**procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca.**’ O particípio passado desse verbo latino era **perquisitum**. Por alguma lei da fonética histórica, o primeiro **R** se transformou em **S** na passagem do latim para o espanhol, dando o verbo **pesquisar** que conhecemos hoje. Perceba que os significados desse verbo em latim insistem na idéia de uma busca feita com **cuidado e profundidade**. Nada a ver, portanto, com trabalhos superficiais, feitos só para ‘dar nota’”. (BAGNO: 1998, p.17)*

Quanto mais abrangente for a nossa pesquisa, mais elementos teremos para decompor. Desta forma, mais rica e exata poderá ficar a análise correspondente. Como podemos apreender até aqui, fazer análise não é coisa para malandro. Quem tem preguiça mental corre do trabalho analítico como o diabo corre da cruz. Contudo, para aqueles que querem ter uma noção mais próxima da realidade o esforço é plenamente recompensado.

Podemos estabelecer um conceito ampliado do termo análise, considerando-a como um processo. Vamos considerar para tanto que todo o processo de confecção de uma análise tem quatro estágios distintos que se complementam:

1 – **Pesquisa**: coleta dos dados sobre o fenômeno/objeto estudado.

2 – **Análise**: decomposição racional dos dados obtidos na pesquisa.

3 – **Síntese**: composição, formulação de conceitos sobre o fenômeno/objeto estudado; ideias próprias e inéditas.

4 – **Avaliação**: elaboração de critérios de valor sobre o fenômeno/objeto estudado.

Logo, **análise**, no nosso entendimento, significa de maneira mais ampla a implementação de procedimentos metodológicos complexos visando oportunizar o processo de construção de novos saberes (Conhecimento). Este processo caminha do quantitativo (coleta de dados objetivos) em direção ao qualitativo (elaboração de julgamento próprio e consciente sobre a realidade pesquisada, com a elaboração de ideias próprias/inéditas).

Um conceito importante que temos de compreender é o conceito de CONHECIMENTO. Qual o entendimento que temos da palavra Conhecimento? Para uma melhor compreensão deste conceito é fundamental recusá-lo como sinônimo de **Informação, Dado e Tecnologia**. Devemos considerar como **Dado** todo o saber materializado. Este saber que foi materializado, ao ser transmitido a alguém é considerado como **Informação**. O que temos nos livros, internet, jornais? Dados! O que repassamos para nossos alunos em sala de aula? Dados! A informação é um saber materializado que é repassado à outra pessoa. Um saber que se faz objeto visando ser consumido, capturado por outras mentes. Informação é objeto de consumo. Como tal, vive na esfera da quantidade. Podemos quantificar a informação/dado, manipular como um objeto qualquer. Este saber aplicado vamos chamar de Tecnologia. Como podemos perceber a escola não trabalha na esfera qualitativa do conhecimento, mas na esfera quantitativa do saber materializado (dado/informação/tecnologia).

Conhecimento é bem diferente. **Conhecimento é o processo vivenciado pelo indivíduo na elaboração de novos saberes.** O fruto do Conhecimento é o Saber. O Saber materializado é Dado. O Dado transmitido, transferido, comunicado, é Informação. Ninguém pode passar para o outro o seu Conhecimento, porque **Conhecimento é o processo de vivência na construção do Saber.** Só tem Conhecimento quem vivencia, quem experimenta. No mundo de hoje há excesso de Informação, mas as pessoas Conhecem muito pouco o mundo em que vivem. Uma pessoa muito interessada, que acompanha o noticiário da televisão, lê jornais e revistas regularmente, pode conhecer muito pouco o mundo, apesar de se manter muito bem informada.

A análise seria um dos caminhos científicos possíveis para experimentar o processo de conhecer. Através da análise nos construímos **intelectuais.** Quer dizer, nos colocamos no mundo enquanto **pessoas que possuem a capacidade de elaborar saberes.** Quanto maior for a capacidade da pessoa em pesquisar, analisar, sintetizar e avaliar, maior seu grau de intelectualidade. A maioria das pessoas está viciada numa prática acrítica de reproduzir informação, e passa a vida iludida com a ideia de que conhece as coisas do mundo. Falsa imagem que construiu para si própria. Perdeu a noção do real, embaçada pelo acúmulo de informações, como se estivesse permanentemente envolta por um grande nevoeiro no final de uma tarde de inverno.

Para promovermos uma análise sólida, contextualizando, temos de observar alguns pontos básicos: o primeiro deles é observarmos o momento que estamos vivendo e as condições objetivas/materiais que dão suporte, viabilizam, a ocorrência de um determinado fenômeno. Tempo/espço/forças sociais/condições materiais, tudo isso se combinam nas mais diversas possibilidades, construindo uma conjuntura.

Por outro lado, é interessante observar que a sociedade possui uma estrutura bem visível, que abriga instituições como escola, polícia, sindicato, igreja. Esta estrutura está enraizada em outra estrutura que são as relações econômicas de produção. Observar o vínculo entre economia e escola, por exemplo, é fundamental para perceber a realidade em toda a sua essência.

Uma pessoa crítica, que pretende promover uma análise profunda sobre um filme, por exemplo, deve perceber que o cinema, enquanto Meio de Comunicação de Massa, está sendo financiado, mantido, alimentado, por uma determinada estrutura econômica, e que essa estrutura exige fidelidade ideológica e impõe determinados procedimentos estéticos, técnicos, mercadológicos, éticos, civilizatórios, políticos, etc. Um filme produzido nos

EUA durante a Segunda Guerra Mundial tem lógica diferenciada de um filme produzido nos EUA durante a Guerra Fria. Assim, também, podemos garantir que um filme produzido nos EUA durante a Guerra Fria tem lógica diferenciada de um filme produzido na Rússia durante a Guerra Fria.

Em síntese, podemos dizer que para uma pessoa fazer uma análise ela tem de ter a capacidade de desmontar a realidade para em seguida montá-la, apreendendo sua racionalidade, mecanismos de funcionamento, lógica interna.

CAPÍTULO II

TEATRO

Para facilitar o nosso trabalho de análise sobre uma determinada realidade podemos usar como recurso a comparação da sociedade com uma peça teatral(ler sobre Análise de Conjuntura). Em uma peça de teatro nós temos alguns elementos chaves, tais como: enredo (história), cenário, equipe de trabalho (atores, técnicos), relacionamento entre pessoas e grupos, produção, estrutura física do teatro, localização do prédio, cultura da população da cidade, financiadores do espetáculo, etc. Bem, assim também é a sociedade. Podemos pegar como referência para a análise as seguintes categorias:

- 1 – Acontecimento
- 2 – Cenário
- 3 – Atores Sociais (forças)
- 4 - Relação de forças
- 5 – Conjuntura
- 6 – Estruturas
- 7 – Articulação entre estruturas e conjuntura

ACONTECIMENTO

Em um primeiro momento é interessante observar a diferença entre três termos que no Senso Comum utilizamos de forma displicente. São eles: **Fato – Versão – Opinião**. Vamos considerar que **Fato é tudo aquilo que aconteceu**. É a realidade em si. É inquestionável. Aconteceu e pronto! Já a **versão é a comunicação da percepção que cada indivíduo elabora sobre o fato que presenciou**. Ou seja, versão é resultante direta da idiossincrasia (maneira toda própria de cada indivíduo ver a sua realidade). Portanto, a versão já vem carregada de intencionalidades, interesses, compromissos, equívocos, parcialidades, etc. A **opinião é a expressão resultante da avaliação/julgamento que fazemos de um determinado fato**. Na opinião entram nossos valores, limitações intelectuais, idiossincrasia, vínculos afetivos e ideológicos etc.

Quando alguém nos relata um fato, ou lemos uma notícia no jornal, o que estamos recebendo é uma versão do fato. No caso dos jornais, muitas são as vezes que lemos a versão da versão. O marginal conta sua história para o delegado. O delegado repassa para o repórter. O repórter repassa para o leitor, o leitor conta para um amigo, o amigo do leitor conta para um parente e assim sucessivamente. Portanto, todo o cuidado é pouco quando estamos ouvindo/lendo os outros. Aqui vale a **Dúvida Sistemática** que nos propõe René Descartes. Duvidar sempre, esta é a melhor defesa. A verdade é que podemos ver um mesmo fato de várias maneiras. Exemplos não faltam, veja:

1) **Idiosincrasia** (visão do ser): *“disposição do temperamento do indivíduo, que o faz reagir de maneira muito pessoal à ação dos agentes externos. Maneira de agir, sentir, reagir, própria de cada pessoa [...]”* (HOLANDA FERREIRA:1994, p.94)
Exemplo: tem pessoas que são otimistas, outras pessimistas ...

2) **Ideologia** (visão do grupo/classe): *“[...] conjunto de ideias próprias de um grupo, de uma época e que traduzem uma situação histórica”*. (HOLANDA FERREIRA:1994, p.913). Exemplo: sociedade machista, capitalismo, socialismo.

3) **Etnocentrismo** (Visão civilizatória): *“Tendência para considerar a cultura de seu próprio povo como a medida de todas as demais culturas.”* (HOLANDA FERREIRA: 1994, p.733). Exemplo: colonização das Américas pelos países europeus.

Por isto mesmo o melhor é não falar em neutralidade. Porque quem conta um fato tem seu discurso impregnado pela lógica do seu mundo e de suas vivências. Aí acaba aparecendo uma grande diferença entre a **Ciência** e o **Senso Comum**. É que a ciência constitui um esforço racional no sentido de aproximar o máximo possível a versão/opinião do fato. Já o Senso Comum, quanto mais se expande, maior a sua tendência para se afastar do fato e se embasar nas versões do fato.

Outro ponto fundamental para a análise é perceber a diferença entre fato e acontecimento. A análise usa como matéria-prima os **acontecimentos – fatos que possuem relevância**:

“Devemos distinguir fato de acontecimento. Na vida real ocorrem milhares de fatos todos os dias em todas as partes mas, somente alguns desses fatos são considerados como acontecimentos: aqueles que adquirem um sentido especial para um país, uma classe social, um grupo social ou uma pessoa” (SOUZA: 1995, p.10).

Como podemos perceber, temos de ter muita sensibilidade para saber dar o devido valor a uma informação de tal sorte a não deixar passar despercebido aquilo que realmente tem importância para a análise. O melhor é colocar os fatos por ordem de importância para depois trabalhar em cima do que é fundamental. Contudo, é bom ter muito cuidado, porque as aparências enganam e as circunstâncias mudam rapidamente. A melhor orientação é, em um primeiro momento, colocar todas as possibilidades sobre a mesa. Fazer uma varredura à exaustão do fato a ser analisado.

Separar **fato comum** de **acontecimento** é evitar ficar discutindo sobre o *sexo dos anjos*. Ou seja, é evitar perda de tempo e esforço. A nossa grande dificuldade é perceber entre tantos fatos o que efetivamente não pode deixar de ser considerado na hora de se promover uma análise. Essa questão é bem visível quando você está acompanhando um debate entre duas pessoas. Você pode perceber que quando uma pessoa está promovendo uma análise muito interessante vem outra pessoa e interfere no seu raciocínio incluindo um novo elemento que ela não tinha pensado ou tinha deixado de lado. Geralmente os diálogos são longos justamente porque os interlocutores sempre incluem novos elementos na análise. Como os elementos a serem incluídos, muitas vezes, são infundáveis, a conversa também pode não ter fim. Principalmente quando o assunto é política sempre tem mais uma coisinha a considerar.

Um debatedor pode considerar determinados fatores e colocar em segundo plano outros fatores. Já seu adversário pode considerar justamente o inverso. O que um considera mais importante, o outro não dá importância. Portanto, as análises vão divergir em essência e resultado.

CENÁRIO

É importante observar onde o acontecimento se realizou. Fazer uma leitura minuciosa do local onde o fenômeno aconteceu é mais do que recomendável, é

obrigatório. Um detetive estudando o local do crime coleta evidências (provas materiais) para poder compreender o que aconteceu.

É importante se localizar no tempo e no espaço. Saber onde se está e quando. O melhor, portanto, é ter bem claro estas duas categorias: tempo e espaço. O **Onde** forma uma unidade indissolúvel com o **Quando**. Afinal, tudo que acontece está datado historicamente.

Perceber rapidamente o ambiente, fazer uma **Leitura de Ambiente**, é se situar no tempo e no espaço. Esse espaço pode ser delineado de forma mais ampla ou restrita, dependendo do objetivo da análise. Pode limitar a análise para uma esfera municipal, estadual, nacional, internacional. Você estabelece os contornos, os limites do cenário a ser analisado de acordo com os seus objetivos.

Mas, é sempre interessante perceber que a realidade é complexa. Por exemplo: se você estiver fazendo uma análise sobre o capitalismo no Brasil, o nível de análise é nacional. Isto não quer dizer que o capitalismo brasileiro não sofra influências internacionais. Então, trabalhar com o nível nacional é reconhecer um outro nível, um outro contraponto, o nível internacional. Veja outros exemplos: desenvolvimento/subdesenvolvimento, capitalismo/socialismo, colonizador/colonizado, ocidental/oriental, cristão/muçulmano, república/monarquia, paz/guerra, urbano/rural, ditadura/democracia. Falar de ditadura é falar de democracia. Falar de paz é falar de guerra. Essas categorias formam unidades compactas, uma totalidade. Assim é a moeda com duas faces: cara e coroa.

Aliás, esta é a armadilha mais comum que a realidade nos prega. Por estarmos em uma sociedade capitalista, acabamos vendo o capitalismo como se fosse a totalidade. Como se não houvessem outras possibilidades, como se o Brasil não tivesse sofrido diversas mudanças ao longo de sua história. É comum algumas pessoas argumentarem: “*Mas sempre foi assim!*”. Para ver com exatidão o cenário, o palco em que está acontecendo o fenômeno alvo de estudo, temos de estar preparados para ver tudo, inclusive o que não é mostrado aos nossos olhos. O lado contrário, oposto, faz parte de um todo. E nós queremos entender o todo.

Uma boa estratégia oferecida por René Descartes consiste em ir ampliando gradativamente o nível de estudo. Passando da esfera menor em direção à esfera maior e mais complexa. Ir avançando gradativamente, com parcimônia. O importante é fazer um rastreamento do território (espaço) de forma a não perder nenhum detalhe importante.

Qualquer descuido pode comprometer todo o trabalho. Você tem de se ver como um detetive meticoloso, perspicaz. Para estes, um fio de cabelo ou um caco de vidro, resolve tudo. Em síntese: no estudo do cenário os detalhes são muito importantes.

O que diferencia o olhar de um detetive para uma pessoa comum é justamente a capacidade técnica que ele desenvolveu de dar importância a determinados elementos que as outras pessoas não dão. Ou seja, ele consegue relacionar mais as coisas, dando importância àquilo que realmente tem importância para o caso específico que está estudando.

ATORES

“O ator é alguém que representa, que encarna um papel dentro de um enredo, de uma trama de relações. Um determinado indivíduo é um ator social quando ele representa algo para a sociedade (para o grupo, a classe, o país), encarna uma idéia, uma reivindicação, um projeto, uma promessa, uma denúncia”. (SOUZA:1995, p.12).

A idéia de ator social pode ser ampliada. Ao promovermos uma análise podemos considerar uma classe social inteira como ator social, assim como uma categoria profissional, grupo político, instituição etc. Vamos considerá-los como **Atores Coletivos**.

Como todos nós vivemos em sociedade, somos todos atores sociais e por extensão produtores da nossa própria história. Na sociedade participamos de uma forma muito direta de inúmeros grupos e instituições e estamos a cada momento participando da sua construção. Até quando nos omitimos, o que é o mais comum, estamos participando socialmente. Afinal, a omissão é uma escolha voluntária, de livre-arbítrio. Quem se omite faz o mesmo que aquele que executa, ou até mais, dependendo das circunstâncias.

Como cidadãos atuamos num palco: a sociedade. Ter a capacidade de ver quem são os atores (individuais e/ou coletivos) que estão atuando em determinado cenário é um dos procedimentos da análise. E, é sempre bom observar que às vezes uma pessoa não está atuando como indivíduo, mas como ator coletivo. Quer dizer, ele pode estar falando/agindo em nome de um grupo/instituição/classe/movimento. É preciso ter cuidado para não ver apenas a pessoa individualmente. Aqui vale o papel, a função, o status, e muitos outros indicadores da condição social do ator.

Justamente por causa desse fenômeno, de um indivíduo representar uma instituição inteira, que um grupo de cidadãos obedece um guarda de trânsito desarmado que está

sozinho na confluência de duas ruas. O grupo, apesar de aparentemente ser mais forte naquele momento, tem consciência que o guarda não é apenas um indivíduo, mais fraco naquele momento. Ele é uma instituição inteira que tem suporte na força do Estado. A farda do guarda sinaliza nesse sentido. No encontro entre duas pessoas podemos ter um cidadão diante de uma instituição. São os **atores sociais individuais** em relação com **atores sociais coletivos**.

Então, na hora de você promover uma análise não pode deixar de considerar essa questão. Uma pessoa é apenas uma pessoa. Uma pessoa fardada é uma instituição. Veja que a força mudou completamente e a relação entre esses dois indivíduos deve ser analisada de outra maneira.

RELAÇÃO DE FORÇAS

“As classes sociais, os grupos, os diferentes atores sociais estão em relação uns com os outros. Essas relações podem ser de confronto, de coexistência, de cooperação e estarão sempre revelando uma relação de força, de domínio, igualdade ou de subordinação. Encontrar formas de verificar a relação de forças, ter uma idéia mais clara dessa relação é decisivo se se quer tirar conseqüências práticas da análise de conjuntura. Algumas vezes essa relação de forças se revela através de indicadores até quantitativos, como é o caso de uma eleição: o número de votos indicará a relação de forças entre partidos, grupos e classes sociais”. (SOUZA: 1995, p.13).

Para se perceber a relação de forças em um determinado cenário é fundamental não errar na hora de detectar os atores que estão atuando neste cenário. É comum, avaliar que um ator está em um lado, quando na verdade está compondo outra força contrária e até antagônica. Não se pode deixar levar pelas aparências (discurso, encenações, apoios públicos, etc); para tanto é importante avaliar o vínculo que cada ator mantém em nível de estrutura (ideologia e economia). Observar onde trabalha, com quem anda e se relaciona, currículo e histórico dentro da instituição, espaço que ocupa no cenário, como circula, pretensões e interesses, grau de representatividade, grau de aderência às estruturas e lideranças, seus posicionamentos em momentos críticos, etc.

Por uma questão de tática/estratégia os grupos sempre tendem a não mostrar por completo sua força. É a famosa carta nas mangas. Assim como devemos perceber que na relação de forças os enfrentamentos são muito dinâmicos e os grupos se reestruturam ou se

desestruturam rapidamente. Então não se deve ter um mapa fixo sobre os grupos e as forças que atuam em um cenário. A análise tem de ser contínua, sempre renovada.

É aqui que temos de perceber quem é dominante e quem é dominado. A força de situação (hegemônica, dominante) conta com o apoio de quem, com que intensidade (fidelidade total, circunstancial...), em que situações, com que custo, quais as estratégias de recrutamento, aliciamento, uso da máquina administrativa (recompensa, castigo), uso da mídia. O mesmo deve ser observado com relação à força de oposição.

Não esquecer, contudo, de dar especial atenção às forças que se apresentam como **Neutras**, omissas, apáticas. Quase sempre, nas horas mais cruciais do embate entre as forças beligerantes, estas são facilmente cooptadas pelas forças dominantes ou com maior poder aquisitivo. Perceber também entre as forças que estão atuando no cenário qual a força que está em ascensão e qual força está em queda, perdendo força. Ficar atento para os acordos, pactos, conchavos, coalizões, fusões, incorporações e coligações.

A verdade é uma só, estamos o tempo todo, em todos os lugares, lutando para ocupar o melhor espaço possível. A sociedade é um grande cenário de luta por espaço. Querendo uma pessoa ou não, ela faz parte das forças em enfrentamento, como cidadão, pai, eleitor, consumidor, torcedor, membro de uma igreja ou partido político. Estamos todos nesta luta e somos todos políticos.

CONJUNTURA

No dicionário Luft encontramos a seguinte definição para a palavra Conjuntura: “*Conjunto de circunstâncias relacionadas. Confluência de acontecimentos*”. (1991, p.159). Já o Novo Dicionário Aurélio dá à palavra o seguinte sentido: “*situação nascida de um encontro de circunstâncias, e que se considera como o ponto de partida de uma evolução, uma ação, um fato*”. (1994, p. 456).

A Conjuntura é composta por elementos flexíveis, dinâmicos “[...] a sociedade atravessa distintas fases ou momentos em seu desenvolvimento histórico. Estes momentos que mudam a sociedade se chamam Conjunturas”. (FASE: 1979, p. 07).

Percebemos, então, que a Conjuntura é construída no Momento Histórico que uma determinada sociedade experimenta. Em um determinado momento e lugar há o encontro de fatores que leva à produção de um determinado fato/acontecimento histórico. Os fatos são produzidos pela combinação/encontro de diversos fatores. A realidade, portanto, é multicausal, multifacetada. Daí a necessidade de se buscar um método que possibilite a

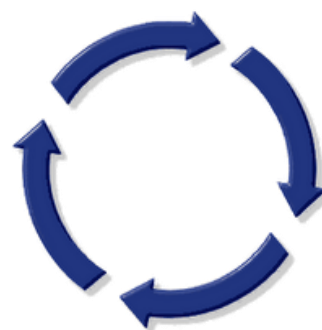
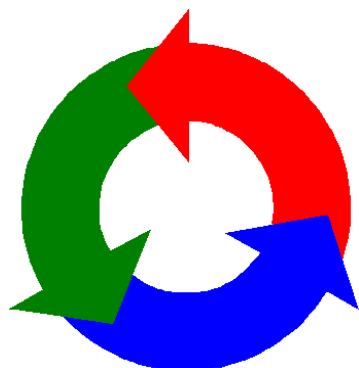
leitura coerente dessa realidade como um todo, cujas forças se encontram gestando o fenômeno do Momento Histórico.

Nesse sentido uma Conjuntura nunca poderá se repetir, porque a intensidade e o número das forças que atuam em determinado momento dificilmente vão ser reproduzidos fielmente, em especial porque o tempo não se recupera, armazena ou manipula. Cada momento é único na sua relação com o tempo. Assim, cada acontecimento é **Datado Historicamente**.

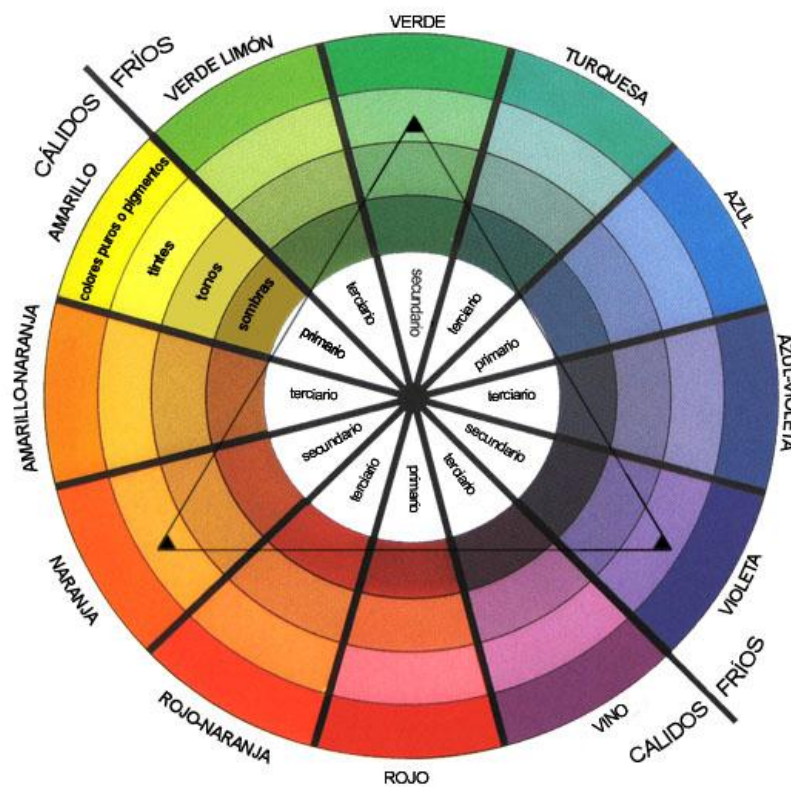
É interessante distinguir **Tempo Histórico** de **Tempo Cronológico**. O tempo cronológico é aquele estabelecido por uma convenção. Na nossa sociedade estabelecemos que estamos no ano 2013 depois do nascimento de Jesus Cristo. Os judeus, maias, hindus e chineses possuem outros calendários e outras convenções para estabelecer uma cronologia do tempo, enquanto muitos povos sequer possuem calendários definidos. Independente de estarmos no ano 2013 ou 3600, estamos no tempo histórico da Terceira Revolução Industrial, que está levando a humanidade à globalização. Tempo que transformou a terra em uma Aldeia Global. Nosso tempo histórico é o tempo do Império Norte-Americano, o tempo da Pax Americana. Já tivemos, por exemplo, a Pax Romana, estabelecida pelo Império Romano, e a Pax Britânica, estabelecida pelo Império Inglês. A humanidade está caminhando para a Pax Chinesa? É provável!

Se tivéssemos de representar com uma figura o nosso conceito de Conjuntura, como o representaríamos?

Bem, os dois primeiros desenhos (que mostramos logo abaixo) não servem, porque passam a ideia de causa-efeito. Isso é, uma coisa leva à outra, sucessivamente. Esse é um pensamento muito simplificado da realidade e, na maioria das vezes, nos leva a incorrer em sérios erros de avaliação da realidade sócio-política. A relação causa-efeito é muito eficiente em laboratórios, onde se trabalha com pesquisas quantitativas na área da biologia, física, química. Acontece que a sociedade é muito mais complexa e exige, para sua compreensão, a utilização de métodos mais sofisticados, complexos.



O círculo mostrando as cores e como elas podem ser combinadas para originar novas tonalidades e cores parece ser interessante para representarmos conjuntura. Elementos se combinam e criam um outro elemento, sendo que essas combinações são infinitas, já que podemos manipular quantidades e intensidades diferenciadas de cada cor.



Aqui temos uma figura interessante também. Quatro setas de cores diferentes indicando o centro do círculo. Ou seja, quatro fatores incidindo no mesmo ponto, no mesmo momento, criando um determinado fato social. Mudando uma dessas setas, ou colocando novas setas, a realidade muda instantaneamente. A conjuntura é a fotografia do exato momento em que as quatro forças se relacionam, se combinam, se chocam, naquele ponto exato.



É claro que a Conjuntura é muito mais complexa e geralmente está sendo composta por um número muito maior que quatro elementos combinados. Tente visualizar a conjuntura como aquele ponto no centro do círculo. Aquele ponto foi criado pela contribuição de todas as setas que saem do aro em direção ao centro. Naquele momento, com todos os fatores combinados, temos a “conjuntura X”. Incluindo novas setas, ou retirando algumas, teríamos outra composição no centro e a conjuntura Y ou W. A “conjuntura X” é construída por uma combinação de fatores (setas) específica e datada historicamente.



Para ter uma exata compreensão da realidade a sua volta a pessoa tem de se esforçar para perceber o máximo de fatores possíveis que estão convergindo para o centro, contribuindo para a formação do fenômeno alvo do estudo. Quantos mais fatores (setas) uma pessoa conseguir detectar, mais ela está conseguindo decompor a realidade. Perceber todas as peças que compõem uma figura é essencial para ter a visão do todo. Dificilmente a pessoa que consegue ter uma visão total, globalizada (360 graus) vai ser surpreendida em sua análise. Ela viu todas as possibilidades, todas as variáveis, todas as forças em ação que contribuíram, direta ou indiretamente, para que a conjuntura fosse amarela e não vermelha.

ESTRUTURA

Apesar das pessoas terem a impressão de que veem tudo o tempo todo, isso geralmente não ocorre. Vamos dar como exemplo um edifício. Quando alguém olha para um edifício vê apenas aquilo que está à mostra. Se pedir para uma pessoa desenhar um edifício a grande maioria vai desenhar esse edifício do jeito que está na foto abaixo, sem os pilares de sustentação.



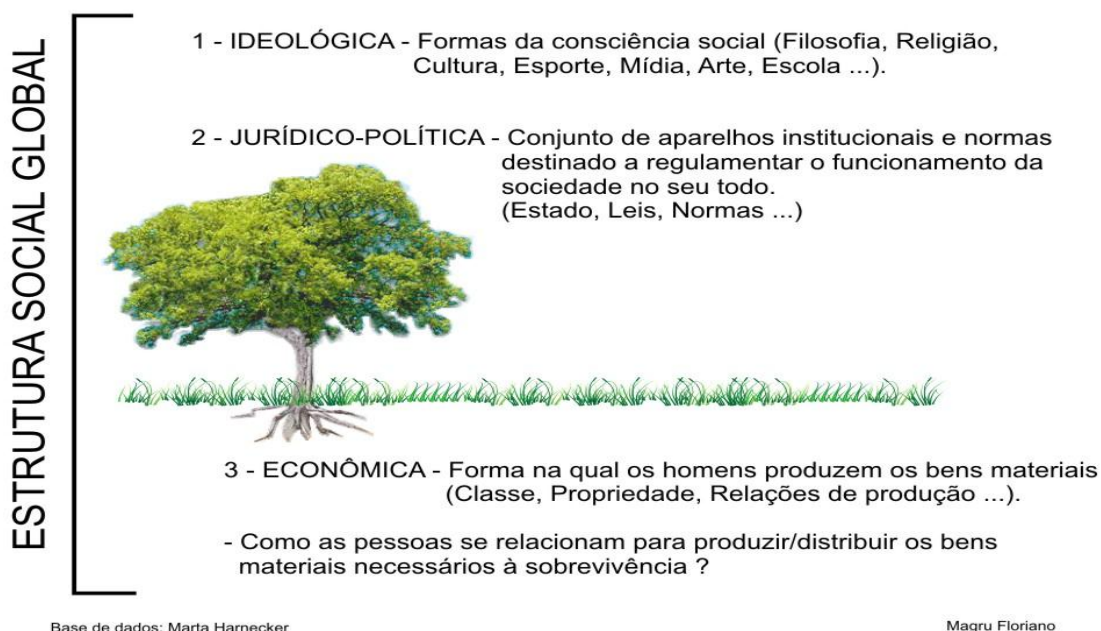
Ou seja, apesar de tecnicamente ser impossível se construir um edifício sem a infraestrutura (base), poucas pessoas lembram dela como parte constituinte do edifício. Só lembram de desenhar a parte visível. A parte enterrada, que ninguém vê, fica fora do desenho. Mas, isso significa dizer que a parte “não vista” e “não desenhada” é a parte menos importante do edifício? Claro que não! Sem essa base o prédio simplesmente não se manteria em pé, não é mesmo?

Mas, se a estrutura da base é fundamental para manter o edifício em pé, porque desenhamos sempre um edifício sem esses alicerces? Assim, também costumamos representar a nossa sociedade. Apesar dela ser constituída por duas grandes estruturas (uma visível a olho nu e outra escondida, subterrânea), quando tentamos analisar seus fenômenos lembramos de olhar apenas para a parte que está visível e falamos somente sobre ela. Vale aqui também a figura de um iceberg, uma árvore ou um navio.



“A estrutura de uma sociedade é formada por sua economia, quer dizer, a forma como está organizada para produzir, e também por seus aspectos políticos e culturais: o Estado, organizações sindicais, os partidos, a educação, a cultura, etc”. (FASE: 1979, p.10).

Para efeito de estudo a estrutura social pode ser dividida em duas grandes estruturas: **Infraestrutura** e **Superestrutura**. (Karl Marx e Materialismo Histórico e Dialético)



Na infraestrutura vamos encontrar as **Relações de Produção**. Ou seja, temos de perceber como que os integrantes da sociedade que estamos estudando se organizam para viabilizar a existência do grupo. O que eles precisam para se manter vivos, como produzem e distribuem esses bens entre si. O conjunto dessas relações de produção nós vamos chamar genericamente de **Modo de Produção**.

Ao longo de sua história a humanidade já experimentou inúmeros modos de produção. Apesar de vários modos de produção poder coexistir em um mesmo espaço e época, sempre há um tipo de relação que se torna hegemônico, dominante em determinado momento na história da humanidade. Assim, apesar de termos no interior do Brasil grupos de nativos (índios) que mantêm relações do tipo **Comunismo Primitivo**, e fazendas que mantêm uma estrutura do tipo **Feudalismo** e até do tipo **Escravidão** (escravos por dívida),

podemos afirmar que as relações que predominam na sociedade brasileira são relações de produção típicas do **Capitalismo**. O modo de produção predominante, hegemônico, na sociedade brasileira é o Modo de Produção Capitalista.

Estudando a estrutura da sociedade brasileira percebemos que esta sociedade, no ano de 2013, estabelece relações entre os grupos produtores que se enquadram dentro do modelo capitalista. A sociedade capitalista tem como principal característica do seu sistema produtivo a existência de duas classes fundamentais: a **Classe Patronal** e a **Classe Trabalhadora**. A classe patronal é detentora dos **Meios de Produção** (máquinas, prédios, terra) e do **Capital** (valor acumulado para investimento na produção). Já a classe trabalhadora tem como única propriedade a sua mão-de-obra. A classe patronal é minoritária e domina, controla as estruturas sociais, porque retém para si praticamente toda a riqueza que é produzida através do trabalho.

PANELA DE PRESSÃO

Na sociedade capitalista, em particular na sociedade brasileira, é importante perceber que entre as classes patronal e trabalhadora existe uma **Classe Média**, constituída por pequenos e médios empresários e proprietários; trabalhadores de nível mais elevado, como funcionários públicos (juízes, políticos, técnicos etc); dirigentes da economia privada (engenheiros, contadores, administradores etc); profissionais liberais (advogados, médicos, dentistas etc). (Ver Darcy Ribeiro).

A importância desta classe está justamente no fato de que ela serve como um amortecedor na relação conflituosa mantida entre as classes patronal e trabalhadora. O sistema funciona através de uma lógica muito parecida com o sistema operacional de uma panela de pressão. Veja:

Ninguém tem dúvidas de que uma panela de pressão é muito mais eficiente e eficaz do que uma panela comum. Ela é construída com um material que suporta, por exemplo, dez libras de pressão. Então, contando com um sistema de válvula, quando o interior da panela atinge o nível nove, por segurança, a válvula começa a liberar gradativamente uma quantidade determinada de ar, para manter a pressão interna estável e mais alta possível, mas sem correr o risco de explosão. Veja bem, a panela não libera todo o ar, mas também não é fechada totalmente. Se liberar tudo, vira uma panela comum e perde toda sua eficácia. Se não liberar o excesso, explode.

Assim funciona a sociedade capitalista. Imagine que na nossa sociedade as pessoas ficam trancadas, retidas em uma determinada condição sócio-econômica. Por exemplo, quem nasceu pobre está condenada a morrer na pobreza. Faz de contas que essas pessoas, em grande número, estão dentro de uma panela. Quando se acende o fogo (que seriam figurativamente os problemas sócio-econômicos enfrentados por essas pessoas, tais como: desemprego, inflação, baixo salário, violência, falta de moradia, educação sem qualidade, baixo nível de consumo etc) é natural que a pressão interna da panela vá aumentando, tornando as condições de sobrevivência das pessoas cada vez mais insuportáveis. A panela, portanto, está correndo sérios riscos de explodir. Ou seja, a sociedade está correndo o risco de experimentar um período crítico de instabilidade, com o surgimento de Guerra Civil, Revolução, Anomia, etc.

Mas, se o sistema liberar os mais espertos, rápidos, inconformados, ele pode manter toda a estrutura em plena segurança, apesar da maioria estar vivendo em condições desfavoráveis. E é isso justamente o que acontece. Através do sistema conhecido como **Mobilidade Social**, uns poucos privilegiados acabam saindo da panela e ficando fora do sistema de pressão (dominação). Além de evitar que o sistema entre em convulsão, a minoria que conseguiu sair do sufoco por seus méritos e esforço, serve como modelo. Isto é, ela é utilizada como exemplo nos discursos criados e reproduzidos sistematicamente nas instituições superestruturais (escola, igreja, meios de comunicação).

Como alguns conseguiram sair e se dar bem na vida, então se pode dizer o seguinte para a maioria que não teve condições de fazer o mesmo: *“Olha, se você está na miséria, a culpa é exclusivamente sua. Talvez você não seja esforçado ou esperto o suficiente... Veja o caso do Sílvio Santos que era camelô e virou um dos maiores empresários do Brasil. Veja o exemplo do Delfin Neto, que de engraxate chegou a ser Ministro e Deputado Federal. Veja o exemplo de Fulano”* é o famoso mito do **Self-made-man** (o homem que se faz sozinho). Começou do nada e ficou grande. Construiu o seu império apenas com seu trabalho e determinação.

INDIVIDUALISMO E PROPRIEDADE PARTICULAR

Tudo isso só funciona porque as pessoas passam a ter o direito à liberdade individual e ao livre-arbítrio. O Sistema é montado em cima da vontade e interesse privados – o famoso individualismo. Na medida em que a pessoa se esforça para vencer na vida (self-made-man) ele tem a garantia de que tudo o que conseguir arrecadar vai ser de sua

propriedade exclusiva. Não precisa dividir com ninguém. É a lógica da **Propriedade Privada**. Se não fosse instituída a propriedade privada o sistema não seria possível, porque a pessoa não iria dar o melhor de si para depois dividir tudo com todos. Por isso que, no longo prazo, todas as sociedades igualitárias (onde tudo é dividido entre todos igualmente) são muito menos produtivas que o capitalismo.

Imagine três maratonistas com a mesma capacidade produtiva: Otelo, Iago e Cássio. Por diversos fatores, aleatórios à vontade pessoal, na primeira corrida Otelo conseguiu alcançar a marca de quinze quilômetros, Iago conseguiu chegar a dez quilômetros e Cássio apenas cinco quilômetros. Como recompensa os três ganharam um copo d'água. Na segunda corrida, Otelo aprimorou ainda mais sua técnica e também se esforçou um pouco mais, conseguindo alcançar a marca de vinte quilômetros, enquanto os dois companheiros de corrida mantiveram suas marcas anteriores. Mas a recompensa foi novamente igual para os três..... e assim sucessivamente.

Por quanto tempo Otelo vai continuar se esforçando e quebrando seus limites? Quantos o seguirão?

Mas, se o Sistema recompensar individualmente, tudo fica diferente, porque cada um vai dar o melhor de si, uma vez que vê vantagem pessoal em ser o melhor. Desta forma, através da posse individual, o capitalismo pode contar com o maior esforço de cada indivíduo, e de forma voluntária, se transformando no sistema mais produtivo da história da humanidade. Na questão da produtividade ele é imbatível. Seus feitos econômicos realmente são extraordinários e sem precedentes na história da humanidade.

Porém, nem tudo é um mar de rosas no capitalismo. O regime de propriedade privada acarreta a **Concentração da Riqueza** nas mãos de poucos, levando a maioria da população a sofrer sérias dificuldades econômicas. Os Estados Unidos, por exemplo, abrigam cerca de trinta milhões de pobres e mendigos, sendo que no Brasil esse número pode chegar aos sessenta milhões.

Isto significa dizer que a sociedade capitalista resolveu plenamente os problemas que enfrentava na produção dos bens necessários para garantir a existência de sua população. A agricultura, por exemplo, produz comida para alimentar, com sobra, os mais de seis bilhões de habitantes da terra. Acontece que o sistema centra todo o seu esforço no processo de produção, relegando a um segundo plano a questão da distribuição.

Então fica evidente que, no longo prazo, o sistema igualitário é muito menos produtivo do que o sistema que diferencia as pessoas a partir da sua performance

individual, que compensa cada um a partir de seu mérito pessoal. Agora, é claro, resta questionar se não valeria a pena termos uma sociedade menos produtiva mas, em compensação, mais justa com a maioria. Por outro lado, é justo socializar a pobreza? Como podemos perceber aqui começa a entrar a parte final de uma análise, que é justamente a parte da avaliação, opinião, conclusão de cada analista.

SOCIEDADE DE MERCADO

A sociedade capitalista é uma **Sociedade de Mercado**. Nela tudo que é produzido vira **Mercadoria**, e é objeto de consumo. Desta forma o que é produzido por todos os trabalhadores acaba não chegando às mãos de quem precisa, mas nas mãos de quem tem interesse e dinheiro para comprar. Esta é uma grande contradição do sistema: a produção é socializada – todos são levados compulsoriamente ao trabalho -, enquanto a distribuição é individualizada – fica com o bem produzido aquele que tem dinheiro.

O **Mercado** é gerido pela **LEI DA OFERTA E DA PROCURA** (Princípio econômico que estabelece que o valor de uma mercadoria está diretamente vinculado à relação entre quantidade oferecida e nível de procura desta mesma mercadoria no mercado consumidor). Assim, uma mercadoria que é mais ofertada do que procurada tem seu valor de mercado menor e vice-versa.

Esta lei é cruel para o trabalhador sobre vários aspectos, notadamente pelo fato do trabalhador não ter posses e rendas, sobrevivendo da sua disposição em transformar sua mão-de-obra (capacidade de produção) em uma mercadoria que tenta vender ao patrão, proprietário dos meios de produção e capital. O trabalho, portanto, se transforma em uma mercadoria que é negociada no **MERCADO DE TRABALHO**. Devido às sucessivas Revoluções Tecnológicas, cada vez mais o Patrão está precisando comprar menos quantidade da mercadoria trabalho, fazendo com que haja um excesso de oferta, e o conseqüente declínio do seu valor no mercado. Assim, o trabalho vale cada vez menos e as dificuldades do trabalhador aumentam.

Na sociedade de mercado o trabalho vira mercadoria. O sistema vai conferir ao patrão a liberdade de comprar mão-de-obra e vai dar ao trabalhador a liberdade de vender mão-de-obra. Os dois polos se encontram no mercado de trabalho. O patrão visa obter, através do uso sistemático da **Força-de-Trabalho** o **LUCRO**; enquanto o trabalhador, ao alienar sua mão-de-obra, visa à manutenção de sua existência. Tudo o que é produzido no encontro entre as forças capital e trabalho vai para o mercado (ambiente onde se processam

as relações de troca) virando mercadoria (tudo aquilo que é produzido visando à relação de troca). A aquisição destas mercadorias se dá de forma individual, privada. Ou seja: quem tem dinheiro compra.

Desta forma é que surgem os **EXCLUÍDOS** (grande contingente de pessoas que acabam ficando fora do sistema produtivo oficial e legal). Isto pode ocorrer por falta de emprego, invalidez, desobediência às regras sociais, idade etc. A exclusão promovida pelo sistema pode ser catalogada em três tipos básicos:

a) **CONSENTIDA**: formada por desempregados ou insatisfeitos com o sistema de assalariamento (renda muito baixa). Esse grupo de excluídos é consentido porque sua ação não se contrapõe aos interesses e lógica do sistema, muito pelo contrário, uma vez que eles continuam produzindo em uma estrutura paralela à oficial, sem pagar impostos etc. Quer dizer, na medida em que o próprio sistema produtivo oficial não tem a capacidade de incorporar todo mundo, oferecendo trabalho e boa remuneração, então pelo menos que esses trabalhadores excluídos arrumem um *jeitinho* de se manter por conta própria. Aí surge a economia informal (ambulantes, sacoleiros), os apontadores do Jogo do Bicho, flanelinhas e pequenos prestadores de serviço.

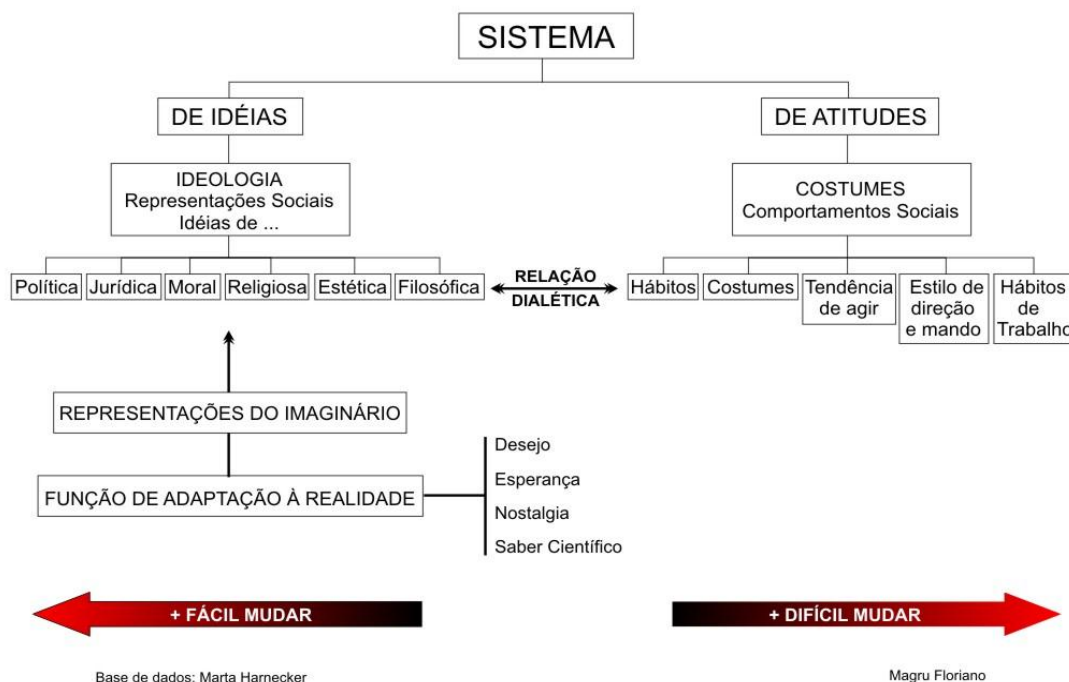
b) **PROTEGIDA**: formada por aqueles que serviram fielmente ao sistema produtivo, mas que, momentaneamente ou de forma definitiva, estão operacionalmente impossibilitados de produzir. Apesar de não produzirem, eles serviram ao sistema e há o compromisso de protegê-los como recompensa. É o caso dos desempregados temporários, doentes, aposentados, drogados.

c) **REPRIMIDA**: formada por aqueles que deixaram o mercado de trabalho, ou nunca conseguiram entrar nele, e que atentam contra os fundamentos do sistema: propriedade particular e o direito à vida. É o caso dos sequestradores, ladrões, psicopatas, golpistas, traficantes etc.

O estado capitalista monta uma grande estrutura para abrigar os excluídos não produtivos através das instituições-depósito ou instituições assistenciais e de apoio, como preferirem. São os asilos, abrigos de menores, penitenciárias, hospitais, manicômios etc. Evita desta forma que esta massa de excluídos se volte contra a estrutura produtiva

causando prejuízo ainda maior. Como o número de excluídos tende a aumentar com o avanço tecnológico e a globalização, cada vez mais aumenta a importância do estado, que intervém na economia e na sociedade para evitar a convulsão social; de um lado estabelecendo programas de reforma agrária, seguro desemprego, aposentadoria compulsória, incentivo à criação de novos postos de trabalho, frente de trabalho etc; de outro, reprimindo de forma enérgica e violenta os crimes contra a propriedade privada e a vida.

SUPERESTRUTURA



As relações de produção formam a base que sustenta as instituições sociais (superestrutura). Isso significa dizer que as instituições superestruturais (igreja, escola, polícia, justiça, meios de comunicação) não surgem do nada, misteriosamente como os castelos flutuantes das histórias em quadrinhos. Elas não possuem existência própria e completa autonomia. As instituições são determinadas pelas relações de produção e pela Conjuntura. São, portanto, instituições datadas historicamente, que agem de acordo com as **Condições Objetivas**. (Ver Carlos Cafieiro).

A tendência dessas instituições é de reproduzir e justificar todos os valores e lógicas de relações (dominação, cooperação, exploração etc) cultivadas na infra-estrutura. Por isso se fala que estas instituições são **Aparelhos**, estruturas a serviço do sistema. Divide-se estes aparelhos em dois tipos básicos:

a) **Ideológicos**: Buscam a adesão das pessoas ao sistema produtivo via convencimento, condicionamento, manipulação de ideias e valores etc. Exemplo de Aparelhos Ideológicos de Estado: imprensa, escola, igreja, partido político.

b) **Repressivos**: Buscam a adesão das pessoas via aparato repressivo e coercitivo, com atos de força, pressão e repressão. Exemplo de Aparelhos Repressivos de Estado: polícia, exército, justiça etc. (Ver Althusser).

Desta forma, para se compreender os fenômenos que vivenciamos como **Agentes Sociais**, membros participantes de uma determinada instituição, temos de observar como esta instituição se vincula à infra-estrutura. Como ela se mantém em nível econômico. De onde ela tira as condições materiais para existir e que tipo de relações tem de apoiar/praticar para poder ganhar como recompensa a viabilização de sua existência. As instituições são sistemas vivos e precisam lutar por sua existência. Compreender como conseguem a sobrevivência é fundamental para se ter uma visão consciente de todo o sistema.

No caso específico da sociedade brasileira não se recomenda olhar sua realidade pelo ângulo purista, do Determinismo Econômico. É sabido que nossa realidade possui especificidades que nos remetem a considerar como relevantes não apenas os fatores econômicos, mas igualmente os fatores culturais e políticos. (Ver Antônio Gramsci, Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto, Luis Pereira...).

ARTICULAÇÃO/RELAÇÃO ENTRE ESTRUTURA E CONJUNTURA

“A questão aqui é que os acontecimentos, a ação desenvolvida pelos atores sociais, gerando uma situação, definindo uma conjuntura, não se dão no vazio: eles têm relação com a história, com o passado, com relações sociais, econômicas e políticas estabelecidas ao longo de um processo mais longo. Uma greve geral que marca uma conjuntura é um

acontecimento novo que pode provocar mudanças mais profundas, mas ela não cai do céu, ela é o resultado de um processo mais longo e está situada numa determinada estrutura industrial que define suas características básicas, seu alcance e limites. Um quadro de seca no Nordeste pode marcar uma conjuntura social grave, mas ela deve ser relacionada à estrutura fundiária que, de alguma maneira, interfere na forma como a seca atinge as populações, a quem atinge e como”. (SOUZA: 1994, p.14).

Cada momento histórico possibilita uma combinação específica, única, inédita, entre superestrutura e infra-estrutura. Esta articulação denominamos de **Bloco Histórico**. Através do conceito de bloco histórico ganhamos a condição de fazer uma leitura do todo social. Conseguimos ter uma visão globalizada, totalizante. Isto também significa reconhecer que, apesar da infra-estrutura ser determinante na formação da superestrutura, o mais importante é a forma como as duas se relacionam e combinam, em um determinado momento histórico. Não se trata, portanto, de dizer que a economia é que manda na sociedade, porque a combinação entre as estruturas em um determinado momento histórico é que dita o rumo das coisas. (Ver Antônio Gramsci).

O importante é perceber o conjunto, o todo “*A reciprocidade e organicidade entre o estrutural e o superestrutural, o vínculo concreto entre as forças materiais e as ideologias, entre o econômico-social e o ético-político em cada momento histórico [...]*” (SCHLESENER: 1992, p.17).

Então, dentro do conceito ampliado de análise é necessário se fazer dois movimentos contrários, mas complementares: primeiro, o movimento em direção à análise, ao decompor os elementos encontrados na sociedade (conjuntura, infra e superestrutura); segundo, o movimento em direção à síntese, ao aglutinar, combinar estes mesmos elementos, só que de forma metódica, organizada, científica, possibilitando o surgimento do novo.

Primeiro você desmonta... depois você monta com o seu toque especial, único.

CAPÍTULO III

OUTRAS CONTRIBUIÇÕES

O método utilizado para leitura do mundo, mais utilizado aqui nesse trabalho, tem seus fundamentos na **Filosofia** denominada de **Dialética Materialista** e na **Sociologia** denominada de **Materialismo Histórico**. Contudo, foram utilizados saberes de autores com tendências filosóficas e científicas diversas, desde Émile Durkheim a Friedrich Nietzsche. Toda essa literatura está relacionada no final da obra com o título de “referência bibliográfica”. Evitamos ao máximo usar textos copiados “*ipsis litteris*” desses autores, optando por, na medida do possível, compormos nossos conceitos.

Alguns conceitos precisam ser melhor explicados, porque podem nos ajudar muito na árdua tarefa de promover boas análises. É o caso do conceito que temos de PRÁXIS. No nosso entendimento o conceito de *práxis* nos abre caminho para um pensamento mais aberto e consciente da realidade.

PRÁXIS

O conceito de *práxis* envolve uma relação básica entre o pensar e o agir, a ideia e a ação derivada da ideia. Uma síntese dessa relação produtiva entre pensar e agir é o famoso *slogan* DITO E FEITO. Contudo, não podemos ficar na simplificação de entendermos *práxis* tão-somente como o somatório de pensar + agir. Temos de perceber que a realidade é construída em um processo contínuo (processo histórico). Então, a figuração mais próxima do que vem a ser *práxis* é a seguinte:



PRÁXIS = IDEIA → AÇÃO → REFLEXÃO → NOVA AÇÃO → REFLEXÃO → NOVA AÇÃO → REFLEXÃO ...

No nosso entendimento a aplicação prática desse conceito no nosso dia-a-dia nos proporciona os seguintes ganhos:

Consciência – a pessoa estará sempre consciente dos seus atos uma vez que pensa antes de fazer e, melhor ainda, pensa depois de fazer para corrigir erros e aprimorar técnicas. Estamos diante de alguém de pensa ao agir e depois de agir, tendo consciência de mundo. Por estar sempre refletindo para melhorar o que faz tem uma compreensão do mundo como processo histórico. Há uma consciência de que tudo é processo. A consciência histórica de mundo. Compreende que nada surge por acaso e que nada acontece ao acaso. Tudo é processo, consequência direta da somatória de esforços de determinados elementos que combinados possibilitam determinada conjuntura.

Coerência – a pessoa estará sempre agindo de forma coerente, porque está consciente de que não deve pensar somente por pensar. O que pensa tem uma relação direta com o que faz. A coerência é necessariamente a afinidade entre pensar e agir. Aqui fica desfeita a máxima da tradição cultural: “Faça o que digo, não faça o que faço.”

Outro ponto importante da coerência vinculada ao conceito de *práxis* diz respeito ao comportamento diante da mudança. Como o conceito nos remete à leitura da realidade como algo dinâmico (processo histórico) onde “tudo flui, tudo se transforma, tudo está em contínuo movimento” aceita-se como natural e necessário os processos que envolvem mudanças. Aquele que insiste em permanecer com ideias fixas sobre uma realidade que muda o tempo todo (porque recebe a ação humana) não é coerente, mas teimoso. Muitas pessoas consideram coerência o que não passa de teimosia.

Se a realidade a nossa volta muda o tempo todo, é coerente nós acompanharmos essas mudanças. Coerência é o esforço da pessoa em aproximar o máximo possível, naquele momento, o **pensar** do **fazer** e a **prática** da **teoria**, e vice-versa. Há momentos que a realidade nos permite aproximar mais a teoria da prática e, tem momentos, que essa aproximação fica um pouco mais dificultada. Essa impossibilidade de termos 100% de aproximação entre teoria e prática dá-se por um motivo óbvio: o homem não domina todos os fatores que estão incidindo sobre a realidade em que está envolvido.

Podemos dizer que a coerência funciona por **approach: esforço intelectual e físico de aproximar o máximo possível o pensar do agir**. O FEITO tem de estar mais próximo possível do DITO.

Engajamento – a pessoa que busca a coerência e consegue, para aquele momento, a melhor aproximação possível entre agir e pensar, acaba sendo uma pessoa que tem compromisso com suas ideias e de seu grupo. É uma pessoa comprometida com ideias e se engaja aos processos que estão diretamente vinculados a sua realização. Uma pessoa que tem a convicção que o melhor para a sociedade são as ideias do Socialismo Democrático, por exemplo, vai se engajar nos movimentos sociais que defendem esse ideário. Poderá se filiar a partidos políticos como PSB e PDT, ou uma tendência moderada dentro do PT.

Humildade – a tendência da pessoa de se propor a refletir continuamente sobre sua ação visando melhorá-la, corrigindo erros em busca de um domínio técnico melhor, a coloca em uma perspectiva de humildade científica. Ou seja, a pessoa sabe que não é perfeita e que tem muita coisa para corrigir no modo como pensa e no modo como age. Tem consciência que os resultados a colher podem ser ainda melhores e usa o instrumento da reflexão para obter esses resultados.

Portanto, a pessoa tem esse sentido de humildade técnica. Uma postura diante do mundo de ter consciência de seus erros, admiti-los, com o objetivo de superá-los. Essa é a verdadeira humildade: o reconhecimento que pode e deve fazer melhor.

Críticidade – a pessoa está inserida em um processo de visão global. Aprendeu a pensar antes de fazer e a pensar depois de fazer. Aprende consigo mesmo, com seus erros e acertos. Aprende a ver, a ler sua própria obra e a corrigi-la. Ganha uma postura crítica diante das coisas do mundo porque aprende a ler verdadeiramente as coisas do mundo, sem mentiras ou falsidades. Está errado e consegue ver isso com nitidez. Está errado e consegue ter forças para corrigir.

Aqui vale destacar a diferença entre **críticidade** e **cretinice**:

Muitas pessoas são simplesmente inconvenientes por entenderem no direito de dizer “a verdade doa a quem doer”, de ser “sincera”, etcetera e tal. Outras, entendem que são críticas porque conseguem ver sempre algo de errado nas coisas. Pior, conseguem sempre ver apenas o que está errado.

Não é bem assim. Primeiro porque a verdade é uma construção da subjetividade humana. Ou seja, só é verdade aquilo que eu construo como tal e, portanto, é válido somente para mim.

Já a criticidade é algo um pouco mais complexo. Aquele que se diz crítico muitas vezes não passa de um negativista doentio, ou simplesmente um cretino, porque tem a capacidade de apenas destruir as coisas sem que consiga colocar algo melhor no seu

lugar. O cretino é um destruidor, serve muito para trabalhar em empresas de demolição, em aterros sanitários, ou em crematórios públicos, e só.

O crítico, contudo, é uma pessoa especial, que se diferencia largamente do cretino. Seu discurso é constituído por três elementos básicos: denúncia, anúncio e compromisso.

Denúncia – *em primeiro lugar a pessoa crítica tem a capacidade de compreender o mundo em sua volta, ver seus acertos e erros, ter crítica e autocrítica. Sabe analisar a conjuntura. Por este motivo está em condições de denunciar, dar um diagnóstico completo dos problemas;*

Anúncio – *após denunciar, mostrar, evidenciar quais os problemas existentes, a pessoa crítica passa à etapa do anúncio. Qual seja, para cada problema ou denúncia ela busca estabelecer possíveis soluções. Estas propostas não são imperativas, impostas, mas elaboradas em forma de contribuição para o debate democrático com o seu grupo;*

Compromisso – *aquele que tem a compreensão dos problemas e a visão de possíveis soluções, agora tem a responsabilidade de se comprometer com as ações sociais que visam superar os problemas antes detectados.*

A pessoa crítica é uma pessoa construtiva, que só aceita destruir sob a condição de poder fazer algo melhor para colocar no lugar.

Como o mundo está cheio de meia-verdades e de cretinos, sobra aos críticos, muitas vezes, ter a sabedoria de não desistir jamais de participar socialmente. Não é fácil lidar com os donos da verdade e os cretinos, mas em compensação os frutos obtidos na batalha justificam, em muito, qualquer sacrifício.

Estratégia – *a pessoa que tem a condição da visão global de mundo consegue ver tudo dentro da perspectiva de processo histórico. Acompanha todo o processo. Sabe como um fenômeno surgiu e acompanha passo-a-passo seu desenvolvimento. Por ter essa visão de processo pode projetar o futuro. Sabe de onde veio, por onde andou e aonde provavelmente vai andar. A mente estratégica é justamente aquela que consegue projetar a melhor solução futura. A visão global lhe permite pensar a realidade contendo todas as variáveis, a perspectiva histórica lhe confere a faculdade de projetar caminhos e dirigir soluções. Há uma possibilidade de escolher resultados.*

Criatividade – *a pessoa que vê o mundo na sua totalidade sistêmica e na perspectiva histórica acaba tendo a condição de prospectar novas possibilidades. Vê muito mais do que todos os outros e encontra caminhos que os outros jamais pensaram poder existir. Vê tudo e, portanto, vê mais e melhor. A pessoa criativa é aquela que oferece a si mesma alternativas. Inventa a vida.*

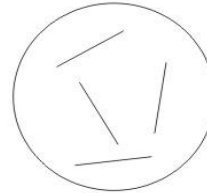
Livre-arbítrio – *Somente quem tem alternativas tem liberdade de escolha. A pessoa criativa oferece a si mesma alternativas. Ao escolher exerce liberdade plena. Tem a liberdade de arbitrar, decidir, sobre as coisas do mundo que lhe dizem respeito. Ter livre arbítrio é ser árbitro de sua vida. Arbitrar por conta própria o que deve e o que não deve ser feito e quando, como, onde e por que. É um sujeito histórico que usa sua liberdade plenamente. “Quem sabe faz a hora não espera acontecer.”*

Desenvolvimento – *O exercício contínuo de refletir sobre sua própria ação para refazê-la corrigindo erros e aprimorando técnica, obviamente, promove o desenvolvimento. A pessoa tem a possibilidade técnica de aprimorar sempre.*

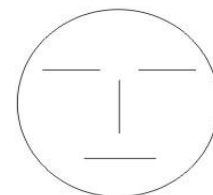
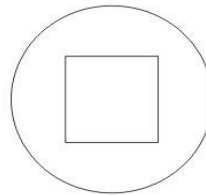
Historicidade – *a pessoa começa a se perceber como sujeito histórico. Aquele sujeito que tem a liberdade plena, o livre-arbítrio. Tem consciência que sua vida é um processo e que está no comando desse processo. Faz e acontece. Decide, opta e se engaja.*

REALIDADE

TOTALIDADE - "...Conjunto de elementos justapostos, que não têm nenhuma forma específica".



ESTRUTURA - "... Uma totalidade articulada composta de relações internas e estáveis que determinam a função que os elementos desempenham dentro desta totalidade."



CAPÍTULO IV

PRIMEIRA ANÁLISE: LEITURA DE FENÔMENO NATURAL

Ocorrência de enchentes no Vale do Itajaí

TEMA: uma tragédia anunciada

ACONTECIMENTO: enchente

CENÁRIO: Vale do Itajaí

TEMPO CRONOLÓGICO: novembro de 2008

TEMPO HISTÓRICO: Pax Americana pós-guerra fria

ATORES: Estado (União, Estado, Municípios), sociedade civil organizada (ONGs, igrejas, Meios de Comunicação, entidades filantrópicas, clubes de serviço), setor econômico (indústria, comércio, agricultura, serviço), sociedade civil (família, voluntariado)

ESTRUTURA: modo de produção capitalista

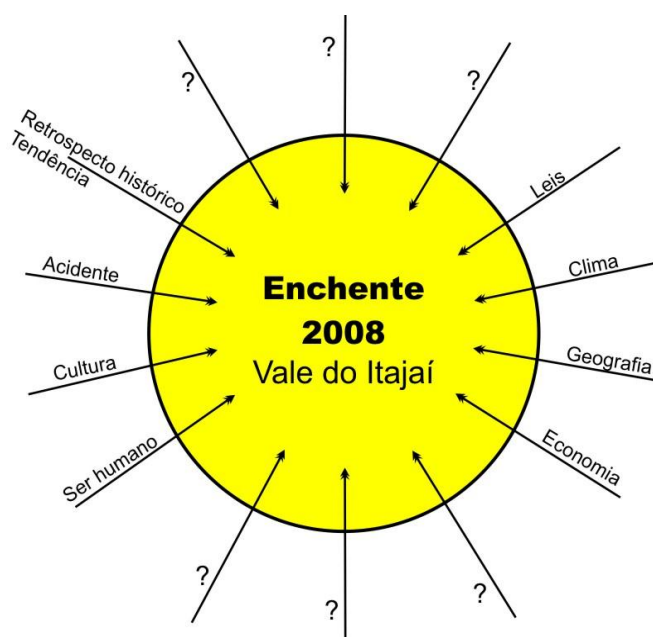
VARIÁVEIS:

- 1 – FATOR CLIMÁTICO – el Niño, efeito estufa, chuva contínua e intensa ...
- 2 – FATOR GEOGRÁFICO – localização do Vale do Itajaí, tipo de solo, nível das cidades em relação ao mar ...
- 3 – FATOR LEGAL – legislação que incide sobre a atividade humana e a capacidade do estado em fiscalizar/impor sua aplicação
- 4 – FATOR ECONÔMICO – crescimento econômico, expansão da fronteira agrícola, expansão urbana, pressão sobre a natureza (desmatamento, retirada de material, corte de morraria ...), emissão de resíduos sólidos (lixo industrial) ...
- 5 – FATOR HUMANO – crescimento populacional, litoralização de Santa Catarina
- 6 – FATOR CULTURAL – jeitinho brasileiro, progresso a qualquer custo, humanismo, emissão de resíduos sólidos (lixo doméstico) ...
- 7 – FATOR INFRAESTRUTURAL – represas, leitos dos rios, canais de retificação, molhe da barra do rio ...
- 8 – FATOR ACIDENTAL – explosão do gasoduto da Petrobras, força da correnteza do rio
- 9 – FATOR TÉCNICO – abertura das comportas das represas, dragagem do rio

10 – FATOR HISTÓRICO – ocorrência de uma grande enchente a cada dois anos desde 1850 (em média).

Em um primeiro momento podemos elencar esses dez fatores que incidiram de forma decisiva para que tivéssemos a ocorrência da tragédia de 2008 no Vale do Itajaí. Vamos perceber que durante nossa trajetória de elaboração da análise podemos lembrar de outros fatores. Também durante o exercício intelectual de formular a análise vamos reavaliando a importância de cada fator no desfecho do fenômeno que estamos estudando. No início podemos dar mais ênfase ao assoreamento dos rios e depois, considerar mais importante, o índice pluviométrico, e assim por diante.

Quer dizer, a análise tem de ser constante e contínua, uma dinâmica que dificilmente oferece um fim natural. Muitas vezes, depois de entregarmos relatórios técnicos sobre determinado fenômeno que analisamos, continuamos analisando a questão e chegando a novas conclusões. O relatório, portanto, espelha um momento da análise, como se fosse uma fotografia do processo analítico.



Como podemos perceber no gráfico acima, deixamos espaço para colocarmos novos fatores até então não relacionados em nossa análise. Não é o caso de inventarmos novos fatores. Trata-se da consciência de que sempre esquecemos alguma coisa ou de dar a devida

importância para determinado fator. Como vimos nos conceitos dialéticos de TOTALIDADE e ESTRUTURA, temos de fazer um esforço inicial para percebermos a totalidade. Isso significa dizer que temos de fazer de tudo para ver tudo que for possível naquele momento.

Por que usamos a expressão “naquele momento”? Porque o processo de conhecer é dinâmico e atua por acumulação em projeção geométrica. Isso significa dizer que uma porta abre outras, que abrem outras ... Sócrates disse certa vez, ao ser reconhecido como o homem mais sábio da antiguidade, que “*Só sei que nada sei*”. Ele disse isso porque tinha consciência de que uma certeza nos abre as portas de inúmeras outras dúvidas. Então, quanto mais você acumula certezas, mas dúvidas você tem. O homem inteligente (e era o caso de Sócrates) tem mais perguntas do que respostas, sempre. Aquele que tem respostas para tudo sem ter perguntas sobre tudo, não é sábio, é um tolo presunçoso.

Uma certeza nos leva sempre a novas dúvidas. Se tenho a certeza de que as crianças são trazidas por cegonhas, não tenho quase nenhuma pergunta a fazer, não é mesmo? Isso porque a resposta é falsa, ela não condiz com a realidade. Portanto, desconfie das respostas simples, perfeitas, herméticas (fechadas em si mesmas). Agora, se você tem a informação de que uma criança nasce do ventre de uma mulher, então em seguida você tem diversas dúvidas: como ela entrou lá dentro? Quem a colocou? Depois vem as informações sobre a biologia humana (homem e mulher), relação de gênero, casamento, família. Ou seja, um aprendizado longo, muito longo, sobre a sexualidade humana. A primeira resposta não leva a aprendizado algum, porque está estabelecida a partir de uma resposta falsa. É assim! pronto!

No caso da análise sobre as enchentes no Vale do Itajaí temos, de início, fazer um esforço intelectual no sentido de buscar reunir a totalidade dos elementos. Depois, em um segundo movimento intelectual, vamos tentar colocar esses elementos de forma sistêmica, organizada, um incidindo sobre o outro, em graus de importâncias nas relações mantidas entre si.

Algumas argumentações são facilmente desmanchadas por seus adversários porque buscam se basear em apenas um fator. Por exemplo. Os ecologistas mais simplistas garantem que as enchentes ocorrem porque o homem maltrata a natureza, derrubando as florestas, cortando os morros, destruindo as nascentes, acelerando o assoreamento dos leitos dos rios. Aí seu adversário pergunta: se a falta de consciência do homem na relação com a natureza é a causa principal da enchente, como é que você explica que os imigrantes

alemães detectaram uma primeira grande enchente em 1850, menos de um ano depois de iniciarem a colonização do Vale do Itajaí?

Quer dizer, as enchentes já existiam antes do homem branco habitar o Vale do Itajaí. Sendo assim, os fatores que estão relacionados à ação humana, isoladamente, não respondem à nossa questão fundamental sobre as enchentes no Vale do Itajaí e sobre a ocorrência específica da enchente de 2008. Devemos aprender que uma boa análise é aquela que não está embasada em apenas um fator, mas na combinação entre todos os fatores envolvidos no fenômeno estudado. Há uma combinação de fatores e estes fatores, obviamente, tem mais importância ou menos importância, dependendo do caso em estudo.

É como você querer fazer um bolinho de bacalhau. Obviamente que o ingrediente mais importante é a carne de bacalhau. Como posso fazer um bolinho de bacalhau sem bacalhau? De qualquer maneira tenho de considerar a existência de diversos outros ingredientes, como: farinha de trigo, batata, ovo, tempero verde, cebola, alho, sal... Alguns desses até posso substituir ou colocar em menor/menor quantidade. Agora, o sabor do meu bolinho de bacalhau não será fruto tão-somente do bacalhau, mas da combinação dos elementos utilizados. Se usar muita farinha de trigo, por exemplo, o bolinho fica duro como uma pedra e ninguém vai sentir o gosto do bacalhau. Se não tirar um pouco do sal contido na carne de bacalhau, como ficará o sabor? Há uma combinação a ser respeitada. Um equilíbrio ideal entre os elementos. Assim é a Conjuntura.

Que elementos estavam presentes e como esses elementos foram combinados para que ocorresse a enchente de 2008 no Vale do Itajaí?

No início dessa demonstração de como podemos elaborar uma boa análise enumeramos alguns fatores que estavam incidindo naquele momento para que ocorresse a enchente de 2008. Vamos tentar aprofundar um pouco mais cada um desses itens:

1 – FATOR CLIMÁTICO – el Niño, efeito estufa, chuva contínua e intensa ...

Talvez os fatores que mais foram explorados pelos técnicos, imprensa e ecologistas que promoveram análises ou emitiram opinião sobre as enchentes de 2008, foram justamente os fatores relacionados à meteorologia. Todos os técnicos fizeram referência a dois grandes fenômenos que estão incidindo sobre a geografia da América do Sul: El Niño e Efeito Estufa com o natural degelo das calotas polares.

O problema sobre incluir esses fatores em nossa análise é simples: os próprios cientistas ainda não entraram em consenso sobre a importância, grau de influência, desses

fatores sobre as enchentes no Vale do Itajaí. Mesmo assim, devemos considerar que esses fatores estão interferindo de forma direta. Com a ação combinada desses dois fatores temos uma tendência a maior precipitação de chuvas em determinados períodos, formando ciclos.

Devemos perceber, contudo, que em 1850, quando os imigrantes europeus começaram a colonizar o Vale do Itajaí, não tínhamos o fenômeno do Efeito Estufa. Mesmo assim tivemos enchentes grandiosas e destruidoras. Isso vale para ressaltar que os fatores climáticos não são suficientes para responder a nossa pergunta-chave sobre a ocorrência de enchentes no Vale do Itajaí.

Parece ser coerente concluir que esses fatores se combinaram em determinado momento, contribuindo para a ocorrência da enchente.

2 – FATOR GEOGRÁFICO – localização do Vale do Itajaí, tipo de solo, nível das cidades em relação ao mar ...

O Vale do Itajaí está localizado no Cone Sul da América e sofre diretamente a ação de determinadas correntes marítimas e aéreas. No ano de 2011 isso ficou bem evidenciado quando as cinzas expelidas por um vulcão no Chile obrigou o fechamento dos aeroportos de Joinville, Navegantes e Florianópolis. Os moradores de Itajaí, por exemplo, ficaram perplexos ao perceberem que seus carros amanhecera cobertos por uma fina película de cinza vulcânica.

Por outro lado, o tipo do solo encontrado em diversas cidades do Vale do Itajaí dá um tom trágico à incidência forte de chuvas. Acontece que muitos morros são compostos basicamente de argila, que sustentam pedras gigantescas. Com a chuva contínua (como foi o caso de 2008) a terra fica “gelatinosa”, cede ao peso das rochas e ocorrem grandes desmoronamentos. Foi o que ocorreu, por exemplo, no Município de Ilhota, na localidade de Baú. Muitas propriedades foram danificadas e muitas vidas humanas foram perdidas. Uma tragédia.

Quanto ao nível das cidades em relação ao mar muito já foi dito sobre esse fator. Itajaí é uma cidade que praticamente foi construída ao mesmo nível do mar, se considerarmos a maré alta que ocorre diariamente. O mar acaba represando naturalmente as águas do Rio Itajaí, que represam as águas dos seus afluentes, que alagam as regiões ribeirinhas, que foram invadidas por novos loteamentos populares ou plantações. O solo (desprotegido da mata nativa) acaba em grande proporção sendo depositado nos leitos dos rios, exigindo maior área de espraio das águas que descem o Vale em direção ao mar.

3 – FATOR LEGAL – legislação que incide sobre a atividade humana e a capacidade do estado em fiscalizar/impôr sua aplicação

O Brasil é um país exemplar em termos de leis. Todos os países do mundo elogiam as leis brasileiras. Contudo, existe uma grande lacuna entre “o dito e o feito”, entre o que está estabelecido em lei, e o que, efetivamente, o ser humano pratica e cumpre. A legislação prevê a manutenção de nascentes, mas na calada da noite, nos finais de semana, uma por uma das nascentes são aterradas, obstruídas para viabilizar distritos industriais, loteamentos populares, grandes obras de infraestrutura.

O fator legal é uma moeda de dois lados. De um lado está o estado que guarda em sua estrutura uma distância avantajada entre o que prevê e o que executa. De outro, está a sociedade como um todo, que joga toda a culpa no estado e faz de conta que nada do que está acontecendo tem a ver diretamente com suas ações predatórias.

Há um diálogo de surdo-mudo entre Estado e Sociedade de forma que prevalece sempre a impunidade. Toda análise que envolve catástrofes naturais devem incluir a questão da impunidade como fator relevante. Como o Vale do Itajaí deixa construir loteamentos populares em áreas que abrigavam até bem pouco tempo atrás plantações de arroz irrigado? Todos são surdos-mudos: estado, empresários, compradores das casas.

Em Itajaí temos loteamentos populares feitos em antigos arrozaís que a empresa construtora rebaixou (tirou terra) das ruas, para fazer de conta que os lotes estavam fixados em terreno alto. Na primeira enchente após a ocupação do loteamento seus moradores ficaram espantados, surpresos, quando a água cobriu o telhado de todas as casas. Muitos foram mais além, indo para a imprensa acusar as autoridades de não fazer absolutamente nada em favor dos pobres... Estado, empresários, consumidores fazem parte do mesmo processo, mas cada um faz de conta que nada, absolutamente nada, tem a ver consigo. A culpa é sempre do outro.

Aqui vale a lição de que determinados fatores podem ser agrupados por afinidade ou causa-efeito. Obviamente que o problema dos loteamentos populares está diretamente vinculado à estrutura da sociedade capitalista e sua grande concentração de riquezas nas mãos de poucos. Também pode se relacionar ao aumento excessivo da população humana (chegamos a 7 bilhões em 2011) e o fenômeno da litoralização da população catarinense com muitas pessoas deixando terras do interior e vindo para o Litoral Norte de Santa Catarina.

Uma boa análise comporta tentar agrupar alguns fatores por afinidade, criando **blocos** cujos fatores se relacionam entre si e por isso possuem uma lógica interna própria. É como se você criasse um fator dos fatores, ou um fator que representa um grupo de fatores. O crescimento populacional no Vale do Itajaí pode ser um fator que abriga em suas entranhas diversas outras variáveis menores.

Por exemplo, tendo em mãos os índices históricos de crescimento populacional do Vale do Itajaí, quando alguém argumentar que a maior enchente até hoje existente foi a de 2004 “porque atingiu um maior número de pessoas”, você vai relativizar essa afirmação do seu oponente, porque você consegue colocar a questão em perspectiva histórica e estabelecer uma proporção entre número de habitantes na época em que ocorreu a enchente e número de atingidos.

4 – FATOR ECONÔMICO – crescimento econômico, expansão da fronteira agrícola, expansão urbana, pressão sobre a natureza (desmatamento, retirada de material, corte de morraria ...), emissão de resíduos sólidos (lixo industrial) ...

Nos últimos anos o Brasil vem experimentando índices acentuados de crescimento econômico. Autores como Celso Furtado diferenciam crescimento econômico de desenvolvimento. Enquanto crescimento econômico nos remete à ideia de que estamos produzindo e acumulando riqueza, o conceito de desenvolvimento nos leva à ideia de que estamos crescendo economicamente com compromisso social. No primeiro caso a riqueza é concentrada nas mãos de poucos e fica livre de qualquer compromisso com o país e seu povo; no segundo caso a produção de riqueza está associada à melhor distribuição de renda e ações que melhorem a qualidade de vida de todos. O Brasil sempre cresceu economicamente e nos últimos anos (desde o início do Plano Real) vem ensaiando entrar na seara do desenvolvimento.

Mais riqueza produzida, criação de mercado interno forte, melhor distribuição da riqueza produzida internamente, permanência da riqueza dentro do país ... são elementos que fazem com que o Brasil comece a apresentar um alto desempenho no mundo capitalista. Acontece que o ritmo produtivo traz consigo suas exigências estruturais. O povo começa a consumir mais e na sobra de recursos acaba exigindo o melhor e em maior quantidade. Tem desperdício, tem supérfluo, tem compras dobradas ... O crédito facilitado acaba estimulando compras.

O mercado interno mais aquecido leva a um esforço maior sobre a natureza para buscar recursos naturais necessários para a produção. Há uma necessidade imediata de avançar sobre as florestas para ampliar a fronteira agrícola, com novas plantações e pastagens para o gado. Também há uma busca por melhores condições de vida nas cidades, estimulando ainda mais o êxodo rural, deixando o campo para a mecanização total. Novos loteamentos vão formando sucessivos cinturões de miséria na periferia das cidades. O aumento desordenado da periferia, sem estrutura e planejamento, forma pressão excessiva sobre o Estado Previdenciário, que tem a obrigação de fornecer aos mais necessitados creches, postos de saúde, escolas, água, luz, telefone, emprego ...

Estamos vivendo a sociedade do consumo pleno onde todos possuem carro, televisão, celular ... é o consumo pelo consumo, sem qualquer planejamento ou compromisso com o futuro. Tudo isso leva ao roubo de áreas que até então serviam para o rio respirar em épocas de cheias. Além de ter seu leito muito menos assoreado, o rio tinha bacias naturais que eram utilizadas para guardar grandes quantidades de água durante um determinado período. Quer dizer, a água não descia toda de uma vez só porque ficava represada em muitos bolsões ao longo do seu trajeto até o mar. Muita água do rio ficava nos pastos, nas várzeas. Estes mesmos pastos e várzeas que atualmente abrigam loteamentos.

5 – FATOR HUMANO – crescimento populacional, litoralização de Santa Catarina

Muito do que estamos assistindo em Itajaí tem a ver com uma nova formação do que antigamente qualificávamos como êxodo rural. Trata-se da litoralização da população brasileira de um modo geral e da população catarinense de modo específico. Em busca de melhores condições de vida a população jovem busca os centros urbanos preferencialmente localizados no litoral.

Itajaí e Florianópolis são bons exemplos desse processo. Os jovens saem de casa para cursar a universidade e simplesmente não retornam mais para suas cidades de origem. Comparam as condições de vida e resolvem ficar.

6 – FATOR CULTURAL – jeitinho brasileiro, progresso a qualquer custo, humanismo, emissão de resíduos sólidos (lixo doméstico) ...

Esse hedonismo nos leva à produção de muito lixo e a busca de matéria-prima a qualquer custo para a natureza. A legislação é desconsiderada e a proteção de áreas estratégicas é desprezada. Tudo isso coloca pressão sobre os rios, quer através de lixos

sólidos, quer através de detritos que assoreiam o leito do rio. No final, temos a instituição do *jeitinho brasileiro* e a tradicional impunidade. Podemos fazer sempre, porque ninguém será punido nunca.

7 – FATOR INFRAESTRUTURAL – represas, leitos dos rios, canais de retificação, molhe da barra do rio ...

Com a ocupação de terras por novas fronteiras agrícolas e urbanas resta ao estado promover a construção de novas represas, para segurar um pouco mais as águas nas cabeceiras. Canais de retificação fazem o movimento contrário de aceleração da massa d'água. Veja o caso da Barra do Rio Itajaí. Ela foi construída tendo como base um modelo de engenharia testado por técnicos russos. Usa como princípio a ponteira de uma mangueira de água, onde a boca mais afunilada faz com que a água saia com maior pressão e ganhe a guerra contra a força das ondas do mar.

A pergunta que alguns técnicos fazem sempre que ocorre uma enchente no Vale do Itajaí é se não estava na hora de aperfeiçoar o sistema utilizado na Barra do Rio Itajaí para influenciar na vazão do rio. Principalmente, estabelecer um novo sistema que aproveite a força da correnteza em tempos de enchente, que em 2008 chegou a ser dez vezes maior que o permitido para navegação interna de grandes navios que aportam nos terminais portuários locais.

8 – FATOR ACIDENTAL – explosão do gasoduto da Petrobras, força da correnteza do rio

Alguns fatores são factuais, eventuais, inesperados. É o caso da explosão do gasoduto da Petrobras na localidade de Baú, no Município de Ilhota, justamente no momento em que os morros já estavam mostrando sinais de exaustão por seis meses de chuva contínua. Muita gente perguntou se a explosão do gasoduto não acelerou o processo.

Quanto mais técnico o fator, mais complexa fica a análise porque a burocracia sempre vai tender a esconder dados. Alguns poucos funcionários qualificados elaboram relatórios técnicos e a estes relatórios se tem acesso restrito. Depois, aparecem os relatórios “por encomenda” para ser apresentado ao povo através da imprensa. A verdade ficar perdida em uma gaveta do estado em nome da “segurança nacional”.

9 – FATOR TÉCNICO – abertura das comportas das represas, dragagem do leito do rio

Na enchente de 2011 a população teve a convicção de que a cidade foi salva pela recente dragagem promovida no Rio Itajaí no acesso aos terminais portuários e na sua bacia de evolução. A profundidade passou de onze metros para catorze metros, aumentando a capacidade de vazão do rio. Quer dizer, muda um fator e o resultado começa a mudar na mesma proporção de sua importância conjuntural.

Veja o caso do cais do Porto de Itajaí. Os berços do Porto de Itajaí foram levados pelas águas do Rio Itajaí em 2008. Eles foram reconstruídos pelo governo federal com profundidade de estacas de até cinquenta metros. O berço um, que estava sendo construído pela concessionária APM Terminals continuou sendo construído com estacas de até 28 metros. Quando chegou a enchente de 2011 a água bateu nos berços reconstruídos, não encontrou local para cavar e deslocou sua força para o berço um. O berço novinho acabou tendo prejuízos estruturais e menos de um ano após ser inaugurado teve de receber reforço na estrutura. Uma estrutura que sobreviveu intacta à grande enchente de 2008, sofre danos estruturais em uma enchente menor que ocorre três anos depois. Outra conjuntura, outra lógica de combinação de todos os elementos envolvidos.

10 – FATOR HISTÓRICO – ocorrência de uma grande enchente a cada dois anos desde 1850 (em média). [?]

O método que utilizamos para fazer análise é um método histórico. Ou seja, estabelece que os fenômenos estudados são datados historicamente porque estão marcados pelo momento exato em que os elementos se combinaram para formar aquela conjuntura. Ninguém promove uma análise de peso desrespeitando a lógica imposta pela história.

A cada dois anos, em média, temos uma grande enchente no Vale do Itajaí. Esses dados tem de ser utilizados como referência para todas as análises sobre enchentes. Não podemos deixar de considerar esse fato. Quando o cientista Marcus Polette participou de audiência pública sobre enchentes na Câmara de Vereadores de Itajaí, em novembro de 2011, uma afirmação sua causou certa perplexidade aos presentes, com alguns demonstrando indignação. Polette afirmou que “Temos de nos acostumar com as enchentes”.

Entre 1850 e 2011 tivemos quase uma centena de enchentes no Vale do Itajaí. Então?, por que tanta perplexidade diante da afirmação do cientista? Porque o homem

invadiu o espaço do rio e fica perplexo quando o rio busca retomar seu espaço. Todos dizem uníssonos que “*o rio invadiu nossas casas e nossas cidades*”. Ninguém percebe que o processo é inverso, com nossas cidades e nossas casas invadindo os espaços do rio.

Bem, foram apontados superficialmente dez fatores que estão diretamente ligados à ocorrência de enchentes no Vale do Itajaí. Mas, outros fatores podem ser relacionados nessa análise, basta somente utilizar da criatividade e estudar com maior grau de profundidade o tema. Vamos dar um exemplo de que o tema é inesgotável. Um fator importante na elaboração de uma análise sobre enchente e seus desdobramentos sócio-econômicos diz respeito ao grau de verticalização de nossas cidades.

Itajaí tem uma cultura de horizontalidade, com seus moradores optando preferencialmente por casas de um piso no lugar de casas de dois andares ou prédios residenciais e comerciais. Tínhamos a convicção inabalável de que casa nos proporcionava mais qualidade de vida e conforto, porque nos oferecia amplos espaços, varandas, garagens, hortas e pomares. Viver em apartamento era viver confinado, preso. Mas, a enchente de 2008 foi, definitivamente, a gota d'água e o itajaiense começou a refazer sua cultura e comprar imóvel vertical. Quais os reflexos dessa cultura da casa nos desdobramentos das enchentes? Muitos não é mesmo? Afinal, com os edifícios poupamos muito espaço que roubamos dos rios e ainda mantemos a salvo nossas propriedades e vidas.

Também não podemos esquecer um fato muito importante na análise que trata da questão do IMPONDERÁVEL. Ou seja, alguns fatores não podem ser previstos com certa facilidade porque dependem da combinação de outros fatores que não podem ser avaliados adequadamente. São fatores “muito sutis” que dificultam extremamente a atividade de pensar sobre eles. Essas sutilezas, devidamente detectadas, podem ajudar o analista a perceber adequadamente o AMBIENTE existente.

Bem, cada leitor poderá combinar os fatores aqui apresentados e até incluir outros, para promover sua própria análise.

No nosso entendimento o cientista Marcus Polette realmente tem certa razão ao dizer que temos de nos acostumar com as enchentes porque não depende exclusivamente da vontade do homem certos fenômenos naturais. Ou seja, não podemos controlar indicadores importantes como é o caso do índice pluviométrico. Tem fatores que estão sobre nosso controle e fatores que não estão sobre nosso controle. Tem indicadores que podemos mudar no curto prazo, outros somente no longo prazo.

O fenômeno enchente é algo inevitável no curto prazo. O que podemos fazer é amenizar seus efeitos negativos. O homem ocupou o espaço do rio e o rio precisa desse espaço ciclicamente. A física nos fornece uma verdade absoluta: dois corpos não ocupam o mesmo espaço ao mesmo tempo. Erramos muito e temos muito o que fazer para consertar tudo.

O homem pode e deve agir no sentido de conter ao máximo a força da água sobre a obra humana. Manter grandes áreas de mata nativa nas encostas, conter construções nas encostas e regiões ribeirinhas, utilizar material menos permeável na pavimentação de ruas, selecionar áreas para ser invadidas pelo rio em momentos de alto índice pluviométrico (bolsões naturais), construção de novas barragens e eclusas nos canais retificados, estabelecer políticas públicas para conter o fenômeno do êxodo rural e a litoralização, código de construção e uso do solo urbano adequado, dragagem dos rios e afluentes, controle sobre o depósito de lixo doméstico e industrial, política acentuada de reciclagem e reaproveitamento de bens duráveis e não duráveis, controle sobre a poluição industrial e veicular, incentivo ao transporte coletivo e transporte limpo, construção verticalizada de moradias populares em áreas fora da cota de enchente...

Por último, vale registrar que uma boa análise não busca culpados e vítimas, mas o COMO acontece e que respostas podem ser dadas.

CAPÍTULO V

SEGUNDA ANÁLISE: LEITURA DE LIVRO

A revolução dos bichos

TEMA: exercício do poder

ACONTECIMENTO SIMBÓLICO: revolução dos bichos contra o domínio humano

ACONTECIMENTO REAL: revolução comunista russa e a luta entre comunismo e capitalismo.

CENÁRIO SIMBÓLICO: granja do solar

CENÁRIO REAL: Europa

TEMPO CRONOLÓGICO: primeira metade do século XX

TEMPO HISTÓRICO: Período das duas Guerras Mundiais

ATORES:

- 1 – Major – Lênin, Karl Marx, Friedrich Engels e os idealizadores do socialismo/comunismo
- 2 – Bola-de-neve – Trotsky
- 3 – Napoleão – Stalin
- 4 – Garganta – meios de comunicação de massa, historiadores
- 5 – Sr. Jones – Czar Nicholas II
- 6 – Sansão – operário padrão – Alexei Stakhanov
- 7 – Mimosa – representação de pessoa tendente ao consumismo capitalista – aqueles que fugiram da Rússia durante a revolução – classe média burguesa.
- 8 – Quitéria (junto com Sansão) – representação do operariado
- 9 – Cães – representação das forças de repressão: KGB e GPU
- 10 – Cabras e vacas – massa trabalhadora obediente
- 11 – Fazenda Pinchfield – alusão a Alemanha e ao pacto germânico-soviético
- 12 – fazendeiro Frederick – Adolf Hitler
- 13 – Whympers – alusão ao ministro das relações internacionais russo
- 14 – fazendeiro Pilkington – referência à Inglaterra e seus aliados (França/EUA)
- 15 – Corvo Moisés – Igreja Ortodoxa
- 16 – gata – fisiológicos, egoístas

- 17 – pombos – agentes de propaganda no exterior
- 18 – ovelhas – alusão às pessoas manipuladas, massa de manobra dos dirigentes partidários, exército espontâneo e fiel ao governo
- 19 – burros – operários apolíticos, analfabetos, massa de manobra
- 20 – Benjamim – ?
- 21 – galinhas – operárias sindicalizadas que se rebelam
- 22 – Maricota – alusão a parte do povo ilustrada, escolarizada
- 23 – animais – comunistas
- 24 – seres humanos – capitalistas e/ou não-comunistas
- 25 – hino “Bichos da Inglaterra” – versão da “Internacional Socialista”
- 26 – porco Mínimo – adesão dos artistas à revolução e sistema

ESTRUTURA: modo de produção capitalista e modo de produção comunista

UMA DAS ANÁLISES POSSÍVEIS

Eric Arthur Blair (conhecido no mundo literário com o nome artístico de George Orwell) escreveu *Revolução dos Bichos* no ano de 1943. Podemos dizer que é um escritor com tendência de esquerda, mas que não permitiu que sua ideologia cegasse sua racionalidade em relação às ações dos próprios governos de esquerda, notadamente o sistema montado na Rússia pós-Lênin.

A obra é crítica em todos os níveis e direções. Primeiro, como homem de esquerda, Blair critica de forma sistemática e dura o sistema capitalista. Depois, começa a engendrar uma crítica mais consistente sobre o próprio processo instaurado na Rússia revolucionária pós-Lênin. Portanto, A revolução dos bichos é uma crítica às corrupções existentes no processo de se fazer política de um modo geral, no capitalismo e no socialismo.

Não há dúvidas que Blair escreve a obra tendo como fundamento a máxima creditada ao tribuno Biais de que “*O exercício do poder põe um homem à prova.*” Esse pensamento de Biais foi utilizado largamente por seus contemporâneos, tanto na filosofia como no teatro, sobrevivendo até os dias de hoje através de adaptações. No teatro grego esse pensamento foi utilizado por Sófocles na peça *Antígone*, com seu personagem Creonte falando em determinado momento: “*Ora, é impossível conhecer a alma, o sentir e o pensar de quem quer que seja, se não o vimos agir, com autoridade, aplicando as leis.*”

Basicamente é essa a essência que Blair tenta evidenciar no livro “Revolução dos bichos”: o exercício do poder coloca todos os homens a prova.

Podemos apreender da obra de George Orwell que toda revolução passa pelos seguintes estágios:

A – **Fase Revolucionária** – as ideias levam à luta e há facilidade em incorporar novas ideias e ações. O Sistema está aberto, porque está em construção, como força de oposição;

B – **Fase de Implantação** – começa a fase de negociação entre o que foi dito e pensado e aquilo que é exequível, desejado, prático, útil. É a fase da depuração e praticidade. O sonho é trocado por praticidade, eficiência e eficácia. Há uma busca frenética por resultados;

C – **Fase de Conservação** – luta total pela manutenção do poder pelo poder e abandono gradual dos princípios revolucionários. É o poder tentando manter-se a qualquer custo. Momento em que tudo se justifica em nome da governabilidade e estabilidade do sistema. Ocorre a corrupção ideológica;

D – **Fase da Queda** – a corrupção moral é inevitável e a queda também.

Um viés interessante de análise do livro pode nos levar a detalhar a posição de cada ator na trama aqui apresentada. Podemos, por exemplo, detalhar nossa percepção sobre o papel social desempenhado pelos cães e o drama familiar vivido no confronto entre interesses público e privado. Podemos falar do papel social dos intelectuais, artistas, religiosos, da propaganda de estado Mas, vamos dar como exemplo uma análise mais detalhada das críticas que Blair profere aos sistemas como um todo:

1 – críticas ao capitalismo

A analogia feita por Blair nos leva a associar o ser humano aos defensores de outros sistemas que não o comunismo soviético. De uma forma geral vamos relacionar os atores humanos com o capitalismo. Vale lembrar que Eric Arthur Blair (1903 – 1950) era um militante da esquerda, mais próximo da tendência defendida pelo grupo liderado por Leon Trotsky. Lutou como voluntário na Guerra Civil Espanhola e foi perseguido por comunistas de outras tendências.

A primeira imagem que nos transmite dos capitalistas é bem negativa. Temos o Senhor Jones, dono da Granja do Solar, bêbado, mostrando sua incompetência e

negligência no serviço cotidiano que lhe cabia. Bêbado, incompetente e péssimo administrador, já que sua propriedade estava à bancarrota. Portanto, não há dúvidas de que o livro espelha sua posição contrária aos capitalistas de um lado, e dos comunistas ligados a Stalin de outro. Contra os capitalistas ele destila um veneno natural de militante de esquerda, qualificando os “seres humanos” como: indolentes, bêbados, promíscuos, preguiçosos, ladrões, tiranos, vadios, desonestos, decadentes, inúteis, parasitas, aproveitadores, esbanjadores, invejosos, inimigos dos animais ...

Blair, em diversos trechos, evidencia sua formação marxista e crença na luta de classe (patrão versus trabalhador). Em determinado trecho ele sentencia: *“O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom, ele pode dar alimento em abundância a um número de animais muitíssimo maior do que o existente ... Por que, então, permanecemos nesta miséria? Porque quase todo o produto do nosso esforço nos é roubado pelos seres humanos. Eis aí, camaradas, a resposta a todos os nossos problemas. Resume-se em uma só palavra – Homem. O Homem é o nosso verdadeiro e único inimigo. Retire-se da cena o Homem e a causa principal da fome e da sobrecarga de trabalho desaparecerá para sempre.”* (p. 12)

Podemos utilizar a seguinte frase para representar sinteticamente as críticas que Blair promove ao sistema capitalista e seus atores, os patrões: *“Não está, pois, claro como água, camaradas, que todos os males da nossa existência têm origem na tirania dos humanos? Basta que nos livremos do Homem para que o produto de nosso trabalho seja só nosso. Praticamente, da noite para o dia, poderíamos nos tornar ricos e livres.”* (p. 13)

Um ponto interessante de perceber é que os capitalistas mudaram diversas vezes de estratégia quanto ao relacionamento ideal com a Granja dos Bichos. No final fica a impressão viva de que, para eles, pouco importa qual o sistema político vigente, desde que as metas de produção sejam alcançadas, o mercado abastecido e a taxa de lucro mantida. O pragmatismo levou a ambos, comunistas e capitalistas, a manter a lógica de mercado. O resto é firula.

2 – críticas ao comunismo (russo)

Enquanto o processo de mudança na Granja do Solar estava na fase revolucionária Blair só tem palavras positivas para expressar o que está ocorrendo. As críticas estão todas endereçadas contra o capitalismo e os elogios todos direcionados aos trabalhadores que começam gradualmente a tomar consciência de sua condição de exploração total pelo ser

humano. No início da implantação do novo regime, ainda com a participação de Trotsky, nada é dito contra o assembleísmo ali estabelecido. A perseguição ao camarada Trotsky é a senha para a mudança de leitura do processo revolucionário. Estabelece, para Blair, uma virada radical nos objetivos da revolução.

Cabe aqui ressaltar que o livro nos dá uma excelente aula sobre política. Podemos perceber como o grupo no poder, para se manter no poder, procura de todas as formas manter vivo na consciência coletiva a presença ameaçadora de inimigos internos e externos. No campo interno, o regime cria a figura ameaçadora do traidor Bola-de-Neve; no campo externo, o regime mantém a figura ameaçadora do ser humano e sua natureza criminosa. Veja que essa postura de alimentar na consciência coletiva um “inimigo” serve a todos os propósitos e justifica todos os atos praticados por quem está exercendo o poder.

Agora mesmo, em dezembro de 2011, o primeiro ministro da Rússia Vladimir Putin foi denunciado pelos observadores internacionais por ter manipulado os resultados das eleições para o Congresso. Cercado por todos os lados, inclusive por manifestações populares nas praças russas, Putin usou a velha tática da Guerra Fria, garantindo que os EUA estimularam as manifestações porque querem ver uma Rússia fraca. Ou seja, jogou para cima dos russos a sombra aterrorizante do “ser humano”, o capitalismo selvagem. Isso, apesar de a Rússia ter deixado o comunismo há década. A fórmula envelheceu e está completamente fora de lugar, mas foi a única saída que lhe restou.

Como podemos perceber, no livro, o tempo todo, os porcos trabalham com a sombra presente dos seres humanos e sua capacidade de impingir o mal aos animais. Acrescido a este inimigo externo eles alimentam, dependendo das conveniências, a ideia da existência do inimigo interno e seus aliados. O expurgo promovido na Rússia de Stalin serve, portanto, para dois propósitos: estabelecer o clima de obediência pela força; retirar do cenário político todos os adversários políticos indistintamente, por motivos os mais variados possíveis.

No caso da Granja dos Bichos até alguns porcos foram expurgados pelo regime porque ousaram questionar decisões da cúpula diretiva. Não foi apenas uma questão de controle sobre os rumos da revolução, como ocorreu entre Napoleão e Bola-de-Neve, mas também de controle sobre o grupo dirigente. Isso ocorre quando os cães pulam na garganta dos quatro porcos jovens que mantinham uma postura de questionamento das decisões da cúpula. E a morte dos porcos deu-se em público. Ou seja, ninguém, nem os porcos, estavam a salvo do poder totalitário estabelecido por Napoleão e seus assessores mais próximos.

O cenário, a partir daí, é de traição total ao fundamento revolucionário da igualdade entre animais. E tudo isso é possível porque, o tempo todo, os porcos contam com a falta parcial ou total de consciência histórica por parte dos demais animais. Blair parece querer sustentar como tese principal a ideia de que sem memória não há luta possível. Em diversos episódios, principalmente aqueles que envolvem o personagem “Garganta”, temos questionamentos quanto à memória dos animais. Parece evidente que fica mais fácil dominar aqueles de pouca memória. Manipular números, fatos, feitos e até objetivos, só é possível anulando a memória coletiva. Nisso os poderosos contam com a ajuda de corvos, pombos, porcos e ovelhas.

A igualdade é abandonada enquanto princípio e objetivo revolucionários. No lugar de se perseguir o fim do estado temos a consolidação e perpetuação do Estado Totalitário e seu “capitalismo de Estado”. Os seres humanos são trocados pelos porcos e o resto continua tudo igual. Ou seja, temos um sistema produtivo que exige o esforço de uma maioria, e um sistema distributivo que beneficia uma minoria. Aí não há diferença entre capitalismo e “comunismo” e *“já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco.”* (p.112)

3 – crítica aos poderosos

Mas, o que mais indignou o leitor: a insensibilidade dos “seres humanos” diante das precárias condições de vida dos “animais”?, ou a forma ditatorial como os porcos construíram um regime de regalias e privilégios para si próprios? Nem uma coisa, nem outra. O que mais indignou o leitor foi ver porcos e homens convivendo normalmente, como se nada tivesse acontecido antes daquela confraternização entre os poderosos.

Ao leitor restou a indignação dos animais que ficaram no lado de fora da festa na casa grande da Granja dos Bichos: *“As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco.”* (p.112)

Devemos perceber que estamos diante de uma traição ideológica mútua. Ou seja, as lideranças capitalistas e comunistas estão em plena confraternização, olhando exclusivamente seus interesses econômicos, deixando à margem dos acontecimentos e da decisão “as criaturas” comuns. Esqueça o passado, as mortes, os sacrifícios dos comuns. O que vale é a conciliação dos interesses dos poderosos. Brindamos à conciliação entre porcos e humanos e ao surgimento de uma nova espécie de homens-porcos.

Exercício 1: elabore sua análise sobre a posição de um personagem. Sugestões:

1 – corvo – que representa a igreja ortodoxa russa e seu papel social antes e depois da Revolução de 1917.

2 – cavalos – que representam os trabalhadores por excelência

3 – burros – que representam os céticos

Exercício 2: consulte um livro de história geral e relacione cada evento descrito simbolicamente por Blair com um fato da história verdadeira da humanidade.

CAPÍTULO VI

TERCEIRA ANÁLISE: LEITURA DE FILME

Como se faz a leitura de um filme? Obviamente que a primeira coisa a se dizer é que essa leitura vai depender do objetivo a que se destina o filme que está sendo projetado. Desta forma, o filme pode receber uma leitura sociológica, psicológica, didática, técnica e assim por diante. Quer dizer, não há uma leitura única, uma abordagem única a ser elaborada, pois a leitura estará vinculada ao objetivo a que se propõe o grupo que vê o filme. Se o grupo está estudando sociologia, por exemplo, o enfoque será condicionado pela lógica que envolve os interesses específicos desta ciência.

De uma forma geral a análise de um filme pode contar com os seguintes pontos de referência:

Ficha técnica. É aí que se pode recolher evidências para perceber os compromissos ideológicos do filme. Isto é possível detectando os vínculos das empresas, atores, diretores; a procedência do filme; época da filmagem; quem financiou; locais de filmagem, etc.

Através das informações contidas nas fichas técnicas podemos chegar a conclusões bastante interessantes. Por exemplo: um filme que fala contra os interesses estratégicos-militares norte-americanos tem possibilidade de ser filmado dentro de um porta-aviões da esquadra americana? Um exercício interessante é comparar os cenários dos filmes *Top Gun* e *Nascido a 4 de julho*.

Contexto. Observar detalhadamente o contexto em que a história está sendo desenvolvida. Seu ambiente: sociedade capitalista ou socialista, democrática ou ditatorial, sociedade agrária ou industrial, desenvolvida ou subdesenvolvida, cultura ocidental ou oriental, católica ou muçulmana; em contextos e situações determinadas que requerem comportamentos especiais dos membros da sociedade, como guerra, catástrofe, etc.

Um filme produzido pelos países aliados durante a Segunda Guerra Mundial ou, ao seu final, vai colocar com isenção as barbaridades que ambos os lados cometeram na guerra? Um filme de espionagem durante a Guerra-Fria contra o comunismo internacional, vai mostrar também os crimes cometidos pelos espões capitalistas? Um filme que fala da colonização do Oeste Americano, vai tratar índios e brancos com os mesmos critérios e ética?

Assim, no contexto da Guerra-Fria o vilão sempre era comunista e o mocinho capitalista (inglês ou norte-americano). Ilustra essa visão os filmes do Agente 007. Quando a Guerra-Fria acabou surgiram novos vilões, como os donos de grandes conglomerados de comunicação, muçulmanos fundamentalistas, chineses e orientais de modo geral. Como os Estados Unidos ainda não possuem certeza sobre qual será o seu principal inimigo nos próximos anos, Hollywood está dando tiro para todos os lados. Esta é a verdade.

O certo é que há uma cronologia nos filmes que mostram *os inimigos da liberdade*: índios, escravocratas sulistas, nazistas, comunistas, muçulmanos, chineses... Quem será o próximo?

Posição e função social dos personagens. Identificar os principais personagens, observando o grupo a que pertencem, a classe e qual o papel social de cada personagem. Observar quais as relações sociais fundamentais mantidas pelos personagens e que interesses eles tentam garantir ou preservar durante o desenrolar do filme. Que grupo, classe ou instituição as idéias dos personagens beneficiam ou prejudicam. Ver quem é dominante e quem é dominado. Quem prega o conflito e quem prega a harmonia. Lembre-se: as relações podem ser de *confronto*, *coexistência* e *cooperação*, revelando uma relação de força através do *domínio*, *igualdade* ou *subordinação*. Cuidado! As aparências enganam e o mocinho nem sempre está com a verdade ou agindo de acordo com as leis internacionais e de conformidade com a ética.

Lauro Junkes apresenta a seguinte tipologia dos personagens:

INDIVÍDUO: é a personagem que apresenta caráter próprio, qualidades individualizantes, maneira própria de ser e agir, definindo-se entre as demais pela força humana e pelas aptidões pessoais. Tende a ser redonda.

TIPO: é normalmente plano e é representativo de uma classe ou grupo (avarento, beberrão). Caracteriza-se por representar as qualidades, defeitos, virtudes ou vícios comuns de uma média de seres.

CARICATURA: é a personagem caracterizada por uma qualidade ou defeito único, que é exagerado nas proporções, a ponto de atingir o exótico, o anormal, a distorção, com a finalidade de provocar o ridículo, a comicidade ou a sátira. (1979, p.95)

Instituições envolvidas. O mesmo vale para as instituições. Relacionar as instituições envolvidas (polícia, justiça, estado, exército, escola, igreja, empresa, associação, ONG) e quais seus interesses. A quem elas visam beneficiar com suas políticas e ideologias. Conflitos existentes entre os interesses das instituições. Quais os interesses de

cada uma e a quem contrariam. Ver as relações de dominação existentes, quem é dominada e quem é dominante; separar o que é interesse individual de um personagem e o que vem a se constituir como interesse de grupo/classe ou instituição. Um personagem, no filme, pode estar representando uma classe, grupo, ideologia. Nesse sentido, ele não é um agente individual, mas coletivo. Você precisa ver o personagem como uma instituição. Por exemplo: o personagem Carlitos, em *Tempos Modernos*, não pode ser visto apenas como um vagabundo, mas como o trabalhador que está sendo oprimido pela máquina e pelo desemprego crônico da crise do final da década de vinte nos Estados Unidos.

Qual a história. Elaborar uma síntese da história do filme. Tentar mostrar seu fio condutor, personagens mais importantes, cenas fundamentais para seu entendimento. Geralmente, junto com as fitas vem uma sinopse. Mas, o melhor é confeccionar o seu próprio texto, que pode evidenciar se o espectador deixou de ver algo fundamental para compor sua análise. Toda história bem contada tem um fio condutor, um tema base, uma coluna vertebral, procure localizar esse ponto estrutural.

Qual a mensagem. Observar com muita atenção a mensagem explícita do filme. Aquela que à primeira vista já se evidencia com toda nitidez. Aquela que é estabelecida a partir do senso comum das pessoas. A conclusão que todos invariavelmente vão chegar, mesmo não pensando. A moral da história, tipo: diga com quem andas e direi quem és; quem trabalha acaba sendo recompensado pelo seu esforço. Essa mensagem, geralmente é direta, vem de graça, é oferecida ao espectador sem que ele precise empreender o menor esforço intelectual. Geralmente ela camufla a principal mensagem do filme, que é a mensagem ideológica. O espectador sai iludido, pensando que leu corretamente toda a história. Sai satisfeito e esquece de pensar mais profundamente sobre todas as mensagens contidas no filme e as implicações para a sua vida.

Qual a mensagem ideológica. Prestar muita atenção nas mensagens escondidas, veladas, que o filme sempre carrega consigo. Observar as entrelinhas, os detalhes, o que nem sempre será dito explicitamente, de forma direta. Há uma linguagem direta, franca, honesta; e uma linguagem camuflada, indireta, sub-reptícia, dissimulada, que disfarça os interesses ideológicos de quem realizou o filme. Esta mensagem ideológica é a que vincula o espectador a determinada visão de mundo. Você acaba comprando uma idéia, visão de

mundo, lógica, modo de ver determinado assunto, de forma consciente ou inconsciente, querendo ou não. Isso não depende de você. Fuja da resposta fácil. Saia da superfície e mergulhe fundo nos porquês da história. Sua arma é a dúvida sistemática. Pergunte sempre. É como afirma Lauro Junkes: “A muitos espectadores só é acessível o **conteúdo aparente**, nem desconfiando da existência de outro mais, isso por falta de cultura, sensibilidade ou esforço intelectual”. (1979, p. 81).

No filme Matrix, por exemplo, fica mantido o fundamento da filosofia liberal do capitalismo, que é o individualismo. Qual seja: um grupo de revolucionários fica esperando pelo salvador da pátria, o iluminado, o escolhido. Aquela pessoa (o herói, meio Deus, meio homem) que faz e acontece. É a filosofia do individualismo. A idéia de que uma pessoa faz a história, como Napoleão, Roosevelt, Almirante Nelson, Gandhi e Tiradentes.

Para o melhor aproveitamento do caráter documental do filme, é necessário que o pesquisador, o analista saiba dissecar os significados ocultos (porém presentes: não se trata de caminhar na via das elucubrações e especulações) existentes na película. O método de investigação consiste, simplificada, em buscar os elementos da realidade através da ficção. (NOVA: 2000-B, p.223)

Inconsciente. Cristiane Nova ao propor um método para analisar filmes busca observar a mensagem em três níveis: explícito, implícito e inconsciente:

Primeiramente, deve-se buscar, no seu conteúdo, tudo aquilo que se coloca de forma explícita, seja nos diálogos, na indumentária, nos gestos, no enredo e no seu sentido mais geral, ou seja, extrair dele o que é dito de forma direta. Posteriormente, deve-se passar para a análise do que, no filme, está presente de maneira implícita, isto é, todo o conteúdo existente nas suas entrelinhas, tudo aquilo que os produtores queriam que chegasse ao espectador, mas não o fizeram, por algum motivo particular, direta e claramente. É necessário salientar que essas duas etapas estão intimamente ligadas às intenções (objetivos conscientes) dos produtores da película. (2000-B, p.223).

Geralmente o conteúdo implícito se justifica por três motivos básicos: a) o autor precisa camuflar as suas idéias/intenções por causa da censura (política, econômica, cultural, moral ...); b) o autor prefere colocar as idéias/intenções de forma indireta para que surta um efeito mais consistente sobre o espectador, que atue mais no nível psicológico/inconsciente; c) o autor considera a sutileza como parte da sua estética. O belo é suave...

Contudo, é interessante perceber que há um outro ângulo para se observar o conteúdo de um filme. Trata-se do plano do inconsciente (coletivo e individual). Temos de considerar a hipótese de que nem tudo está totalmente sobre controle da indústria cultural, porque ela mesma vai refletir os valores da sociedade em que está inserida e neste processo nem tudo transita no plano da consciência individual. (ver Consciência Coletiva em Émile Durkheim).

A terceira etapa da análise diz respeito à descoberta dos elementos inconscientes existentes no filme, ou seja, a tudo o que existe na película que escapou à atenção ou ultrapassou as intenções à atenção ou ultrapassou as intenções de quem a produziu. Nesta, devem ser buscados tanto os elementos inconscientes presentes no filme que documentem em nível individual o autor, como, em nível mais geral, a sociedade. É nesta etapa que a ideologia deve ser decodificada de forma mais intensa. Afinal de contas, o processo de ideologização de uma sociedade ultrapassa a esfera da consciência plena e só se consubstancializa no momento em que a ideologia é interiorizada e passa a fazer parte daquele universo ao qual se denomina comumente de NORMAL (quando passa, então, a ser dominante) e do qual poucos são conscientes. E a essa falta de consciência PLENA também estão submetidos os produtores de cinema, mesmo aqueles que se posicionam abertamente contra a ideologia dominante. Esses elementos inconscientes devem ser buscados tanto no sentido mais geral do filme como nos seus detalhes. (2000-B, p. 224).

Anestesia. Lauro Junkes considera o cinema como uma arte anestésica:

O ambiente isolante e o conforto das salas de exibição, o poder da imagem em movimento, o envolvimento sonoro, tudo leva o cinema, mais do que qualquer outra arte, a anestesiá-la a consciência do espectador, a isolá-lo do mundo real, a penetrar quase que sem resistência no seu subconsciente, a arrastá-lo a uma espécie de sonho consciente. Quanto menos culto ou precavido é o espectador, maior é o poder anestesiante, decorrendo maior influência e sugestividade”. (1979, p.29).

Contradição Fundamental. Se o filme tenta privilegiar uma determinada Visão de Mundo, em algum momento ele vai manipular a realidade dos fatos para poder dar consistência às idéias que defende. Assim, em algum momento vai ocorrer uma Contradição Fundamental. Tente encontrar esse ponto estratégico e você estará com a chave da porta que dá acesso à ideologia do filme. Um filme que tenta passar algum valor, modo de ver um determinado fato histórico, sempre vai manipular informação.

Veja, por exemplo, o caso do festejado curta-metragem Ilha das Flores. Em um determinado momento o autor declara que os porcos comem o lixo antes dos seres humano. Ora isso é simplesmente impossível, porque não sobraria nada para os seres humanos comerem, já que os porcos comem absolutamente tudo, sem escolher. É evidente que há uma manipulação para piorar a imagem do sistema capitalista ainda mais. O filme, portanto, é uma peça ideológica como tantas outras.

Criatividade e liberdade. A obra de arte é algo público (que diz respeito a todos), portanto, ao interpretar um filme ninguém tem a obrigação de manter-se fiel às intenções do autor. As interpretações podem e devem ser livres. Não pode haver limite para a criatividade. O exercício do livre pensar deve ser encorajado. O que vai ocorrer é que a análise pode, e deve, receber um determinado tratamento metodológico, dependendo do objetivo a que se propõe em nível didático. A livre interpretação é um exercício extraordinário.

Duração. A importância ideológica de um diálogo ou cena não está vinculada à sua duração. Isto é, uma mensagem importante pode durar segundos, passar de relance, de forma sub-reptícia, até quase despercebida. Um segundo é uma eternidade para os manipuladores de consciências.

11- **Simbólico.** Tudo é veículo de ideologia. “O meio é a mensagem” dizia Herbert Marshall McLuhan. Quer dizer, dependendo do momento, um olhar é suficiente para passar uma mensagem. O tipo da roupa, o ângulo da câmera, a fisionomia do personagem, um piscar de olhos, um sorriso, pode ser veículo eficiente de valores, mensagens, visão de mundo. As coisas, por mais pequenas que possam parecer, nunca estão ali por acaso. Cuidado!

Veja, por exemplo, no filme Cidadão Kane, como o diretor Orson Welles utiliza um plano de filmagem conhecido como Contra-Plongé, onde ele filma o personagem Charles Foster Kane sempre de baixo para cima, dando ares de arrogância, prepotência, soberba. Na relação com sua amante, Kane está sempre em um plano mais alto, enquanto sua amante está no chão, sentada, deitada etc. estas posturas em cena evidenciam mando, dominação, enquanto que por parte da personagem amante, nos remete à submissão.

“Toda arte trabalha muito com símbolos. A arte procura exprimir sempre algo mais do que a simples realidade. E para conseguir exprimir mais do que a realidade comum, ela utiliza-se da linguagem simbólica, que cria um sentido novo para a realidade representada”. (JUNKES: 1979, p. 78).

No filme *O Show de Truman*, por exemplo, a tempestade final pode simbolizar o grande conflito interno que ele teve de suportar ao perceber a realidade a sua volta. Também pode simbolizar a sua luta pessoal contra a sociedade opressora, em busca do livre-arbítrio. Quer dizer, ninguém vai ser realmente livre se não lutar, se não encarar a tempestade de frente, se não tiver plena convicção do que pretende alcançar. A tempestade simboliza a luta do homem massificado, para conquistar a sua subjetividade/individualidade, o direito de ser ele mesmo e não apenas uma marionete nas mãos da sociedade. Vale ainda registrar que nos Estados Unidos esta questão do cidadão comum conviver diariamente com milhares de câmaras de vídeo filmando todos os seus atos passou a constituir-se como um dos temas mais polêmicos. Para muitos o filme, portanto, foi uma caricatura (uma história exagerada) de um drama que os cidadãos livres estão começando a vivenciar.

Às vezes o simbólico se estende à metáfora (“associação de idéias, num confronto entre os dois objetos ou as duas imagens”). Em tempos Modernos, por exemplo, Charles Chaplin mostra uma multidão andando apressada e depois uma manada de gado correndo para o curral. A seqüência nos dá a possibilidade de refletir sobre a condição humana nos grandes centros urbanos, onde o homem sobrevive como gado...

Enfim, no cinema tudo, absolutamente tudo, pode ir muito além das aparências. Uma ação mais acelerada – pode dar um tom satírico ou dramático, dependendo da música de fundo. Uma cena filmada em câmara lenta – pode significar perda dos sentidos ou lirismo. Uma pessoa atrás de uma janela – pode insinuar que ela está presa, isolada, confinada dentro de seu próprio mundo, louca, etc.

Até a iluminação é pensada no seus mínimos detalhes, não apenas pela questão da estética, mas também pela questão da simbologia. É como afirma Lauro Junkes: “A luz é o princípio vital do cinema. A iluminação dos objetos e personagens cria ambiência e atmosfera e sugere certos sentimentos (alegria, tristeza, tragédia, suspense) e pode mesmo acentuar certas qualidades do caráter do personagem”. (1979, p. 43); e também Ernest Lindgren: “A iluminação serve para definir e moldar os contornos e os planos dos objetos,

para criar a impressão de profundidade espacial, para produzir uma atmosfera emocional e mesmo certos efeitos dramáticos”. (apud JUNKES, 1979, p. 44).

Técnica. Por tudo isto, você deve dar especial atenção às cenas onde o riso vem fácil; a música deixa mais denso o ambiente; há um suspense no ar etc. Geralmente são os pontos onde o espectador está mais vulnerável, porque está completamente embriagado pela história e envolvido pelas armadilhas dos recursos técnicos. É o momento em que o espectador troca a razão pela emoção. Os sentidos acabam prejudicando todo o processo de entendimento da trama, porque ajuda a desviar a atenção.

Ainda quanto a questão técnica, é importante perceber que o hoje a indústria cinematográfica conta com tecnologias de ponta que auxiliam na montagem de truques e na manipulação total da imagem. Tudo é possível de ser feito em estúdio, absolutamente tudo. A verdade é que durante a montagem o diretor pode retirar cenas, frases, expressões, modificando por completo o sentido original de uma cena. Pode também, inverter a ordem das cenas para manipular idéias.

13- **Maniqueísmo.** É a tendência de ler a realidade com olhos bipolares, optando por um dos lados, deturpando ou manipulando os valores do outro lado, tipo: bem- mal, mocinho-bandido, amigo-inimigo, nós-eles, nacional-estrangeiro, selvagem-civilizado, aliados-fascista, católico-protestante, rico-pobre, heterossexual-homossexual, homem-mulher, criança-adulto, desenvolvido-subdesenvolvido, capitalista-comunista. Ao eleger alguém como amigo ou inimigo perde-se a possibilidade de interpretar os fatos à luz da razão. O importante é ver a história por todos os ângulos, percebendo as razões de todos os lados.

Emoção. A técnica utilizada pela indústria cinematográfica para manipular as idéias das pessoas é bastante simples e até fácil de ser percebida. Durante a maior parte do filme o “mocinho” vai trabalhar uma relação de empatia e cumplicidade com o espectador. Isto quer dizer que, em primeiro lugar a história do filme vai se desenrolar de forma que o espectador fique emocionalmente ligado ao personagem principal. Depois de conseguir esta relação no campo afetivo-emocional, com a conseqüente perda de todos os mecanismos racionais, o espectador acaba aceitando tudo que o personagem vier a fazer no final do filme.

A técnica consiste, portanto, em utilizar de todos os meios (música, lágrimas, olhos azuis e histórias tristes) para substituir a razão pela emoção. Por isto mesmo, é muito interessante fazer notar a diferença entre assistir e analisar um filme. Ao assistir um filme você pode se deixar levar pela emoção. Ao estudar criteriosamente um filme, você tem de perceber as técnicas de manipulação, para não ser conduzido a análises equivocadas, ou direcionadas por seus autores. Bom mesmo é aprender a fazer as duas coisas ao mesmo tempo: assistir e analisar um filme.

Lauro Junkes salienta que “todo enredo apresenta normalmente uma progressão” na tensão ocasionada pelo conflito de idéias/interesses dos diversos personagens. O autor vai dosando a tensão para o filme ir num crescente em termos de emoção até chegar ao clímax. Interessante perceber que os pequenos conflitos iniciais geralmente são desenvolvidos a partir de idéias consensuais. Quer dizer, como o mocinho tem de ganhar o espectador para a sua causa (trocando a razão pela emoção), as primeiras lutas/enfrentamentos ocorrem por coisas cotidianas, justas. No final, contudo, não precisa ser exatamente assim.

Por exemplo, um pai que está lutando contra uma polícia corrupta buscando justiça para a morte de seu filho e que no final, desiludido de tudo, começa a fazer justiça com as próprias mãos. No início, geralmente o pai é apenas uma vítima do sistema que fica angustiada com a corrupção, a injustiça cometida pela própria polícia e a justiça oficial. Por se tratar de uma pessoa equilibrada, ganha emocionalmente a todos. Mas, quando o conflito vai aumentando em tensão, e ele começa a matar, a invadir a casa dos outros, a perseguir pessoas que julga culpadas (e ele nunca erra, não é mesmo?) os espectadores não conseguem mais perceber o erro social de sua ação voluntária. O personagem vai perdendo o equilíbrio, o controle, e trazendo adrenalina para o espectador. Quando o enredo chega ao clímax, o suspense acaba e o desenlace da história é sempre, e invariavelmente, baseado na morte do bandido pelo cidadão revoltado. Está feita justiça pelas próprias mãos e todos saem satisfeitos do cinema, com a alma lavada e a sensação do dever cumprido.

Quem nesta hora questiona o péssimo exemplo? Quem pergunta: e se todos resolverem fazer o mesmo?

Os estúdios estudam detalhadamente qual vai ser a reação do espectador durante o filme e aplica uma verdadeira receita de bolo para ganhar sua atenção. Comece a notar, por exemplo, que nos filmes antigos os beijos entre o mocinho e a mocinha eram sempre roubados e vinham acompanhados de uma trilha sonora especial. Hoje, todos os filmes sem exceção possuem uma mistura de cenas de sexo, com ação, muita ação. Cenas de sexo e

ação são colocadas ao longo do filme de tal sorte a não deixar o espectador perder a atenção. Acompanhe, por exemplo, o filme *Tiradentes*, e você de repente vai perceber que nem sempre algumas cenas de sexo ou de ação estão diretamente vinculadas à história central do filme. São o que podemos considerar como cenas gratuitas, implantadas na história para agradar ao espectador que gosta de ver essas coisas. Afinal, todo produtor sabe muito bem que nos dias de hoje um filme que não tem cenas de sexo e muita ação não vende, não tem bilheteria, não é mesmo?

Análise do filme *Tempos Modernos*

SINOPSE

“Sátira mordaz à vida industrial,... Aqui Chaplin interpreta o empregado de uma fábrica supermoderna, que entra em crise, perde o emprego e é obrigado a enfrentar a depressão americana.”

SÍNTESE ANALÍTICA

TEMPOS MODERNOS foi produzido no ano de 1936 e se constitui em uma das mais expressivas críticas que o cinema promoveu tendo como tema central a **Sociedade Industrial Capitalista**. Nenhuma questão relevante passou despercebida à inteligência crítica de Charlie Chaplin, que em 87 minutos sintetizou a agonia secular de uma maioria oprimida e marginalizada – a **Classe Trabalhadora**. Não constitui obra do acaso o fato deste ter sido o último filme em que Chaplin trabalha o personagem do *vagabundo Carlitos*, já que é uma síntese perfeita da sua visão sobre o **Capitalismo**, que vinha apresentando ao público em conta-gotas.

O filme inicia mostrando ao fundo um grande relógio, o símbolo maior dos **Tempos Modernos**. *Tempo é dinheiro* e reside aí o *espírito do capitalismo*. Um passo à frente, temos um rebanho de gado-gente, correndo desesperado para o abatedouro-fábrica. Chaplin não esconde sua visão da bestialidade humana. Gente que se submete a viver amontoada, sem propósito, como gado domesticado. Mais do que o *Capitalismo*, critica profundamente a *Sociedade Industrial*, seu ritmo alucinante, a falta de qualidade de vida e seus propósitos irracionais. Evidencia que a velocidade da máquina não pode ser a velocidade do ser humano, sob pena de não termos mais seres humanos, apenas bestas humanas.

O relógio, as pessoas caminhando como gado, já seriam elementos suficientes para analisarmos com mais consciência o sistema de vida proporcionado pela visão industrial-capitalista. Mas, ele aprofunda ainda mais esta sua crítica ao abordar, com detalhes, a questão da *Linha de Montagem* e suas sequelas desastrosas na psique humana. O esforço humano em trabalhar como um relógio, dentro de um sistema de repetição mecânica, contínua e cronometrada, acaba por levar a pessoa a ficar com sérios problemas neurológicos e psicológicos. Os mais fortes acabam sobrevivendo como se fossem máquinas, em um cotidiano sem esperança, criatividade ou alegria, onde a única atividade é a repetição de um par de gestos mecânicos simples.

Como consequência direta da implantação da *Linha de Montagem* e a busca sistemática do seu aperfeiçoamento, visando unicamente a produção, temos uma lógica produtiva que desqualifica, em pouco tempo, muitos trabalhadores como mão-de-obra apta para o sistema. Estas pessoas mais sensíveis à ação danosa do *Fordismo-Taylorismo*, são peremptoricamente levadas para *instituições-depósito*, como é o caso dos hospitais, asilos, manicômios e até penitenciárias – dependendo de cada caso e da resposta de desajustamento social dada pelo trabalhador vítima do sistema estressante e alienante .

Nenhuma outra obra de arte conseguiu expressar melhor este sentimento de impotência que a maioria oprimida sente diante dos mecanismos impessoais do sistema capitalista-industrial, como no quadro em que Carlitos é literalmente tragado pela **grande máquina**. Cena bela e extraordinariamente repleta de significado: o homem moderno absorvido por completo, de forma paralisante, pelas engrenagens do sistema. O homem devorado pela máquina, por ela é usado até o seu limite. Trocando de papéis, a máquina faz do homem uma máquina, que ao chegar ao seu esgotamento físico é jogada na lixeira do mundo produtivo – as *instituições-depósito*.

Este é o lado mais cruel da sociedade industrial, um monstro devorador de vidas. A máquina aparece como um Capitão-do-mato que se mudou para a cidade. Os escravos agora passam a responder pelo nome de *trabalhadores* ou *proletários*. Esta maioria é vista pelo *patrão* como um grande ônus, sendo que todo o esforço do *capitalista*, proprietário das máquinas, vai ser no sentido de tirar o máximo proveito possível da relação homem-máquina, considerando mais as perdas advindas com o uso inadequado da máquina do que com questões sobre o trabalhador e a sociedade como um todo.

A sociedade capitalista vai explorar ao máximo a força de trabalho, contando para isso com diversos APARELHOS DE ESTADO, como os *Aparelhos Ideológicos*: Meios de

Comunicação (TV, rádio, jornal, revista, internet...), Igreja, Escola; e os *Aparelhos Coercitivos*: Polícia, Justiça, Forças Armadas, etc. O **Estado** então, não é uma força política *neutra*, que vai gerir a coisa pública em nome de todos e em benefício de todos; mas, irá garantir a dominação de **classe**. Isto é, vai consolidar a exploração da maioria não proprietária dos **meios de produção**, por uma minoria proprietária do *Capital* e dos *Meios de Produção* (máquinas, prédios, terras, matéria prima).

Utilizando da aparência de instituições neutras, Aparelhos Ideológicos como a polícia, vão trabalhar incessantemente para proteger os interesses do capital, contra a revolta da classe explorada, marginalizada e despossuída. Em **Tempos Modernos**, são inúmeras as vezes que Chaplin evidencia esse papel ideológico das instituições, como é o caso da polícia reprimindo greves, manifestações de desempregados, ou até prendendo uma menina faminta por ter furtado um pedaço de pão. Em nenhum momento o patrão que, do dia para a noite, coloca na rua da amargura milhares de trabalhadores, é molestado pela polícia. Esta vai reprimir uma menina que se recusa a morrer de fome ou ser enterrada viva em um orfanato.

Um dos pontos cruciais da obra-prima de Chaplin diz respeito à questão do consumo e a expectativa que a sociedade industrial traz para as pessoas quanto à posse do maior número possível de gêneros. Carlitos e sua namorada, quando entram em uma Loja de Departamentos pela primeira vez em suas vidas, primeiramente vão até a confeitaria saciar a fome e a sede, para logo em seguida se dirigirem ao quarto andar, onde estão os brinquedos. Da infância feliz que não tiveram, passam para as roupas e móveis, que como adultos também jamais terão condições de possuir. Ao casal pobre resta o consolo de sonhar. Para um sistema que se diz de *Pleno Consumo*, eis aí uma crítica forte e consistente.

Chaplin reforça a frustração do não consumo em uma sociedade baseada no consumo, quando o seu personagem propõe à namorada pensar como eles seriam felizes morando em uma casa de classe média. Idealiza um casal feliz, com fartura à mesa. Tudo ilusão, é claro! Pois, para a classe a que pertencem, sobra no máximo um barraco velho e abandonado na periferia da cidade.

Ponto importante para reflexão são as respostas diferentes que os vários personagens dão diante das dificuldades que enfrentam durante o período de recessão que os EUA vivenciaram na década de vinte, a GRANDE DEPRESSÃO. Enquanto a menina promovia pequenos furtos, seu pai procurava emprego honestamente, ao mesmo tempo que

participava dos movimentos operários que tinham como objetivo pressionar o Estado a resolver a crise econômica. Já Carlitos, por ser mão-de-obra não especializada, diante da realidade crua do desemprego, optou por se esforçar ao máximo para ficar na cadeia, onde pelo menos tinha garantida moradia e alimentação. Seu amigo Big Bill, que trabalhou com ele na linha de montagem apertando parafusos, ao ser despedido, acabou optando pela marginalidade mais radical, se juntando a outros desempregados armados para assaltar a Loja de Departamentos.

Quer dizer, o caminho trilhado pelos excluídos vai do pequeno furto ao assalto a mão-armada, e Chaplin mostra desta forma como esta marginalidade é construída socialmente. Isto é, a sociedade é que cria o marginal. A marginalidade é fruto da sociedade excludente, que deixa a maioria sem qualquer possibilidade de sobrevivência e de dignidade, e não apenas uma opção individual de pessoas mal formadas social e psicologicamente.

Além do que, para aumentar a dificuldade do trabalhador, com novas tecnologias sendo incorporadas cada vez mais rapidamente ao processo produtivo, ou ele especializa sua mão-de-obra ou se torna um verdadeiro *pária*. Chaplin mostra bem essa dificuldade quando Carlitos fica no emprego que conseguiu no estaleiro apenas dois minutos.

Chaplin aborda ainda, questões como:

- A convivência de Carlitos (um operário honesto) com grandes marginais, fato que nos leva à reflexão sobre o sistema penitenciário e a escola do crime que se tornou;
- A ideia de que o patrão tudo pode e tudo vê, com o patrão conseguindo espiar Carlitos até quando ele vai ao banheiro, dando a entender que não adianta lutar contra ele, pois é muito mais forte do que o trabalhador;
- a ideia de *Exército Industrial de Reserva*, onde havia pelo menos uma centena de operários disputando uma vaga, o que facilita e viabiliza a exploração do trabalho por parte do patrão;
- A máquina alimentadora Bellows coloca a discussão de como o sistema pode chegar à limites inimagináveis para explorar a mão-de-obra,

economizando tempo e dinheiro com seus empregados, desconsiderando sua condição humana, já que a máquina alimentadora não foi incorporada ao sistema produtivo apenas porque não era prática;

- A existência da *heterogestão*. Quer dizer, o processo industrial se organiza por uma gestão dividida em vários níveis hierárquicos, onde trabalhadores acabam oprimindo outros trabalhadores em nome dos interesses do capital (tem o chefe do chefe do chefe);

- O *Fetichismo* que as mercadorias representam para as pessoas, até mesmo para aquelas que não podem comprar, apesar de ter ajudado a produzi-las;

- A ideia de *Ordem*, colocando como caso de polícia os movimentos reivindicatórios da maioria e como desordeiros seus líderes;

- A ideia de que fazer o bem é não atentar contra o interesse do capital, está expressa na fala do diretor da penitenciária que diz a Carlitos: *Agora saia e faça o bem!*

Diante de um barraco construído com tábuas podres, em um pântano, Carlitos explode de felicidade: **é o paraíso !!!!** No final, de mãos dadas com sua namorada, Carlitos está diante de uma estrada longa, empoeirada, em cujo final espera construir uma vida mais digna. Que estrada seria essa? A pista para responder a esta pergunta está na vida real do próprio Charles Chaplin. Ele foi expulso dos EUA acusado de ser comunista ...

Análise do filme “O show de Truman”

SINOPSE

“Ele é a estrela do show ... mas não sabe disso. Jim Carrey conquistou a crítica e o público, como o ingênuo Truman Burbank, neste maravilhoso filme do diretor Peter Weir, sobre um homem cuja vida é um show contínuo de televisão. Truman nem imagina que sua antiquada cidade é um estúdio gigantesco, dirigido por um visionário produtor/diretor/criador, nem que as pessoas que vivem e trabalham lá são atores de Hollywood, e que até sua entusiasmada esposa é uma atriz contratada. Gradualmente, Truman vai percebendo os fatos. E a cada descoberta, ele vai fazer você rir, chorar e torcer como poucos filmes já conseguiram.”

SÍNTESE ANALÍTICA

O Show de Truman nos oferece dois grandes eixos temáticos para análise e debate. O primeiro eixo está vinculado à obra **1984** de George Orwell. Utilizando a obra de Orwell como referência podemos discutir a possível extinção da vida privada devido ao uso massivo de tecnologias que manipulam imagem e som. *O Grande Irmão* que tudo vê, contudo, deixa de ser o Estado para se ampliar de forma incontrolável. O segundo eixo está vinculado à obra **A Metamorfose** de Franz Kafka. Por este enfoque podemos discutir a vida de inseto a que a maioria da população está submetida. Uma vida rotineira e previsível, onde as pessoas utilizam mais o instinto de sobrevivência do que seu livre-arbítrio.

No livro **1984** George Orwell considera a possibilidade da sociedade poder controlar por completo a vida de seus cidadãos através da instalação de câmeras de tevês em todos os ambientes. O poder central, chamado por Orwell de *O Grande Irmão*, através do uso massivo da tecnologia de imagem e som, elimina o espaço privado, implantando um sistema totalitário que deixa como única opção o espaço público. Até mesmo quando uma pessoa está no banheiro ou na sua cama, ali está o olho eletrônico de *O Grande Irmão*.

A possibilidade da ficção virar realidade, principalmente após o advento da Terceira Revolução Tecnológica por volta de 1960, virou uma verdadeira obsessão nos países desenvolvidos. Os cidadãos comuns começam a perceber que a cada dia que passa mais e mais câmeras estão sendo instaladas e seus passos estão sendo monitorados sem sua prévia

autorização. No elevador, na rua, na loja, tornou-se corriqueiro encontrar pequenos cartazes anunciando: “*Sorria, você está sendo filmado*”. *O Grande Irmão*, deixou de ser ficção e está nos espiando a todo momento. Contudo, ao contrário do que previu Orwell *O Grande Irmão* não se limitou apenas à esfera pública, qual seja, não é apenas o Estado que está utilizando as tecnologias de captação e tratamento de imagem para controlar a vida dos cidadãos. É muito pior do que isso, pois a iniciativa privada (comércio, indústria, banco) e até mesmo particulares, em nome da segurança, estão montando sistemas de vigilância eletrônica cada vez mais complexos e amplos. Em síntese: todos olham para todos, e ninguém olha para si mesmo. O que no mínimo é muito cômodo, não é mesmo?

Assim, na medida em que as pessoas comuns vão dando audiência para programas que devassam vidas privadas, são essas pessoas olhos de *O Grande Irmão*. Se em *O Show de Truman* o cenário é composto por cinco mil câmeras, que servem como olhos para dois bilhões de pessoas espalhadas por duzentos e vinte países, durante um período de trinta anos, então podemos considerar que o universo de Orwell foi ampliado. Agora, não só o Estado está espiando, mas todos espiam todos. Pior, todos espiam a vida privada de todos e transformam isto em um show de televisão.

O nosso mundo virou um grande cenário e somos todos atores (o que não deixa de ser uma ironia para com os marxistas). Nossa sociedade virou uma **Seahaven**, sem lugar para a espontaneidade, criatividade ou individualidade. Como atores temos de cumprir nosso papel social, corresponder às expectativas dos outros. Nascemos com um roteiro (*Script*) na cabeça, quase uma programação robótica.

Ainda dentro desse eixo temático merece nossa reflexão a presença da mídia na vida das pessoas. Como um programa de televisão altera a vida do espectador a ponto de deixá-lo em total dependência, como se estivesse dopado. A audiência, por sua vez, serve como fundamento para o fortalecimento da sociedade de mercado, principalmente através de *merchandising* (propaganda indireta inserida na própria história – é o caso do amigo de Truman que só bebe cerveja de uma determinada marca). O estúdio que produz e transmite *O Show de Truman* tem um catálogo onde coloca tudo que está no cenário à venda. Isto mesmo, na vida de Truman tudo está sendo observado como se estivesse à mostra em uma grande vitrine.

Quando Truman começa a desconfiar de que algo está fora de contexto, e nisso ele tem uma primeira ajuda de sua amada Lauren (Sylvia é o seu nome verdadeiro), inicia um processo de enfrentamento com o mundo a sua volta. Evita a rotina e provoca

conscientemente o erro. A partir daí o imprevisto e a criatividade passam a ser suas principais armas contra *O Grande Irmão*. Ao agir com espontaneidade Truman começa a exigir que os atores também larguem seus roteiros, o que deixa todo mundo bastante estressado. As pessoas interessadas em manter seus empregos, manter a rotina tranquila que obtiveram ao longo desses trinta anos em que Truman simplesmente correspondia à todas as expectativas, começaram a pressioná-lo para que voltasse a ser **normal**.

Ao romper com o roteiro original, Truman desmancha todo o mundo a sua volta. Diante desta ameaça, todos os figurantes de mãos dadas, coesos, procuram em vão Truman. Por fim, a mulher utiliza um último recurso, o de acusá-lo de estar ficando doido, de não ser sério ou normal: “*Você não está bem, precisa de ajuda*”. Isto mesmo. Estão todos presos a um roteiro, escrito pelo criador Christofer, sendo manipulados, e quem ousa se libertar é considerado doido. Ser espontâneo é ser louco. Geralmente na nossa juventude todos nos consideram um pouco loucos e anormais, não é mesmo? Justamente porque fazemos igual a Truman, saímos um pouco fora do roteiro que nossos pais escreveram para nós.

Christof é um Deus que vive de audiência. Mas, nesse negócio não há mocinho e bandido, porque somos todos vítimas e algozes, afinal se a mídia nos manipula, por outro lado, através da audiência nós também manipulamos a mídia. Ainda mais que a sociedade contemporânea há muito incluiu mais dois direitos aos tradicionais Direitos Universais do Homem: 1) Todo ser humano tem direito a um minuto de fama; 2) Todo ser humano tem direito a ficar sabendo o máximo possível sobre a vida privada dos outros.

Quer dizer, passamos a ser, cada um, parte integrante de *O Grande Irmão*. Pior, começamos a achar normal expor nossa privacidade em troca de um minuto de fama. Fazemos qualquer negócio para aparecer na tevê ou coluna social e mantemos nossos “amigos” atualizados sobre nossa vida privada no *facebook*. Só existimos socialmente se nosso discurso e imagem forem detectados pela mídia. A tevê passa a ser o cartório que registra nosso nascimento social. A máxima cartesiana “*Penso, logo existo*” dá lugar à máxima *Apareço na mídia, logo existo*. E neste mundo “*Não somos, nem valemos o que conseguimos fazer, mas o que conseguimos parecer ou aparentar aos olhos dos outros*”. (Contardo Calligaris).

Por coincidência ou não, nosso **Grupo Aberto de Estudo Sobre Cinema da Univali**, projetou e analisou o filme *O Show de Truman* no dia trinta de agosto de 2001, dia em que todas as redes de tevê do Brasil deixaram de lado suas programações normais para transmitir ao vivo, durante cerca de oito horas ininterruptas, o sequestro do apresentador de

tevé Sílvio Santos. Neste episódio, o povo parou diante da tevê, enquanto as emissoras vasculhavam a privacidade de sequestrado e sequestrador. Depois, no Jornal Nacional, depoimentos de parentes, amigos, vizinhos e até da primeira namorada do sequestrador, receberam tratamento de notícia. Isso mesmo, a vizinha do sequestrador falou no horário nobre da tevê e graças ao infortúnio de Sílvio Santos passou a existir socialmente: apareceu na tevê.

Ainda sobre a questão obsessiva de *O Grande Irmão*, onde todos são vigiados o tempo todo, a fala de Christof é emblemática: *“Lembre-se que começamos apenas com uma câmera”*. Esta frase tem um tom de alerta. Christof está querendo dizer: *“Olha, tomem muito cuidado com esse negócio de colocar uma simples câmera no corredor ou elevador, porque quando menos se espera elas se multiplicam e acabamos cercados por cinco mil câmeras. A situação pode fugir do controle. Cuidado!”*

Aqui podemos entrelaçar Orwell com Kafka, na medida em que percebemos que a instituição mais forte e eficiente, que é chamada para intervir de modo a colocar Truman no caminho da normalidade, é justamente a família. A mulher de Truman várias vezes questiona suas atitudes dando a entender que ele não tem o direito de comprometer o futuro da família. Aí está a chave para manter Truman dentro do roteiro, questionar os seus atos presentes, mostrando as possíveis consequências para os seus entes mais queridos num futuro bem próximo. Quer dizer, a família acaba tendo um excelente sistema de controle porque usa o futuro como uma ameaça. A família o vê como um inseto e quer que ele próprio se veja como um inseto.

Neste sentido o filme direciona sua crítica ao *American Way of Life* (modo de vida americano), apresentando a população da pequena cidade de **Seahaven** como integrante da classe média, que vive o sonho americano de harmonia social e alto índice de consumo. Neste mundo classe média tudo é certinho, previsível, dentro das normas sociais. Nele não há lugar para a inovação, muito menos para a espontaneidade e rebeldia. É como se fossem todos insetos, programados geneticamente. E a família é a célula que programa e controla todo o sistema.

Mas Truman resolve ser sujeito de sua própria história, descobrir os mistérios da vida, o que há para além da sua vista, da aparente normalidade das coisas e das pessoas. Não adianta mais o apelo de sua esposa: *“Truman, vamos para casa, onde se sente seguro”*, porque ele simplesmente não quer segurança alguma, ele quer a verdade. E a verdade deve ser conseguida a qualquer custo, mesmo correndo risco de vida.

Quando Truman insiste em ir para **Fiji**, ele está simbolicamente se referindo a qualquer lugar no mundo que não se enquadre no modelo americano de sociedade. É como diz Contardo Calligaris: “*Fiji [...] é isso: o mundo fora do alcance de visão da câmera, o mundo onde seria possível viver para qualquer coisa que não seja o olhar dos outros. Será que isso existe?*”. Este lugar até pode existir, mas em um primeiro momento a pessoa que está empenhada em descobri-lo terá de romper com a programação existente em si mesmo, depois romper com a família, com os amigos que tomam cerveja ao seu lado, a mãe e seu álbum cheio de reminiscências felizes... terá de rasgar o *script* original.

Truman era considerado normal, enquanto mantinha-se como bom filho, esposo e profissional. E ser bom significava simplesmente cumprir seu papel social sem questionar. Viver como inseto, não ter consciência, é tudo o que a sociedade espera de um pacato cidadão cumpridor de seus deveres e preocupado com o futuro de seus entes mais queridos. Tudo está previsto no roteiro, do nascimento à compra de uma determinada revista. E quando Truman pela primeira vez em sua vida conhece o verdadeiro amor (conhece Lauren), tenta fugir do previsto. É como na vida real: o nosso primeiro amor sempre nos tira do roteiro, nos fazendo parecer verdadeiros idiotas e dando muito trabalho e irritação a todos a nossa volta, não é mesmo?

No botão de Lauren está escrito: “*Que fim terá?*” e no final do filme, quando Truman abre a porta para sair do estúdio, simplesmente aparece um ponto escuro, nada é mostrado. O mundo lá fora é apenas um ponto escuro, sombra e incógnita. Que porta é esta que nos leva para fora da vida pacata e segura oferecida pelo mundo burguês classe média? Que fim terá aquele que enfrenta o sistema e abre a porta da vida? A Fiji de Truman é a utopia. E para alcançá-la, além de enfrentar a tempestade e a ira das pessoas conformadas com o conforto da vida de classe média, têm-se de enfrentar o criador, o todo-poderoso que se arvora ao direito de manipular as pessoas ao seu bel-prazer. Depois de enfrentar a família, amigos e até o próprio criador, Truman ainda tem de dar um passo no escuro.

Quantos conseguiriam chegar até esta porta? Vendo todo o sacrifício pelo qual passou Truman, a maioria opta por ficar tocando a sua vidinha de sempre, em frente da tevê, comendo pipoca e acariciando seu cão *poodle*. Nesse sentido, diante dos incômodos e incertezas, a vida classe média é tentadora, tem seus atrativos. Nos dá segurança, certeza do futuro, tranquilidade no presente. E mesmo sabendo que tudo não passa de encenação, ainda assim esta é a vida que a maioria prefere. Fiji é utopia, e todo utópico, para a classe média, é um insano! Um insano que larga a felicidade em troca de algo duvidoso. E a

felicidade classe média é: uma família normal, emprego fixo, vizinhos corteses, sociedade em paz social, futuro garantido através de uma aposentadoria e uma boa poupança e, claro, aparecer na televisão o máximo possível. Afinal, a tevê é o útero de nossa civilização.

Pois bem, Truman chegou aos seus trinta anos dizendo não a este modelo pré-fabricado de felicidade, e agora? Muitos, que percebem toda a trama social, a encenação, optam por não arriscar perder tudo o que já conquistaram até ali. Estão conscientes de que tudo é uma farsa, mas compactuam por considerarem que estão levando vantagem. Mas, uma minoria “insana” aceita pagar o preço de ser estigmatizada, ser chamada de doida, lutar contra a chantagem emocional da família, lutar contra os poderosos que manipulam a vida social.

Quem, no lugar de Truman, aceitaria arriscar a própria vida na tempestade? No filme, a tempestade simboliza justamente o enfrentamento final entre criador e criatura, sociedade e indivíduo, sujeito e objeto. Somos atores sociais, criados pelo grupo, animais políticos. Decidir trilhar um caminho próprio, autêntico, é enfrentar a tempestade, pagar o sacrifício de estar contra a maioria acomodada, alienada, passiva. Quantos aceitam o sacrifício da luta para conquistar seu livre-arbítrio? Pois é, Truman aceitou o desafio. Embarcou na nau *Santa Maria* e como um desbravador foi além. Mas será que em Fiji ele será mais feliz que em Seahaven? Será? De apenas uma coisa podemos ter certeza: em Fiji sua consciência doerá menos, muito menos.

Bem, por falar em Fiji, alguém sabe me informar onde fica a sua Fiji?

CAPÍTULO VII

QUARTA ANÁLISE: LEITURA DE CENÁRIO POLÍTICO

Eleições municipais no ano de 2012

Uma das análises mais difíceis de serem realizadas é a análise do cenário político-eleitoral. Nenhum outro cenário é tão complexo e cheio de armadilhas para o analista. São muitos os fatores a serem observados, muitos plenamente camuflados ou disfarçados durante o processo eleitoral, que mal podem ser detectados dentro do cenário a ser analisado. Principalmente os fatores de cunho mais subjetivo, como é o caso de simpatia/antipatia, construção e articulação do discurso, identidade, afinidade, carisma. No cenário político praticamente todos os fatores (social, psicológico, econômico...) estão presentes e todos devem ser observados com muita atenção, sem que nada seja jogado para um segundo plano de forma definitiva. Um pequeno detalhe pode ser decisivo na disputa eleitoral e na estabilização de um determinado cenário.

Para sintetizar essa preocupação com o que parece, à primeira vista, insignificante no processo político-eleitoral, costumamos dizer aos nossos aprendizes de analistas: “*Não subestime a força de um olhar. Um olhar apenas que seja.*” Em outras palavras: tudo tem de ser levado em conta. Tudo merece ser pensado. Tudo tem de ser detectado e devidamente posto sobre a mesa. Por isso consideramos que uma boa análise sobre o processo político-eleitoral pode começar por um gostoso e descontraído ambiente de *brainstorm*. Nesse exercício descontraído podemos obter um conjunto de variáveis que nem sempre o método racional puro nos daria, considerando o fato concreto de que a razão e sua companheira filosófica, a lógica, eliminariam de forma natural e definitiva fatores considerados improváveis, intangíveis e insignificantes. Contudo, em política o improvável é uma possibilidade real. Na política o “impossível” acontece.

Dados gerais da eleição 2012

Colégio eleitoral de Itajaí – 130.209 eleitores

Comparecimento – 110.511 eleitores

Abstenção – 19.698 eleitores

Votos brancos – 3517 eleitores

Votos nulos – 4.933 eleitores

Total de votos inválidos – 28.148 eleitores

Total de votos válidos – 102.061 eleitores

Jandir Bellini – 63.857 votos

Deodato Casas – 19.692 votos

Nícolas Reis – 18.512 votos

Partidos políticos – 24 siglas participantes de um total de 29 partidos existentes em nível nacional.

Economia – segundo município em arrecadação de imposto de Santa Catarina. Atividades principais: Porto de carga geral e frigorificada, pesca industrial, comércio e serviço em geral, indústria leve, construção civil. Grande empresariado não residente em Itajaí.

Análise

A primeira constatação que temos de fazer para montar o cenário político-eleitoral de 2012 é destacar a ausência, como candidato, do ex-prefeito e deputado estadual Volnei José Morastoni. A ausência de Morastoni (como candidato) tem o mesmo peso analítico da presença de Jandir Bellini como candidato à reeleição. Não há sombra de dúvida de que o processo estabelecido em 2012 seria completamente diferenciado se o embate de forças fosse entre Jandir Bellini e Volnei Morastoni. Mas, não foi. Essa ausência foi decisiva na correlação de forças que ficou estabelecida entre situação-oposição, tornando o embate eleitoral completamente favorável a Jandir Bellini. Essa ausência foi tão forte e decisiva, que a eleição passou a ser encarada por muitos eleitores como um plebiscito, onde o eleitor tinha de escolher entre SIM ou NÃO na consulta sobre a continuidade do governo Bellini.

A segunda constatação importante diz respeito ao fato de Jandir Bellini ter dissimulado muito bem, durante os quatro anos de governo, o desmonte que promoveu nas forças de oposição. Durante esse período pré-eleitoral, Jandir desmontou as forças de oposição chamando para compor o governo os dois principais aliados do governo anterior liderado por Volnei Morastoni: PMDB e PDT. O triplé de apoio do governo Morastoni estava definitivamente corrompido. O PT ficou isolado, com dificuldades estruturais de

buscar no círculo político uma aliança que tivesse a força da aliança original, ou seja, aquela aliança vencedora anteriormente (2004) constituída por PT + PMDB + PDT.

Aqui é importante observar que parte desse desmonte ocorreu já na eleição passada (2008), quando Jandir Bellini tirou de Volnei Morastoni, então candidato à reeleição, o apoio incondicional do PMDB. Apesar do PMDB ter continuado na coligação governista em 2008, a defecção no partido era visível, com uma força substantiva dele, liderada por Eliane Rebelo, urdindo nos bastidores apoio à candidatura do oponente (Jandir Bellini).

Desmontado o triplé que tinha a força eleitoral de igualar-se a Jandir Bellini, o resto foi circo. Os candidatos de oposição sabiam muito bem que a batalha a ser travada não seria contra Jandir Bellini, porque Jandir representava o presente enquanto eles estavam ali pensando na construção do futuro político deles e de Itajaí. Continuaram na luta porque vislumbravam um cenário pós-Jandir Bellini em 2014 e 2016. Ou seja, mesmo prevendo a derrota eleitoral, estavam sedimentando um caminho para as eleições futuras onde Jandir Bellini, certamente, não poderá estar presente. Essa projeção dos cenários de 2014 e 2016 influenciou o cenário de 2012, por impedir a união das oposições e inibir defecções importantes nas forças governistas, já que algumas lideranças situacionistas tinham pretensão de lançar candidatura a prefeito, como Luiz Carlos Pissetti (DEM) e Osvaldo Gern (PP).

A terceira constatação importante diz respeito ao fato de que ao falarmos de forças de oposição estamos falando de um nome forte eleitoralmente que é Volnei Morastoni; ao falarmos de forças de situação estamos falando de um nome forte eleitoralmente que é Jandir Bellini. Quando Volnei Morastoni não se apresentou como candidato, a força principal da oposição deixou de ser um nome e passou a ser alicerçada exclusivamente nas siglas partidárias. Ou seja, tentou-se consolidar uma força de oposição razoável com a união de PT + PSDB e outros partidos nanicos e pequenos. Mas nem isso foi possível porque, diante da derrota inevitável, cada um tratou de projetar seu futuro político. O PT lançou a candidatura do jovem Níkolás Reis, enquanto o PSDB lançou a candidatura de Deodato Casas. A divisão da oposição foi a gota d'água para estabelecer uma correlação das forças (situação-oposição) completamente favorável à candidatura situacionista.

Interessante observar que o PSDB ajudou a força de situação promovendo sua saída ruidosa do governo e não consolidando força única na oposição, optando por uma candidatura própria a prefeito. O PSDB rompeu com o governo e foi para a oposição, ao mesmo tempo que o governo ganhava o apoio do PDT + PMDB, partidos muito mais

estruturados que o PSDB. Essa ruptura anexou ao PSDB a imagem de oposição ao governo Bellini e a condição eleitoral de lutar pelos votos no campo do eleitorado definido como oposição. Ali no campo da oposição o PT era o grande partido e na eleição em que foi vitorioso contava com o apoio do PMDB + PDT, sem rupturas ou traições (o que não aconteceu na tentativa de reeleição do prefeito Volnei Morastoni). Ao sair do governo o PSDB abriu espaço mais confortável na estrutura administrativa para o PMDB + PDT consolidando uma aliança governista fortíssima. Além de ceder espaço e ajudar a consolidar essa coligação governista o PSDB fez o favor de dividir o voto da oposição.

O quarto ponto a merecer nossa atenção inicial diz respeito ao fato de Itajaí ter sido isolado do processo como um todo. Ou seja, as avaliações feitas no centro estratégico das eleições em Santa Catarina (Florianópolis) considerando pesquisas realizadas à exaustão durante os últimos meses junto ao eleitoral itajaense, davam como irreversível o quadro estabelecido em Itajaí. Os partidos políticos isolaram Itajaí do mapa de Santa Catarina, concentrando forças onde tinha disputa a ser realizada, como foi o caso de Blumenau, Joinville e Florianópolis. Muito recurso de campanha obtido pela influência do governo federal deixou de migrar para Itajaí, indo cair diretamente nos comitês dos candidatos petistas de Blumenau e Joinville. Em Blumenau porque a vitória era iminente; em Joinville porque a projeção eleitoral do PT para 2014 (eleição ao governo do Estado) exigia que o eleitorado da maior cidade do Estado tivesse de emprestar um pouco mais de confiança na sigla petista após quatro anos de governo Carlito Merss. A eleição 2012 fica vista como patamar para a eleição 2014. E sem Joinville dificilmente alguém se elege governador de Santa Catarina. Neutralizar o fracasso da administração Merss era fundamental para o PT. Já não era mais uma questão de perder ou ganhar, mas de sair da derrota o menos lesado possível.

Em um primeiro esboço, portanto, podemos dizer que quatro elementos foram decisivos para o resultado do processo eleitoral de 2012:

- 1 – não candidatura de Volnei Morastoni e candidatura de Jandir Bellini
- 2 – desestruturação da aliança PT + PMDB + PDT e consolidação da aliança PP + PMDB + PDT
- 3 – defecção do PSDB no governo e divisão da oposição: PT - PSDB.
- 4 – isolamento político-eleitoral de Itajaí no cenário catarinense

Obviamente que é extremamente desgastante tentar relacionar todas as forças que atuaram no cenário político-eleitoral de 2012 em Itajaí. Tudo que se move sobre a terra é envolvido no processo eleitoral de um município. É a eleição mais capilarizada, mais próxima de cada um de nós. É a eleição que mais conhecemos os candidatos, nos envolvemos com eles, nos comprometemos com suas propostas. Ademais, é fundamental registrar que todos os grupos, subgrupos e instituições são importantes como atores políticos, notadamente porque em Itajaí já tivemos eleição ganha por cerca de 500 votos. Mas, alguns atores, algumas forças merecem destaque no processo 2012:

1 – **partidos políticos:** dos 29 partidos políticos registrados oficialmente no TSE a eleição de Itajaí contou com a participação direta de 24 deles. São partidos representando forças políticas muito diferenciadas (grande, média pequena), conforme podemos observar na tabela abaixo:

TABELA do desempenho dos partidos políticos na eleição proporcional de 2012 no Município de Itajaí					
tipo	partido	voto válido	voto na legenda	vereador eleito	quociente partidário
grande	PP	23.925	2.380	05	SIM
grande	PMDB	14.006	269	03	SIM
grande	PSD	13.557	131	03	SIM
grande	PDT	10.361	210	02	SIM
grande	PT	10.073	758	02	SIM
grande	DEM	7.051	108	01	SIM
grande	PSDB	5.469	841	01	SIM
grande	PPS	5.326	52	01	SIM
médio	PR	3.373	110	01	NÃO
médio	PRP	3.218	56	01	NÃO
médio	PRB	2.565	58	01	NÃO
pequeno	PCdoB	1.978	22	00	NÃO
pequeno	PTC	1.314	26	00	NÃO
pequeno	PSC	901	25	00	NÃO
pequeno	PTdoB	353	06	00	NÃO
pequeno	PSTU	332	42	00	NÃO
pequeno	PTN	172	13	00	NÃO
pequeno	PTB	39	39	00	NÃO
pequeno	PSDC	26	10	00	NÃO
pequeno	PSL	21	21	00	NÃO
pequeno	PMN	13	13	00	NÃO
pequeno	PSB	05	05	00	NÃO
inexistente	PV	00	00	00	NÃO
inexistente	PSOL	00	00	00	NÃO
inexistente	PRTB	00	00	00	NÃO
inexistente	PCO	00	00	00	NÃO
inexistente	PPL	00	00	00	NÃO
Dados do TRE-SC			quadro confeccionado por Magru Floriano		

Algumas questões envolvem diretamente esses partidos de forma a situá-los no cenário político de Itajaí. Um primeiro ponto a ser destacado se refere ao tamanho de cada um deles: número de filiados, número de candidatos a vereador, candidato a prefeito ou vice-prefeito, existência de dissidências internas, número de lideranças, voto de legenda nas últimas eleições, tempo de organização no Município, diretório e executiva legalmente instituídos ou provisórios, histórico de eleição de deputado federal e estadual, vereador, prefeito.... Tudo isso nos ajuda a compor a força eleitoral de cada um desses partidos.

Vale atenção especial à existência de dissidência interna, grupos, subgrupos, tendências ou, ao contrário, se a liderança maior do partido tem unanimidade e consegue coesão integral para sua candidatura. No caso do PMDB a existência de grupos divergentes foi fundamental na eleição que visava à reeleição de Volnei Morastoni (2008). No caso do PT a luta interna entre Volnei Morastoni e Nícolas Reis, que busca a renovação do partido, foi muito importante na eleição de 2012, tirando a coesão interna do partido, afastando Volnei Morastoni do processo e possibilitando o surgimento da candidatura Thiago Morastoni a vereador.

Ainda com relação aos partidos é importante perceber que o projeto eleitoral deles depende da força eleitoral que eles consideram ter no momento. Essa avaliação interna vai ser decisiva para concluir se lança candidato próprio a prefeito e vice-prefeito, se coliga ou não coliga, etc. Também serve de referência para escolher qual a coligação que deve ser feita na eleição proporcional (vereador). PR - PRB - PRP, por exemplo, não possuíam densidade eleitoral para eleger um vereador em 2012, mas apoiaram Jandir Bellini como candidato a prefeito para garantir uma boa coligação na eleição proporcional. Ajudaram eleger Jandir Bellini e ganharam o direito de compor o governo municipal e ainda elegeram um vereador contando com o voto da coligação com outros partidos. Ou seja, a eleição majoritária consolidou também acertos políticos para a eleição proporcional.

De um total de oito partidos grandes que compõem o cenário político-partidário itajaense nada menos do que seis partidos integraram a coligação governista, enquanto os dois partidos grandes restantes se dividiam na oposição.

Coligação governista – 15 siglas: (**grandes** – PP + PMDB + PSD + PDT + DEM + PPS) (**médios** – PR + PRP) (**pequenos** – PTC + PSC + PTB + PSDC + PMN + PSB + PRTB)

Coligação oposicionista I – 04 siglas: (**grande** – PSDB) (**médio** – PRB) (**pequeno** – PTdoB + PSL)

Coligação oposicionista II – 03 siglas: (**grande** – PT) (**pequeno** – PCdoB + PTN)

Coligação oposicionista III – 01 sigla: (**pequeno** – PSTU) – não lançou candidato a prefeito e vice-prefeito.

2 – **justiça**: a Justiça Eleitoral e a estrutura legal tem sido cada vez mais determinante nos processos eleitorais por atuação. Antigamente toda a estrutura do Poder Judiciário era determinante nos processos eleitorais por flagrante e criminoso omissão. Isso tem mudado de forma substantiva no Brasil nos últimos anos e a estrutura legal tem se constituída como uma força importante no cenário eleitoral.

Em Itajaí a Justiça Eleitoral ganhou destaque em 2012 porque dois cidadãos (Rômulo Mafra e Rodrigo Truppel) solicitaram a impugnação da candidatura de Jandir Bellini por considerá-lo enquadrado na “Lei da Ficha Limpa”. A simples existência desse processo colocou em dúvida a candidatura de Jandir, ao mesmo tempo suscitava acalorado debate acerca de seu possível substituto. Também na esfera judicial foi marcante a presença do juiz eleitoral e da promotoria eleitoral na fiscalização dos atos dos candidatos. A presença visível da justiça no dia-a-dia da campanha inibiu de forma significativa exageros e distorções cometidos por alguns candidatos. O poder da máquina pública e do dinheiro, de certa forma, foi reduzido a um patamar aceitável.

3 – **meios de comunicação**: na eleição de 2012 podemos dividir os meios de comunicação em quatro esferas distintas: a) imprensa convencional (rádio, jornal, revista, rádio, televisão); b) horário eleitoral na TV e rádio; c) internet; d) eventos e material de campanha.

A imprensa convencional é pouco partidária ou ideológica e muito comercial. Excessivamente comercial, o que não deixa de ser, sob todos os aspectos, a bem da verdade e do rigor científico, um posicionamento ideológico. Mas, a grosso modo podemos dizer que a imprensa faz o jogo de quem lhe paga melhor. A empresa jornalística vende espaços, os colunistas vendem a consciência. Na avaliação final do processo, podemos garantir que esse tipo de mídia pouco ou quase nada interfere no resultado de uma eleição municipal em Itajaí. Exemplos não nos faltam para consolidar essa máxima.

A Rede Comunicação Brasil Esperança, contando com TV líder de audiência e rádio FM de alta potência regional (em Itajaí e Joinville) não conseguiu até aqui eleger seus candidatos (incluindo o próprio bispo Samuel Francelino e seu filho); o Diário do Litoral, todo poderoso, em campanhas passadas difamou como pode, inclusive com manchete de capa, o então delegado regional de polícia Renato Ribas, e ele se elegeu com tranquilidade

quantas vezes quis. As vezes que ficou como primeiro suplente foi por conta de trocar de partido e não porque o Diarinho encetou campanha contrária a sua candidatura. Rubens Menon, Breno Kolling são comunicadores populares em Itajaí que não conseguiram se eleger. A única vez que Menon se elegeu vereador deve esse fato mais à sua atuação junto à Igreja Quadrangular que ao programa radiofônico que mantinha na Rádio Clube. Depois que saiu da igreja não conseguiu mais se eleger. Ponto final!

O horário eleitoral na TV e rádio é fundamental no processo, principalmente na disputa para prefeito. A sua importância na eleição para vereador é simplesmente nenhuma. O candidato a prefeito tem muito o que mostrar e dizer na TV e rádio no horário eleitoral, mas o principal a ser mostrado é justamente a força que tem para governar. Quem está ao seu lado. E isso é evidenciado pelo tempo que cada candidato tem no horário eleitoral. Aqui vão ficar combinados alguns fatores importantes de campanha: estrutura econômica, estrutura física e pessoal técnico, tempo advindo da coligação partidária, propostas, obras realizadas a serem mostradas, imagem do candidato.

Sem um tempo razoável no horário eleitoral de TV e rádio fica praticamente inviabilizada uma candidatura a prefeito. As três forças que atuaram na eleição de 2012 contaram com tempo suficiente para fazer a campanha. Essa questão de tempo, portanto, não chegou a ser um diferencial para um determinado candidato. O que tornou diferente em favor de Jandir Bellini não foi tanto o tempo que teve a mais, fruto de sua extensa coligação com 15 partidos políticos, mas a qualidade técnica de seus programas e a capacidade de sua equipe em dar respostas rápidas aos desafios interpostos pela oposição.

A internet novamente saiu da eleição 2012 como uma promessa. Apenas uma promessa. Blogs, sites, twitter, facebook, e-mails todas as ferramentas foram utilizadas por todos os candidatos sem que tenham feito qualquer diferença no processo. Passou a ganhar espaço como uma mídia convencional a mais, como é o caso do telefone fixo e celular, além da correspondência (a tradicional carta).

Os eventos de campanha vem perdendo força significativa nas campanhas eleitorais municipais. Isso, considerando principalmente a rigidez da lei eleitoral quanto a gastos de campanha com showmícios e eventos festivos que visam atrair eleitores para o discurso do candidato. Carreatas, passeatas, comícios sem shows, passeios ciclísticos, caminhadas com o candidato cada vez mais, nos parece, que isso está perdendo força em relação ao horário eleitoral da TV e rádio. A maioria absoluta de quem está presente de corpo e alma

nesses eventos de rua são pessoas vinculadas diretamente às candidaturas. Quem vai para a rua é o exército do candidato, portanto não há voto em disputa nesses eventos.

O material de campanha também entra nesse campo do cansaço do eleitor com as mídias tradicionais. É muito santinho e muito panfleto correndo de mão em mão. Contudo, esse material, assim como todo o resto, forma um “*mix*”, um conjunto de ações que ajudam a formar a “opinião pública” e o “consenso” da maioria. Uns elementos influenciam mais, outro menos, e isso também dependendo muito de cada eleitor. Depois da “opinião pública” formada temos uma “tendência eleitoral”. Esta tendência vimos aparecer bem cedo na eleição de 2012. Uma tendência plenamente favorável à candidatura Jandir Bellini.

4 – **Regata Volta ao Mundo:** a administração pública gastou recursos na ordem de vinte milhões de reais para realizar a “Etapa de Itajaí” da *Volvo Ocean Race*, conhecida como *Regata Volta ao Mundo*. Era tanto dinheiro fluindo no ambiente da Regata que até a imprensa foi intensamente beneficiada, principalmente com a distribuição de passagens aéreas internacionais para seus editores e proprietários participarem de outras etapas pelo mundo. Uma cooptação total da imprensa, sem precedentes na história do jornalismo de Itajaí e de Santa Catarina.

A Regata deixou a imprensa completamente entorpecida por mais de um ano. O foco foi estabelecido no evento e os problemas políticos e administrativos ficaram em segundo ou terceiro planos para a opinião pública. Mas, o principal ganho político do governo com a realização da Regata foi a sensação entre os itajaienses de que o governo municipal é competente. Uma sensação de “nós podemos” tomou conta da cidade e ficou estabelecido um ambiente de elevada autoestima.

O povo estava de bem com a vida e, politicamente, de bem com a administração pública municipal. A economia andando bem e a autoestima elevada deram os contornos de um ambiente extremamente favorável às forças políticas de situação. Muitos analistas subestimam, e até ironizam, a importância da Regata no ambiente político-eleitoral de 2012. Nada disso. A Regata foi uma peça de *marketing* que custou vinte milhões de reais e reuniu a cidade como bem poucas vezes se conseguiu na sua história.

5 – **máquina pública:** o Município de Itajaí está entre os primeiros arrecadadores de impostos de Santa Catarina. Entra muito dinheiro na Prefeitura Municipal de Itajaí. Um ponto que chama muita atenção na política de pessoal da municipalidade diz respeito diretamente ao número de contratados sem concurso. São milhares de trabalhadores que possuem vínculo empregatício com a Prefeitura sem garantia contratual via concurso

público. Primeiro temos uma massa enorme de contratados via sistema de terceirização de empreiteiras; depois, temos na educação uma massa de professores contratados anualmente para suprir o quadro de professores/administradores das unidades de ensino e creche; seguem os agraciados com empregos nos segundo e primeiro escalões de governo por conta da composição político-eleitoral entre partidos e seus dirigentes. Estes são agraciados com cargos de “confiança” sem necessidade de concurso público ou competência e conhecimento na área em que atuam.

Em outras palavras: a Prefeitura de Itajaí é um grande cabide de emprego que consegue pendurar cabos-eleitorais e dirigentes partidários das 15 agremiações partidárias, mais as indicações dos 17 vereadores da base de apoio governista na Câmara Municipal de Vereadores de Itajaí. Essa capacidade de empregabilidade da Prefeitura atrela de forma definitiva o Poder Legislativo aos interesses políticos do Poder Executivo. Os vereadores governistas indicam seus cabos-eleitorais para cargos na Prefeitura e em troca entregam seus mandatos ao governo. Sem falar que tem vereadores que possuem empreiteiras trabalhando para a municipalidade, apesar da lei proibir. Essas empresas são montadas com a ajuda de “laranjas”, possibilitando que o nome do vereador nunca apareça nos contratos entre Prefeitura e empresa prestadora de serviços.

A máquina da Prefeitura é como um polvo e seus muitos tentáculos: empregos, empreiteiras, compras, impostos, serviços, informações privilegiadas... Tentáculos que alcançam praticamente todos os setores de nossa comunidade. A imprensa, por exemplo, tem verbas advindas da Prefeitura, Semasa, Superintendência do Porto de Itajaí. São os três principais anunciantes da imprensa de Itajaí, deixando as verbas da iniciativa privada muito atrás. Depois tem a verba da Câmara Municipal de Vereadores, que também está diretamente vinculada ao projeto político-eleitoral governista, porque a Câmara tem na sua direção elementos pinçados da maioria governista. Nenhuma empresa privada tem verba que chega à metade daquela destinada por Câmara, Prefeitura, Semasa e Porto individualmente. Imaginem o poder desses tentáculos públicos quando o sistema de repasse de verba para a imprensa se faz de forma estrategicamente pensada e coordenada.

A máquina pública tem uma capacidade quase ilimitada de cooptar.

6 – **eleitores**: publiquei recentemente os livros **A lógica do eleitor – reflexão sobre o processo eleitoral de 2008 no Município de Itajaí** – e, **Política – texto referência para um diálogo aberto sobre a prática política**, onde esmiucei todas as

questões que envolvem o eleitorado itajaiense. No primeiro deles, expus 37 teses sobre a prática política na cidade de Itajaí:

Tese I – O voto é um fenômeno conjuntural que depende de muitos fatores relacionados.

Tese II – Quanto maior a definição político-ideológica do eleitor, mais simples e direto é o seu processo de decidir o voto e vice-versa.

Tese III – O Bairro Vila Operária tem o padrão do eleitor itajaiense.

Tese IV – Há uma tendência do eleitor em priorizar o voto de situação.

Tese V – O índice de rejeição é composto principalmente pela identificação por parte do eleitor da incoerência do político quanto à imagem e identidade.

Tese VI – O voto é pragmático na medida em que o eleitor busca selecionar quem tem e quem não tem condições de governar.

Tese VII – perder uma eleição só dá *recall* negativo para quem é governista.

Tese VIII – Os critérios do eleitor mudam de acordo com a conjuntura.

Tese IX – A lógica do eleitor é diferenciada para a escolha no legislativo e executivo.

Tese X – O político que perde uma eleição que não podia perder dificilmente se recupera eleitoralmente.

Tese XI – Quanto menor o colégio eleitoral mais informações o eleitor tem do candidato.

Tese XII – A matemática do apoio político não é a somatória.

Tese XIII – O cenário da política itajaiense, por não ter segundo turno, tende a ser bipolarizado.

Tese XIV – O eleitor padrão tende a não acreditar no lado ruim do líder maior.

Tese XV – O eleitor fisiológico não julga ou questiona o candidato que vai apoiar.

Tese XVI – Cidades abertas, com forte fluxo migratório, abrem ciclicamente espaços para o surgimento de novas lideranças, sem a devida tradição política.

Tese XVII – O eleitor tende a recompensar o político que mantém uma relativa fidelidade partidária e coerência ideológica.

Tese XVIII – Toda conjuntura aponta para uma tendência.

Tese XIX – Quanto melhor a situação mais exigente o eleitor fica.

Tese XX – Pensar que o eleitor médio é fisiológico pode ser uma armadilha imposta pela realidade.

Tese XXI – O povo aprendeu a mentir e dissimular com quem sempre mentiu e dissimulou para ele.

Tese XXII – a mulher tem lógica diferenciada do homem na hora de decidir seu voto.

Tese XXIII – Quando as artes mencionam diretamente o governo estamos diante de um consenso.

Tese XXIV – O eleitor escolarizado vota no homem como um todo.

Tese XXV – Pão e circo não sustentam, sozinhos, projetos políticos.

Tese XXVI – A tendência atual é por acesso direto à liderança.

Tese XXVII – O eleitor é dominante.

Tese XXVIII – O papel político do candidato a vice-prefeito não é secundário durante o processo eleitoral.

Tese XXIX – a imprensa está se tornando mais engajada e posicionada politicamente.

Tese XXX – o eleitor gosta de candidato com personalidade.

Tese XXXI – Há clara tendência de reeleição na Câmara.

Tese XXXII – O eleitor diferencia aquele político que lhe presta serviço daquele que quer comprar sua consciência.

Tese XXXIII – O eleitor recompensa quem tem trabalho contínuo.

Tese XXXIV – A estratégia é o mais importante.

Tese XXXV – a campanha é centrada sempre na pessoa do candidato nunca no partido.

Tese XXXVI – Quem tem de capitalizar as ações de governo é o prefeito.

Tese XXXVII – o voto é a assinatura em um contrato que só pode ser mudado com a aquiescência das partes envolvidas [eleitor-candidato].

7 – **candidatos a vereador:** A correlação de forças entre situação-oposição pode ser melhor visualizada quando se coloca sobre a mesa o número de candidato a vereador de cada lado na disputa. A força situacionista é composta por um exército próximo a 200 candidatos a vereador; enquanto a oposição compunha uma força total de menos de 100 candidatos a vereador. Mais exatamente a correlação de candidatos a vereador respeitava a proporção 174 (PP) X 45 (PSDB) X 35 (PT) X 02 (PSTU). Seria coincidência o fato da ordem de votação na eleição majoritária ter respeitado exatamente a ordem do número de candidatos a vereador que cada coligação apresentou? (Jandir-PP, Deodato-PSDB, Nícolas-PT....).

O candidato a vereador é o principal cabo-eleitoral do candidato a prefeito. É através da campanha de vereador que a campanha de prefeito chega efetivamente às pessoas. Muitas vezes o candidato a prefeito esquece de fazer um trabalho de equipe com os candidatos a vereador e perde muito da capilaridade de sua campanha. Isso aconteceu em 2012 com o candidato Deodato Casas. Por falta de identidade e sintonia entre Deodato e os candidatos a vereador dos partidos coligados (PRB + PTN + PTdoB) ficou visível que alguns deles trabalharam abertamente para o candidato Jandir Bellini ou, simplesmente, não vincularam o pedido de voto de vereador e prefeito, deixando a escolha do voto para prefeito em aberto para o seu eleitor. Não quiseram remar contra a corrente.

É no nível da candidatura de vereador que ocorre a maioria absoluta das ações do eleitorado em termos de fisiologismo. O eleitor sempre tem algo a pedir para o candidato a vereador. Ele é visto, na maioria das vezes, como um intermediário entre o eleitor e o futuro prefeito. Aquele que vai abrir as portas da estrutura de Estado para o eleitor-pedinte. Esse fisiologismo acentuado em nível de candidatura a vereador promove uma tendência entre os candidatos de oposição de buscar uma saída estratégica menos radical, mais conciliatória entre sua opção política, no caso de oposição ao prefeito, e a necessidade de demonstrar ao seu eleitor em potencial que ele tem condições de se vincular à estrutura de poder. Essa estratégia de não ruptura com o *status quo*, obviamente, auxilia muito a candidatura situacionista ou aquela que tem a preferência do eleitorado (tendência de voto), principalmente porque auxilia na diminuição do índice de rejeição, muito estudado por especialistas nas tradicionais pesquisas eleitorais.

8 – **empresariado**: o Município de Itajaí não conta mais com o que poderíamos qualificar como o “grande empresariado” e por isso perdeu completamente a hegemonia política microrregional, regional e estadual. Fazendo um breve paralelo com o tempo em que Itajaí tinha hegemonia político-eleitoral completa é fácil perceber que no mesmo período histórico tínhamos aqui a base econômica: empresas de navegação de grande porte e até banco. Irineu Bornhausen, Genésio Miranda Lins, Victor Konder ... estavam no centro da cadeia econômica regional e estadual.

Na atualidade praticamente o capital local de grande porte sumiu ou foi diluído ao grande capital estranho à comunidade. A Rede de Supermercados Vitória, que já foi a maior de Santa Catarina, ficou diluída em diversas pequenas redes; grandes estaleiros como o Ebrasa passaram definitivamente para as mãos de multinacionais; o Banco Inco passou a integrar o Bradesco; empresas de navegação fecharam, como foi o caso da Navegação Antônio Ramos, uma das maiores no serviço de cabotagem nacional. Até o porto de Itajaí teve seus terminais passados para a iniciativa privada, caindo em mãos de uma multinacional de grande porte que pouco sabe ou quer saber sobre política itajaiense.

Não existe mais o grande empresariado itajaiense. Esse ponto é crucial para entendermos porque Itajaí perdeu a hegemonia política em níveis de microrregião, Vale do Itajaí e Santa Catarina. Tem mais dinheiro circulando atualmente em mãos dos grandes empresários da construção civil de Balneário Camboriú que em empresários da pesca de Itajaí. O dinheiro mudou de mãos e o poder político foi esvaziado por completo no Município de Itajaí. Não temos mais o Banco Inco, Companhia Malburg, Navegação Bauer a Navegação Ramos, Supermercados Vitória, Femepe Não temos mais o poder econômico domiciliado em Itajaí.

O poder político-eleitoral da ACII – Associação Empresarial de Itajaí – é ridículo nos tempos atuais. O mesmo vale para o CDL – Clube de Diretores Lojistas – e a Intersindical patronal. O patrão itajaiense está descapitalizado (em termos de grande porte) e perdeu a condição estrutural de decidir politicamente. A vinda para Itajaí das empresas que prestam serviços diretos e indiretos à Petrobrás só vai acelerar ainda mais esse processo. Nossos empresários são domiciliados em São Paulo ou Londres, enquanto que antigamente Genésio Miranda Lins e Irineu Bornhausen moravam em Cabeçudas e ali formaram a “República de Cabeçudas” na “Pequena Pátria” de Marcos Konder. Tudo isso acabou. Estamos na “Era Bradesco” e deixamos em um passado bem distante a “Era Inco”.

9 – **movimento social**: a história de Itajaí registra a ausência absoluta de grandes movimentos sociais. Por se constituir historicamente como uma cidade portuária era previsível que aqui se instalassem fortes aparelhos de partidos de esquerda e deles surgissem centelhas de manifestações populares por reforma urbana e moradia popular. Bem poucas vezes ouvimos falar em manifestações populares em Itajaí. Elas foram poucas e tímidas. Uma ou duas invasões de loteamentos na periferia, a revolta da carne ... e é só.

A ausência de movimento social estruturado no Município acaba por não possibilitar o surgimento de candidatos populistas ou nitidamente ideológicos. Esse ambiente, obviamente, prejudica sobremaneira toda a elaboração de discurso dos partidos e candidatos de esquerda. Essa falta de discurso é tão gritante e fundamental para a esquerda que Volnei Morastoni é lembrado “para sempre” como aquele político que lutou para a mãe poder acompanhar seu filho no leito do hospital, a tal lei da “mãe acompanhante”. Um grão de areia na praia da ideologia de esquerda, mas que agregou potencial eleitoral ao nome de Volnei Morastoni.

10 – **sindicalismo ideológico**: assim como não tivemos expressivos movimentos sociais na história de Itajaí, assim também não tivemos por aqui a formação de sindicatos com nítida feição ideológica, como aparelho político de esquerda. A maioria absoluta de nossos sindicatos tem prática pelega. Nenhuma liderança expressiva surgiu do movimento sindical. O ponto mais forte do que poderíamos esboçar como sindicalismo ideológico está em uma minoria que atuava na protohistória do Porto de Itajaí com a criação da Sociedade União Beneficente dos Estivadores (Sindicato União dos Operários Estivadores de Itajaí) e, mais adiante, o movimento que deu à Itajaí o Colégio Pedro Antônio Fayal. O PTB de Itajaí estava em mãos de um pelego chamado Abdon Fóes; o MDB em mãos de moderados como Cirio Arnoldo Vicente, Paulo Henrique Ternes, Anita Pires, Delfim de Pádua Peixoto Filho; o PMDB foi direto para as mãos do ex-arenista Arnaldo Schmitt Júnior.

O esboço mais bem traçado de sindicalismo ideológico (radical) vamos encontrar nos primórdios da organização classista no Porto de Itajaí. Nesse ponto indicamos o livro de José Bento Rosa da Silva intitulado “**Estiva papa-siri: mãos e pés do porto de Itajaí**”. O próprio PT não conseguiu se estruturar como uma força sindical em Itajaí. Seu principal nome (Volnei José Morastoni) é médico. Circularam na órbita política criada por Morastoni sindicalistas de pequena expressão político-eleitoral como Deolindo Pereira, Manoel Jesus da Conceição (Maneca do PT), Zatelli, João Martins, João Vechi, Davi Teixeira. Coincidentemente, o segundo nome com maior expressão político-eleitoral é o jovem

advogado Nícolas Reis, sem qualquer militância sindical já que surgiu do movimento estudantil da Univali.

Pedro Antônio Fayal, Sebastião Lucas Pereira, Joaquim Lopes Corrêa, Dionísio Veiga, Firmino Rosa, José Pereira Neto conseguiram o quê eleitoralmente no passado de Itajaí? Em 2012 qual sindicato classista teve destaque eleitoral? Qual liderança sindical foi decisiva no processo de 2012? Destaque para Osvaldo Mafra (PDT), vinculado à Força Sindical de Santa Catarina, que conseguiu se eleger na segunda tentativa, promovendo a Festa do Trabalhador, em todo Primeiro de Maio, distribuindo em praça pública carro zero quilômetro, motocicletas, bicicletas e televisores. Um sindicalismo de muitos prêmios e brindes, mas muito pouco de organização e luta classistas.

11 – **outros candidatos:** iniciamos esse trabalho de reflexão sobre o processo eleitoral de 2012 acusando a ausência de Volnei Morastoni como candidato a prefeito. Apontamos essa ausência como fator decisivo para a formação do cenário de 2012. Quer dizer, a combinação entre candidatos é fundamental em uma análise. Uma disputa Jandir-Volnei é muito diferenciada de uma disputa Jandir-Nícolas ou Volnei-Dalva Rhenius. Essa combinação de candidaturas deve ser analisada à exaustão pelo analista político.

Já dissemos aqui que a retirada de Volnei Morastoni do processo eleitoral de 2012 consolidou a candidatura vitoriosa de Jandir Bellini antes mesmo do escrutínio final dos votos. Deodato Casas também é médico, como Volnei, mas vem de um processo muito diferenciado desse. Volnei criou-se na base do grupo mais a esquerda existente no MDB de Itajaí (Luiz Antonio Cechinel, Magru Floriano, Décio Lima, Meirinho, José Carlos Machado....) conseguindo se eleger vereador e deputado estadual em diversas oportunidades. Já Deodato Casas nunca foi vereador ou deputado e rompeu pouco antes do início do processo eleitoral de 2012 com o prefeito Jandir Bellini por conta de desentendimentos de sua esposa (Rosana Casas), então secretária do governo.

Nícolas Reis surge no cenário como um jovem político originário do movimento estudantil da Univali e herdeiro político de seu pai, ex-vereador Amauri Moraes (PMDB). Ascendeu politicamente dentro do PT por propugnar renovação nas candidaturas do partido. Extremamente moderado, Nícolas lutou por diversas vezes para o PT lançar novos candidatos e exterminar a dependência excessiva que mantinha com o nome de Volnei Morastoni. Porém, sua fisionomia é de uma pessoa muito jovem, excessivamente jovem, fato que contrastou com a fisionomia adulta de Jandir e Deodato. Para complicar ainda mais a situação a dobradinha Nícolas-Ternes mais parecia uma dupla do movimento

estudantil da Univali. A guerra interna entre tendências fez a candidatura do PT ficar ainda mais fraca. A guerra interna na coligação PT-PCdoB colheu o mesmo resultado imediato. O PT olhava para os aliados comunistas com muita desconfiança, porque na eleição passada (2008) os votos do PT serviram para eleger o vereador comunista Marcelo Werner. Ou seja, o PT perdeu uma vaga na Câmara, apesar de ter feito os votos suficientes para tal. Agora, os petistas não queriam correr novamente esse risco, mas precisavam da aliança com o PCdoB para dar um mínimo de viabilidade eleitoral para a candidatura Nícolas Reis. Foi uma coligação à força.

Todo mundo sabia que a eleição em Itajaí tinha de ser uma disputa entre Volnei Morastoni e Jandir Bellini. Quando Volnei anunciou que não participaria do processo, a fatura tinha sido paga. A toalha da oposição foi jogada ao chão. O resto foi circo e projeto para os cenários de 2014/2016.

12 – **outras instituições:** sindicatos, partidos políticos, Prefeitura, Justiça Eleitoral, Câmara são muitas as instituições envolvidas no processo eleitoral. Uma das instituições que mais tem aparecido ultimamente no processo eleitoral é a igreja. Principalmente as igrejas evangélicas tem inserido nos diversos partidos os seus representantes-candidatos. O caso mais expressivo de sucesso eleitoral em Itajaí está registrado no nome da Igreja Assembléia de Deus. Essa igreja sempre conseguiu eleger um ou dois representantes. Márcio Silveira conseguiu se eleger três vezes pelo PMDB e Clayton Batschauer conseguiu se eleger três vezes (PDT + PR). O caso mais expressivo de fracasso eleitoral em Itajaí está registrado no nome da CEI com a não eleição do bispo Samuel Francelino e seu filho Fernando Francelino.

As igrejas evangélicas entram no processo eleitoral prometendo a fidelidade de voto de seus fiéis. Mas isso quase nunca acontece. Primeiro, porque geralmente na própria igreja se apresentam mais de um candidato. Segundo, porque cada fiel tem seus compromissos para além da igreja. De qualquer forma o fator igreja é importante na correlação de força eleitoral. Não tem o peso que alguns analistas querem emprestar a ela, mas também não pode ser menosprezada. Atualmente os candidatos na eleição majoritária tem conseguido “neutralizar” esse fator, puxando para os seus respectivos lados representantes desse setor. Ou seja, tem candidato evangélico para todos os lados (oposição-situação) e para todos os candidatos (esquerda-direita).

Outro setor importante é o esporte. O Clube Náutico Marcílio Dias sempre foi cultuado pelos políticos que pretenderam sentar na cadeira de prefeito de Itajaí. Contudo, o

clube tem passado por tão severas e sucessivas crises de gestão que fica praticamente anulada sua força política. Volnei Morastoni foi um prefeito que investiu na ideia de dar “pão e circo” para o povo usando o Marcílio Dias para tais propósitos. O projeto não deu certo. Diante da crise do “Marinheiro” podemos acentuar que sua influência política no cenário de Itajaí atualmente é nula.

O esporte amador não tem voto concentrado em nomes. O mesmo acontecendo com clubes esportivos e recreativos espalhados pela cidade (Natalense, Fiúza Lima, Tiradentes, Vila, Fazenda). No passado esses clubes tinham a capacidade de consolidar nomes com densidade eleitoral, como é o caso do Berti no Tiradentes e o Dias no Fazenda. Esse tempo acabou. O esporte amador é um setor completamente fisiológico. Todos os atletas que atuam nessa área acabam dependendo de uma forma muito direta de bolsa de estudo e outros favores do poder público. Uma dependência que inibe sua força política.

O setor cultural é uma nulidade político-eleitoral por completo. Os artistas não conseguem promover uma reunião com mais de 15 pessoas com a possibilidade de apoiar um único candidato. Colocar tempo e dinheiro no setor cultural pensando em voto é de uma temeridade a toda prova. Assim como no caso do esporte amador, a cultura é um setor completamente dependente de favores emanados da estrutura pública. Sem o dinheiro público a cultura simplesmente não existe. Essa dependência retira da cultura sua potencialidade eleitoral.

O movimento estudantil não é uma força organizada em Itajaí. Se pudesse se organizar teria muita força, principalmente considerando os estabelecimentos de grande porte como Colégio Salesiano, São José, Fayal, Unificado e Univali. Professores carismáticos que tentaram a eleição para vereador também tiveram pouca acolhida nas urnas. O professor de filosofia do Colégio Salesiano e Rede Municipal – Nahor Lopes (PT) - não conseguiu quinhentos votos, apesar de ter mobilizado seus alunos em diversos eventos na Câmara, como o aumento da passagem do transporte coletivo.

Durante o processo eleitoral PT + PCdoB tentaram reunir os grêmios estudantis secundaristas de Itajaí. Foi um casuísmo político que não surtiu qualquer efeito eleitoral positivo. Para comparar como foi inócua a iniciativa basta ver qual a votação que a candidata líder desse movimento (Bianca Innocente – PCdoB) obteve nas urnas de 2012. Uma inexpressividade total.

13 – **governo federal:** é notório como o governo federal usa a Petrobrás para interferir no processo eleitoral em Itajaí. Quem acompanha o processo político-eleitoral de

Itajaí percebe que em todo ano eleitoral a Petrobrás surge com “boas-novas” para a cidade e as anuncia diante de candidatos petistas. Fez isso de forma direta em 2008 na tentativa frustrada de reeleição do petista Volnei Morastoni e não foi diferente em 2012.

A ministra Ideli Salvati vem a Itajaí ciclicamente dar discursos sobre o nosso Porto e sua infraestrutura, mas cada vez convence menos o eleitorado itajaense. Por último resta uma Escola Técnica Federal inacabada, com obra completamente abandonada na Avenida Contorno Sul; a via portuária parada e a promessa de retirar Itajaí do mapa da logística catarinense da malha ferroviária. Quem vincula seu nome ao governo federal está completamente perdido em termos de votos no Município de Itajaí. Por este motivo Jandir Bellini vinculou o mínimo possível seu governo à estrutura federal, não obstante o PP participar do governo Rousseff. Estratégia mais do que acertada porque a imagem de Ideli e dos catarinenses no governo federal não é eleitoralmente saudável.

A Nícolas Reis não restou outra coisa senão explorar à exaustão seu vínculo com o governo federal. Tinha pouco para dizer, nada para mostrar. Não podia se dar ao luxo de renegar sua relação partidária com Dilma Rousseff. Mas, ao contrário de 2004, quando o candidato Volnei Morastoni se beneficiou diretamente da “onda Lula”, em 2012 não tinha onda nenhum para Nícolas Reis surfar eleitoralmente. O governo federal tocado pelos petistas nos últimos dez anos deve muito à Itajaí. Vale o registro de que não tem um itajaense em cargo importante no governo federal.

14 – **governo estadual:** também no governo do Estado muito pouco muda em termos eleitorais para Itajaí. Não temos um nome de destaque no governo. O governo Colombo não tem uma obra de relevância no Município. Uma nulidade total que deve trazer muitos votos para a oposição na eleição de 2014, principalmente para deputado estadual. O governo estadual não teve influência importante no processo eleitoral de Itajaí em 2012. O resto é jogar conversa fora. Escolheram Paulinho Bornhausen como interlocutor entre governos municipal e estadual, deixando o resto para conversas de bastidores, fato que demonstra de forma inequívoca o quanto Itajaí perdeu em termos de poder microrregional, regional e estadual. Itajaí não representa mais nada, nem ninguém no cenário político estadual e Jandir Bellini tem muita culpa nisso tudo porque vem se limitando a tratar de questões municipais tão-somente. Foi um deputado estadual ausente e omissor, está sendo um prefeito que não sabe reivindicar.

15- **projeção dos cenários de 2014 e 2016:** um fato muito importante na eleição 2012 foi a projeção que todos fizeram dos cenários de 2014 e 2016. Diante do fato

consumado de que Volnei Morastoni não iria bipolarizar a eleição municipal de 2012 com Jandir Bellini, todas as lideranças indistintamente, esquerda-direita, situação-oposição, recuaram suas tropas e refizeram suas estratégias. Todo mundo que tinha pretensão política para 2014 e 2016 colocaram suas projeções acima da própria realizada de 2012. Ou seja, candidatos como Nícolas Reis e Deodato Casas estavam com os pés em 2012 e a cabeça em 2014/2016. E isso valeu também para governistas como Luiz Carlos Pissetti e Osvaldo Gern.

Essa mudança de estratégia das principais lideranças foi causa preponderante para a desunião da oposição (PSDB-PT) e para a união da situação (Dalva Rhenius, Osvaldo Gern, Luiz Carlos Pissetti, Susi Bellini....). Todos passaram a trabalhar com o fato consumado de que Jandir era um candidato imbatível e que ele não será mais candidato em 2014/2016, extinguindo-se naturalmente a “Era Jandir”. Com Jandir fora das próximas eleições municipais restou aos principais líderes responder a seguinte pergunta: “Quem será a nova liderança política de Itajaí?” ou “Quem vai ocupar o lugar de Jandir Bellini?”. A partir das respostas a essa questão foram montadas as estratégias em 2012.

Ou seja, o cenário futuro influenciou de forma decisiva o cenário presente. Muito do que aconteceu em 2012 vai ter repercussões fundamentais em 2014/2016.

16 – candidatos a vice-prefeito: a candidatura de um vice-prefeito passa mais pela estratégia de desmonte de possíveis candidaturas adversárias que propriamente pela montagem da candidatura já estrutura no seio do partido. Ou seja, ninguém tinha dúvida que Jandir Bellini, Deodato Casas e Nícolas Reis seriam candidatos a prefeito. Mas restava a possibilidade de Dalva Rhenius, Luiz Carlos Pissetti serem candidatos a prefeito. Desmontar essas candidaturas para não dividir as forças de situação era fundamental. O mesmo ocorreu nas forças de oposição. Foram muitas as iniciativas visando trazer Deodato Casas para compor com Nícolas Reis na condição de vice-prefeito.

Nesses dois casos o cargo de vice-prefeito fica como uma moeda de troca pela não consolidação de uma candidatura. O que aconteceria no pleito de 2012 se Luiz Carlos Pissetti e Dalva Rhenius lançassem suas candidaturas, dividindo as forças governistas? O que aconteceria se a oposição formasse chapa única Deodato-Nícolas ou Nícolas-Deodato? Vejam que se formariam cenários completamente diferenciados.

Mas no final de todas as tratativas de bastidores ganhou o governo e a candidatura Jandir Bellini. Ele ficou com o vice mais forte eleitoralmente – Dalva Rhenius (PSD) - e não teve sua base de apoio político dividida com candidatura alternativa de Luiz Carlos

Pissetti (DEM). Por outro lado, Deodato Casas ficou sem opção de um nome forte para vice, tendo de colocar o jovem tucano Cícero Zucco na condição de vice. Cícero nunca participou de uma eleição em sua vida e sua inserção social até aquele momento era nula. Ou seja, Deodato compôs uma chapa nula. Era ele formando uma dupla com ninguém.

Já a dupla formada pelo PT + PCdoB também ficou muito prejudicada. Primeiramente porque o nome a ser indicado pelo PCdoB teria de ser um só: vereador Marcelo Werner. Mas o PCdoB só queria a coligação com o PT justamente para conseguir a viabilidade eleitoral de Marcelo Werner. Ou seja, reeditar o que ocorreu na eleição de 2008. Então o PCdoB indicou o nome da jovem e inexperiente Sara Ternes. O PT ficou sem um vice forte, correu o risco de eleger novamente um vereador fora da sua sigla e ainda compôs uma dupla muito jovem que o eleitor não conseguia ver como uma dupla de governantes para a cidade.

17 - governabilidade: o clima de uma eleição pesa muito sobre a cabeça do eleitor. E olhando para todos os candidatos e seus apoiadores, de forma subjetiva, mas consistente, o eleitor vai percebendo que determinado candidato está sozinho ou mal acompanhado, não tendo condições reais de governabilidade. Esse sentimento ficou mais forte junto ao eleitorado itajaiense após a experiência do governo Morastoni. Sempre se dizia em Itajaí para não votar no PT porque o partido não tinha nomes para compor o governo. Até que um dia o povo escolheu Volnei Morastoni para governar o Município de Itajaí e assistiu a chegada de uma horda de petistas que ocupou muitos cargos importantes da estrutura administrativa. Setores fundamentais como saúde e educação, foram literalmente invadidos por “estrangeiros” vindos de São Paulo, Maringá, Ponta Grossa, Porto Alegre, Blumenau e Joinville.

A partir dessa experiência ficou mais forte no povo de Itajaí de que um candidato a prefeito para ter viabilidade no seu projeto eleitoral tem de mostrar que tem equipe de governo. Essa sensação antecipada de governabilidade, um tipo de seguro pedido pelo eleitor para que a cidade não seja novamente invadida por uma horda bárbara, influenciou diretamente nos resultados da eleição majoritária em 2012. Nícolas Reis e Deodato Casas não conseguiram mostrar nomes e equipe ao povo de Itajaí. E o povo não quis correr novamente o risco de ver a cidade ser invadida por petistas paulistas, no caso de Nícolas vencer; e tucanos de Balneário Camboriú, caso Deodato Casas viesse a vencer.

Outro ponto essencial na questão da governabilidade foi passada ao leitor através dos candidatos a vereador. Estava nítido para o eleitor itajaiense que as forças situacionistas

iriam fazer a maioria absoluta na Câmara de Vereadores de Itajaí. Uns falavam em 17 X 4, outros em 19 X 2. Ninguém falava na eleição de mais que quatro vereadores opositores e isso ajudou muito a candidatura Jandir Bellini. Ele era o candidato que apresentava melhor condição de governabilidade também olhando em direção à Câmara de Vereadores.

Para concluirmos essa breve análise do cenário político-eleitoral de 2012 no Município de Itajaí devemos fazer referência a determinados fatores que também contribuíram para a formação de um ambiente favorável à reeleição do prefeito Jandir Bellini:

- 1 – comparação de governos e governantes: Morastoni – 2005/2008 e Bellini 2009/2012;
- 2 – candidato com experiência administrativa x sem experiência
- 3 – estratégia: postura da oposição (radicalização, denunciismo, derrotismo...)
- 4 – uso da pesquisa eleitoral
- 5 – ausência de fatores externos decisivos ou importantes (como foi o caso da Onda Lula no processo de 2004)
- 6 – estratégias dos candidatos, partidos e coligações.
- 7 – pactos não convencionais e sigilosos entre candidatos e forças políticas
- 8 – eventualidades, oportunidades
- 9 – erros e acertos dos candidatos

Como podemos perceber, são muitos os FATORES a serem estudados visando à composição de uma boa ANÁLISE do processo eleitoral. Quem acompanhou até aqui o nosso modo de compor uma análise deve atentar para um princípio importante: uma coisa é você aceitar, ou não aceitar, o conteúdo que fizemos sobre um determinado FATOR. Outra coisa bem diferente é você atribuir certo valor, peso, importância a esse fator. Outra ainda, é você simplesmente desconsiderá-la. Nos dois primeiros casos o nosso leitor pode ficar à vontade para dimensionar exatamente qual a importância que vai dar para cada fator e que conteúdo analisar. No último ponto, porém, é uma questão essencial da análise que nada fique sem ser estudado. Nada pode ser deixado de lado.

Capítulo VIII

QUINTA ANÁLISE: LEITURA DE UMA QUESTÃO ESPECÍFICA

Questão de gênero: a mulher candidata nas eleições 2012 no Município de Itajaí

Itajaí é um município catarinense de porte médio, contando atualmente com 183.373 habitantes (censo do IBGE de 2010). Realizou eleições municipais em 2012 visando à escolha de prefeito e vice-prefeito, além de 21 vereadores, com mandatos previstos para o período compreendido entre primeiro de janeiro de 2013 e 31 de dezembro de 2016.

Os dados gerais do Colégio Eleitoral de Itajaí na eleição proporcional (vereador) são os seguintes:

colégio eleitoral – 130.209 eleitores

votos apurados – 110.511

votos válidos – 103.078

votos nominais – 97.883

votos de legendas – 5.195

votos brancos – 4.271

votos nulos – 3.162

abstenção eleitoral – 19.698

votos nominais em candidatas (sexo feminino) – 18.851 – 19% dos votos nominais

votos nominais em candidatos (sexo masculino) – 79.032 – 81% dos votos nominais

total de vagas em disputa na eleição/2012 – 21

total de candidatos eleitos (sexo masculino) – 17 (80,95%)

total de candidatas eleitas (sexo feminino) – 04 (19,05%)

total de candidatos que disputaram a eleição/2012 - 259

total de candidatos (sexo masculino) – 176 (67,95%)

total de candidatas (sexo feminino) – 83 (32,05%)

O colégio eleitoral de Itajaí apresenta divisão de gênero com números favoráveis ao sexo feminino. As mulheres são 52,66% do colégio eleitoral de Itajaí, enquanto os homens

compõem o 47,34% restante. Não obstante serem maioria do eleitorado as dificuldades encontradas pelas mulheres para constituir força política efetiva no Município de Itajaí são inúmeras e praticamente as mesmas encontradas nos demais municípios brasileiros.

Essas dificuldades históricas da mulher enquanto protagonista política motivaram o rigor da Lei Nº 9.504/97, alterada pela Lei Nº 12.034/09, estabelecendo cota eleitoral de gênero conforme demonstra quadro confeccionado pela Procuradoria Regional Eleitoral em São Paulo:

Número de cadeiras	Número de candidatos		Mínimo de 30%		Máximo de 70%	
	Partido	Coligação	Partido	Coligação	Partido	Coligação
9	14	18	5	6	9	12
11	17	22	6	7	11	15
13	20	26	6	8	14	18
15	23	30	7	9	16	21
17	26	34	8	11	18	23
19	29	38	9	12	20	26
21	32	42	10	13	22	29
37	56	74	17	23	39	51
41	62	82	19	25	43	57

Não obstante o rigor da lei, visando, fundamentalmente, contribuir para o equilíbrio democrático na participação de gênero no processo político-eleitoral, os partidos tem demonstrado visível relaxamento na consecução desse objetivo cívico perseguido pela legislação brasileira. Ou seja, no lugar de estimular a participação feminina na vida pública, optam, na maioria dos casos, em aplicar criativamente artinhas para cumprir a lei sem efetivamente cumpri-la na sua essência e propósitos gerais. Fica instituído, mais uma vez, o famoso e histórico “jeitinho” brasileiro.

A principal dessas artimanhas nem necessita de muita criatividade por parte dos dirigentes partidários para ser aplicada nas eleições municipais. Simplesmente os partidos incluem mulheres nas nominatas de candidatos sem que elas, efetivamente, estejam se

propondo a participar do processo eleitoral. Esse esquema que atenta contra o espírito legal é visível nos resultados das urnas, em todos os pleitos realizados após a instituição das leis que estabelecem a cota por gênero para candidatos.

Em Itajaí não é diferente. A arrumação partidária do “jeitinho” para cumprir a lei sem cumpri-la de fato pode ser visualizada quando destacamos da relação fornecida pela Justiça Eleitoral aqueles candidatos que tiveram desempenho inferior a 30 votos. Ou seja, candidatos que praticamente não fizeram campanha durante o processo eleitoral ou não estavam devidamente motivados e/ou preparados para tal. Temos 32 candidatos nessa situação, sendo 08 do sexo masculino (25% da categoria e 4,46% do geral) e 24 do sexo feminino (75% da categoria e 28,92 do geral).

Eleições municipais 2012							
quadro do desempenho eleitoral inferior a trinta votos							
sigla	quantidade de candidatos com menos de 30 votos	quantidade de candidatos sexo masculino - 30 votos	quantidade de candidatos sexo feminino - 30 votos	diferença desfavorável à mulher	relação nº candidatos do partido versus nº de homens	relação nº candidatos do partido versus nº de mulheres	relação nº de mulheres candidatas versus candidatas com – 30 votos
PRB	03	00	03	03	18x14	18x04	04x03
PP	01	00	01	01	32x22	32x10	10x01
PDT	00	00	00	00	21x12	21x09	09x00
PT	03	01	02	01	25x19	25x06	06x02
PTB	00	00	00	00	00	00	00
PMDB	03	01	02	01	28x19	28x09	09x02
PSTU	00	00	00	00	02x01	02x01	01x00
PSL	00	00	00	00	00	00	00
PTN	00	00	00	00	02x01	02x01	01x00
PSC	01	00	01	01	08x05	08x03	03x01
PR	03	00	03	03	04x01	04x03	03x03
PPS	05	02	03	01	18x14	18x04	04x03
DEM	04	01	03	02	23x16	23x07	07x03
PSDC	01	00	01	01	01x00	01x01	01x01
PMN	00	00	00	00	00	00	00
PTC	00	00	00	00	12x09	12x03	03x00
PSB	00	00	00	00	00	00	00
PRP	00	00	00	00	09x08	09x01	01x00
PSDB	07	03	04	01	26x17	26x09	09x04
PSD	00	00	00	00	20x13	20x07	07x00
PCdoB	01	00	01	01	08x04	08x04	04x01
PTdoB	00	00	00	00	01x01	01x00	00
obs: elaborado considerando apenas votos nominais				elaboração: Magru Floriano			

O quadro acima não deixa dúvidas quanto à dificuldade de todos os partidos em articular adequadamente suas políticas no sentido de incluir a mulher no processo eleitoral. Obviamente que alguns partidos apresentam números mais problemáticos que outros, indo ao extremo da exclusão da mulher no processo eleitoral. Parece ser esse o caso do PR – Partido da República – que apresentou apenas quatro candidatos a vereador, integrando nominata da coligação com PPS + PMN + PSC. Dos quatro candidatos republicanos, um apenas é do sexo masculino e três do sexo feminino, o que, em princípio, parece surgir como evidência da política de inclusão feminina do partido. Mas, os números apresentados nas urnas destroem por completo essa hipótese.

Acontece que o PR tem três candidatos incluídos na lista dos 32 candidatos que não conseguiram trinta votos nas urnas do dia 07 de outubro. Pior, todos os três do sexo feminino. Isso mesmo, o PR indicou três mulheres de um total de quatro candidatos, sendo que as três tiveram desempenho eleitoral pífio, evidenciando que foram incluídas na nominata da coligação tão-somente para dar cumprimento às exigências legais.

Essa assertiva é corroborada por situações ocorridas no início do processo eleitoral, quando os dirigentes do PR chegaram a incluir na nominata de candidatos o nome do vereador Clayton Batschauer e de Sandra Mara Gonçalves, mãe e filho. O opositor Jean Sestren publicou no site “Itajaínarede.com.br” artigo intitulado “Força do hábito ou impunidade?” denunciando a tentativa do PR de incluir mulheres na nominata da coligação tão-somente para cumprir o texto legal. O fato acabou sendo amplamente discutido na imprensa local, mas ficou longe de ser uma exceção nas eleições/2012 em Itajaí.

O próprio parceiro do PR na coligação, o PPS – Partido Popular Socialista – incluiu 18 candidatos na nominata da coligação, sendo 14 do sexo masculino e apenas 04 do sexo feminino. O partido tem cinco nomes incluídos na lista dos 32 candidatos que não conseguiram mais que trinta votos, sendo três mulheres. Das quatro candidatas indicadas pelo PPS para concorrer a uma cadeira de vereadora no Legislativo itajaiense três delas não conseguiram mais que trinta votos.

O PSDB indicou 26 nomes para integrar a nominata de vereadores da coligação PSDB + PRB + PSL + PTdoB. Sendo 17 do sexo masculino e 09 do sexo feminino. Dos 26 candidatos tucanos sete não conseguiram mais que trinta votos, sendo que desses sete candidatos quatro eram mulheres. Das nove mulheres indicadas pelo PSDB, quatro não conseguiram chegar ao patamar de trinta votos.

Outra candidatura que deu o que falar na imprensa e mídias sociais foi da jovem Patrícia Mannes, filha do também candidato Paulo Mannes. Ambos foram incluídos na nominata de candidatos a vereador do DEM – Democratas. Diante dos comentários extremamente desfavoráveis publicados na *mass media* Paulo Mannes e Patrícia enviaram aos órgãos de imprensa comunicado garantindo que ambos eram candidatos e que pai e filha tinham o direito à cidadania plena e, portanto, o direito de se candidatarem ao cargo e partido de suas livres escolhas. Acontece que Patrícia Mannes obteve tão-somente 16 votos, evidenciando que não se empenhou muito na busca por voto. Sua votação é a prova definitiva de que seu nome foi incluído na nominata democrata apenas para dar um “jeitinho” no cumprimento da legislação eleitoral.

Interessante perceber, a partir da leitura do quadro exposto acima, que essa questão de gênero não tem relação direta com o posicionamento político-ideológico do partido. Esquerda e direita, oposição e situação, pouco importa. Partidos da esquerda e da direita, da oposição e da situação, apresentaram candidatas que não conseguiram ultrapassar a barreira dos trinta votos em um universo de 103.078 votos nominais válidos. Exemplos:

- oposição de esquerda: PT – duas candidatas de um total de seis
- oposição de direita : PRB – três candidatas de um total de cinco
- oposição de centro-direita: PSDB – quatro candidatas de um total de nove
- situação de esquerda: PPS – três candidatas de um total de quatro
- situação de direita: PR – três candidatas de um total de três

Mas, felizmente, temos bons exemplos para mostrar também, mesmo que de forma excepcional. O PDT – Partido Democrático Trabalhista – indicou 21 candidatos na nominata da coligação PDT + PTC + PRP, sendo 12 do sexo masculino e nove do sexo feminino. Além de ter apresentando uma excelente proporcionalidade entre candidatos masculinos e femininos, nenhuma das nove candidatas do PDT foi incluída na listagem dos candidatos com menos de 30 votos. A coligação elegeu três vereadores e mostrou que é possível promover a inclusão da mulher na política sem perda substantiva da sua potencialidade eleitoral.

Olhando os números finais da eleição municipal/2012 a conclusão é simples e direta: as mulheres são minoria absoluta entre os eleitos e maioria absoluta na lista daqueles candidatos que obtiveram menos votos. Veja o quadro contendo o comparativo entre quatro categorias por sucesso eleitoral: 1 – candidatos que conseguiram mais de 500 votos; 2 –

candidatos que conseguiram menos de 100 votos; 3 - candidatos que conseguiram até 30 votos; 4 – candidatos que conseguiram menos de 10 votos.

quatro comparativo de desempenho eleitoral por gênero				
QUANTIDADE gênero	mais de 500 votos	menos de 100 votos	menos de 30 votos	menos de 10 votos
MASCULINO	44 / 176	43 / 176	08 / 176	01 / 176
FEMININO	12 / 83	51 / 3	24 / 83	09 / 83
total	66 / 259	94 / 259	32 / 259	10 / 259
elaborado por Magru Floriano				

Fica muito fácil de perceber que a proporção de mulheres nas categorias de menor desempenho eleitoral vai aumentando significativamente, enquanto a relativa aos homens vai diminuindo. Na categoria que relaciona os candidatos que não conseguiram 10 votos em três meses de campanha temos a inclusão de nove mulheres e um homem. Esses candidatos desistiram ou nunca foram candidatos de fato? Parece evidente que nas duas últimas categorias, onde encontramos 24 mulheres e 08 homens, temos “desistências” de candidaturas femininas em desproporção com “desistências” de candidaturas do sexo masculino. Na última categoria, composta pelos candidatos que não conseguiram sequer 10 votos, a desproporção é alarmante e denunciadora da real política de gênero dos partidos políticos durante o processo eleitoral.

Nada em política é por acaso. Portanto, não é por acaso que nenhum partido político, entre os 22 que participaram da eleição/2012, apresentou mais candidatos do sexo feminino que do sexo masculino. A maioria absoluta deles manteve no limite da lei a proporção entre gênero, sempre beneficiando o sexo minoritário entre o eleitorado. E fazem isso porque sabem da impunidade que reina no Brasil, mantendo-se a tradição de não se questionar mais nada após o escrutínio dos votos. O processo eleitoral está encerrado com o escrutínio e o cerimonial de anúncio dos vencedores e vencidos.

Capítulo IX

SEXTA ANÁLISE: LEITURA DE CENÁRIO INTERNACIONAL PELO ENFOQUE SOCIOLÓGICO

Tentando entender o Talibã

Eu não consigo entender como é que os radicais islâmicos chegaram ao ponto de jogar aviões contra o World Trade Center, nos Estados Unidos, naquele fatídico onze de setembro de 2001. Isso mesmo, eu não entendo. Quanto mais vejo as imagens transmitidas pela tevê, mais confuso fico. Acho que este sentimento de perplexidade deve estar machucando muitas outras pessoas, que como eu, sempre tinham respostas para tudo. Em onze de setembro, contudo, ficamos desorientados. Ficamos sem entender o mundo.

Diante desta sensação de impotência, resolvi estudar um pouco o assunto para tentar romper com este mal-estar que estava me corroendo por dentro como se fosse uma úlcera social. Pensei em começar a explicar o Talibã através de Sigmund Freud, que tem algumas obras analisando a questão da religião, ou Karl Marx outro pensador a quem se atribui o dom de tudo explicar. Mas, acabei me convencendo que o melhor era estudar o Talibã através de um enfoque menos usual e óbvio e fui atrás das explicações sobre religião oferecidas por dois clássicos da sociologia: Émile Durkheim e Max Weber.

Não sei se consegui responder a contento as minhas indagações iniciais sobre o episódio ocorrido nos Estados Unidos. De qualquer forma fica registrado o meu esforço de pesquisa no sentido de entender um pouquinho mais este mundo louco em que vivemos. Também posso estar correndo o risco de dizer besteira e até interpretando de forma indevida as ideias de Durkheim e Weber. Pode ser, quem sabe. De qualquer forma registrei minhas inquietações e estou passando esse texto adiante para iniciar um debate livre e democrático com os meus amigos.

ÉMILE DURKHEIM

Émile Durkheim parece ser o autor indicado para fazermos uma primeira reflexão sobre o que está acontecendo porque escreveu três livros que estão diretamente interligados sobre o tema que nos envolve neste momento. Escreveu **O Suicídio** onde relaciona a disposição da pessoa a tirar a própria vida à questões sociais; **Da Divisão Social do**

Trabalho, onde estuda a questão da solidariedade e o desenvolvimento social; **As Formas Elementares da Vida Religiosa** onde busca entender a relação existente entre religião e desenvolvimento social.

a) **O Suicídio:** Como entender por que uma pessoa de meia-idade, com doutorado na Alemanha, técnico competente e requisitado, toma a decisão de matar cinco mil pessoas, inclusive a si mesma? No livro *O Suicídio*, Durkheim estabelece que a decisão sobre o suicídio não é exclusivamente uma decisão pessoal, mas possui causas, motivações sociais. Quer dizer, o ambiente social é uma causa importante para entendermos determinados tipos de suicídio.

Durkheim estabelece três tipos básicos de suicídio, a saber:

“Suicídio egoísta: quando não estão integrados às instituições ou a redes sociais que regulam suas ações e lhes imprimam a disciplina e a ordem (como a família, a igreja, o trabalho), os indivíduos acabam tendo desejos infinitos que não podem satisfazer. Este egoísmo, quando frustrado, pode levar a ondas sociais de suicídio. Ele também pode ser constatado quando o indivíduo se desvincula de suas redes sociais, sofrendo com depressão, melancolia e outros sentimentos.

***Suicídio altruísta:** praticado quando o indivíduo se identifica tanto com a coletividade, que é capaz de tirar sua vida por ela (mártires, kamikazes, honra, etc);*

***Suicídio anômico:** é aquele que se deve a um estado de desregramento social, no qual as normas estão ausentes ou perderam o sentido. Quando os laços que prendem os indivíduos aos grupos se afrouxam, esta crise social provoca o aumento da taxa de suicídios.”* (SELL, 2001, p.77)

Fica evidente que os suicidas do World Trade Center estão enquadrados no tipo de Suicídio Altruísta. Quer dizer, movidos por uma profunda identidade com sua cultura e coletividade, os terroristas resolvem doar suas vidas ao grupo. Não se trata portanto, de considerá-los como loucos, senão teríamos de fazer o mesmo em relação à Gandhi, Che Guevara, Joana d’Arc, e todos aqueles que colocaram o interesse coletivo à frente de seus interesses pessoais.

Os terroristas do Talibã não são loucos inconscientes, que devido à depressão ou desajuste social, por pura insanidade mental resolveram cometer um crime para aparecer na

tevé, ou se vingar do mundo. Nada disso, muito pelo contrário. São pessoas normais, altamente integradas ao grupo e identificadas com sua cultura e valores. Cometeram o suicídio de forma racional, planejada, pensada. Possuem, portanto, plena consciência do seu ato, e domínio sobre a situação. O suicídio é algo pensado, planejado e desejado conscientemente.

Diferentemente de um ex-soldado americano que lutou na Guerra do Vietnã, que por questões de distúrbios psicológicos vira um franco-atirador dentro de uma escola ou *shopping center*, o suicida islâmico age motivado pela lógica, a razão. As razões de seu povo, sua comunidade. Para entendermos seu ato, então, temos de ir em busca dessas razões.

b) **Solidariedade:** Um ponto que poderá nos ajudar nesta busca pelas razões que levam uma pessoa altamente integrada ao seu grupo cometer suicídio pode estar na obra **A Divisão Social do Trabalho**, onde Durkheim trata da questão da solidariedade e o desenvolvimento social.

Para Durkheim, em seu processo de desenvolvimento a sociedade experimenta dois estágios bem diferenciados de solidariedade. Em um primeiro momento as pessoas se relacionam pelo modelo de SOLIDARIEDADE MECÂNICA, onde os indivíduos possuem pouca liberdade e a individualidade é algo precário, uma vez que a sociedade se impõe ao sujeito através da CONSCIÊNCIA COLETIVA. Quer dizer, nas sociedades estruturadas através da solidariedade mecânica, o pensamento geral, as regras e cultura do grupo predominam sobre os valores e lógicas internas do indivíduo. A Consciência Coletiva prevalece sobre a Consciência Individual. O grupo existe justamente porque as pessoas possuem afinidade de interesses e comportamentos, pensam do mesmo jeito. A sociedade é homogênea, com o grupo predominando sobre o sujeito, propiciando que haja uma grande semelhança no comportamento de todos os seus membros, anulando a subjetividade, identidade pessoal, liberdade e consciência individuais.

Estas sociedades são pouco desenvolvidas economicamente porque ainda não experimentaram o estágio da DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO, e utilizam como recurso para manter o sujeito vinculado ao grupo, entre outras estruturas ideológicas, o DIREITO REPRESSIVO (onde predomina a punição) que é responsável em punir com rigor todo ato de violação às regras sociais. O direito daria o exemplo do que acontece com quem fere os princípios da Consciência Coletiva. Quanto mais desenvolvida a sociedade,

mas ela vai substituindo o Direito Repressivo pelo Direito Restitutivo (que tem como base reparar direitos, prevalecer a justiça e não reprimir por reprimir).

Outro ponto importante observado por Durkheim, nestas sociedades mantidas no estágio de solidariedade mecânica é que elas são SOCIEDADES SEGMENTADAS. Neste tipo de sociedade os grupos, aldeias, vivem em relativo isolamento, com um sistema social próprio com baixo nível de comunicação com grupos diferenciados. Sem o CONTATO SOCIAL com diferentes culturas, quando uma aldeia tem aumento populacional significativo, ela gera outra aldeia, sem contudo, trazer mudanças às características sociais. O novo grupo, aldeia, reproduz integralmente a Consciência Coletiva do grupo originário.

Para Durkheim a sociedade vai experimentar um processo de significativa evolução somente quando ocorrer em seu interior o fenômeno da especialização das funções, decorrente da DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO. Este novo processo de integração do indivíduo ao seu grupo apresenta-se como um novo tipo de solidariedade, a SOLIDARIEDADE ORGÂNICA, levando à constituição da SOCIEDADE MODERNA.

“Na sociedade de solidariedade orgânica, os indivíduos estão integrados na coletividade porque cada um passa a depender do outro. Este fenômeno se deve à especialização de funções, ou, à divisão social do trabalho. As sociedades modernas, portanto, são altamente diferenciadas, sendo que cada indivíduo exerce funções bem específicas que são vitais para o funcionamento do sistema social. Pense num padeiro que depende do fornecimento de trigo, que precisa ser transportado e assim por diante.” (SELL, 2001, p. 74-5)

Ou seja, vai haver um aumento significativo da produção material de bens para consumo, ganho de individualidade, valorização da consciência individual e livre-arbítrio.

Então, enquanto na sociedade tradicional (Afeganistão) o indivíduo é mais um no grupo, na sociedade moderna (Estados Unidos, Brasil) o indivíduo é requisitado e idolatrado como aquele que sabe fazer algo essencial para os demais membros da sociedade. Ele é indispensável, e cada um é especial para o grupo. Só que, ao trocarmos a predominância da consciência coletiva pela divisão social do trabalho também acabamos entrando em um sistema onde acabou predominando o egoísmo, porque ao longo do tempo o sistema foi se desvirtuando porque “[...] o declínio da consciência coletiva e os anseios de liberdade podem levar a um excesso de egoísmo, colocar os indivíduos em choque entre

eles e comprometer o bom funcionamento da sociedade.” Eis aí a crise dos tempos modernos, a crise da individualidade que se tornou individualismo.

c) **Religião:** na obra **As Formas Elementares da Vida Religiosa** Émile Durkheim considera que a religião costuma separar a realidade em duas esferas bem diferenciadas: a) esfera sagrada; b) esfera profana. A esfera sagrada vai ser integrada por um conjunto de aspectos cognitivos e culturais (crenças) e ações concretas, comportamentos, cerimônias, iniciações (ritos). Quando uma pessoa consegue compartilhar suas crenças e ritos, ou seja sua religião, então surge a igreja.

Já na esfera profana, entra toda a atividade cotidiana, da vida prática da pessoa: economia, família, trabalho, lazer ...

MAX WEBER

Max Weber em **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo** buscou entender a origem do sistema capitalista e porque a sociedade moderna ocidental tornou-se extremamente racionalista.

Para Max weber a religião pode vir a se constituir em uma poderosa alavanca em termos de mudança social, porque interfere de forma decisiva no modo como as pessoas veem a vida e encaram os afazeres cotidianos. Ele distingue dois tipos básicos de religião: a) cosmocêntrica; b) teocêntrica.

a) **COSMOCÊNTRICAS:** as religiões orientais possuem uma visão de que a divindade faz parte do mundo, é o mundo em si. Deus não criou o cosmo, ele é o próprio cosmo, o universo. Assim o Taoísmo e o Confucionismo, por exemplo, vão ter uma visão positiva de mundo, exigindo da pessoa apenas que ela respeite o mundo como ele é, porque assim estará em sintonia com Deus, estará respeitando Deus. Como a pessoa não precisa lutar por sua salvação, acaba ficando passiva e submissa aos desígnios da natureza. Nesse sentido o capitalismo se torna inviável nestas sociedades, porque não se busca a salvação através do trabalho e indícios do favorecimento de Deus através do acúmulo de riqueza (lucro), como vai ocorrer em religiões teocêntricas protestantes.

b) **TEOCÊNTRICAS:** as religiões ocidentais geralmente possuem uma visão teocêntrica. Qual seja: Deus é o centro do universo, da vida, e por isso ele é uma entidade que existe para além do mundo (supra-mundo). Ele é o criador, logo existe para além do

que pensou e criou. Seguindo este raciocínio, vamos chegar à uma imagem negativa de mundo, porque todo crente tem como ideal estar mais próximo possível de Deus. E isto não ocorre na terra, haverá, por exemplo, o dia do juízo final, céu e inferno, etc.

Aqui também entra o conceito de **salvação** e toda a filosofia em torno da **morte**. Quer dizer, o homem imperfeito, tem de lutar para obter o direito de ficar eternamente ao lado de Deus. Esta salvação pode ser obtida de duas formas 1) ASCESE - quando a pessoa se afasta da esfera mundana e procura um desenvolvimento total de sua relação com Deus, através do aperfeiçoamento de sua vida espiritual. Desconsidera as coisas do mundo e vive para sua espiritualidade, como é o caso de um monge; 2) ENGAJAMENTO – visa superar os males do mundo e a condição de imperfeição através da mobilização, da ação racional em busca de evidências que credencie a pessoa a merecer a salvação.

Assim, ao contrário dos monges, o capitalista protestante ao invés de se isolar do mundo, se engaja no mundo, através do trabalho para lutar por sua salvação. Então podemos concluir que : *“O bom capitalista também é uma pessoa ascética. Mas a sua ascese é praticada no trabalho, ao qual ele se dedica com rigor e disciplina”*. (SELL, 2001, p. 119). Veja o que explicava Martinho Lutero a respeito de trabalho, lucro e salvação:

“Para Lutero, a salvação das pessoas não vinha do fato delas se retirarem do mundo para rezar, como faziam os monges católicos. Pelo contrário, quanto mais as pessoas aceitassem suas tarefas profissionais como um chamado de Deus (vocação) e as cumprissem com disciplina, mais aptas estariam para serem salvas.” (SELL, 2001, p. 119).

Então, segundo Max Weber, o que os pioneiros do capitalismo americano fizeram é muito próximo do que os terroristas do Talibã estão fazendo, qual seja: todos estão buscando a salvação. Catolicismo, protestantismo, judaísmo e islamismo, são todas religiões teocêntricas. As pessoas que querem se salvar, ou optam pelo isolamento total (monges) ou lutam na sociedade para conquistarem o direito a ter uma vida após a morte mais digna. Então, morrer por Alá é o correspondente Talibã do sacrifício que faz um rico capitalista em manter uma vida simples, regrada, ascética, apesar de ter riqueza suficiente para viver todos os prazeres materiais. Morrer por Alá e acumular riqueza através do trabalho, tem equivalência. O radical islâmico e o capitalista protestante, querem a salvação.

A diferença entre a quietude e isolamento do monge, a determinação capitalista pelo trabalho, e o suicídio do jovem muçulmano do Talibã, é nenhuma. Isto mesmo, todos querem uma vida melhor após a morte, ao lado de Deus ou Alá, e fazem absolutamente tudo o que está ao seu alcance para conseguir este objetivo. O monge se desvincula da vida mundana; o capitalista acumula riqueza mas não a gasta, investe; o terrorista Talibã mata os filhos do *Grande Satã* (Estados Unidos).

Um bom exemplo de como os pioneiros do capitalismo norte-americano viam a sua atividade de acumular riqueza como uma ação concreta para agradar a Deus está na prática dos Calvinistas. Segundo este ramo protestante, somente Deus pode escolher quem será salvo ou não. E as pessoas no mundo já estão pré-destinadas. Como tudo depende de Deus, a única maneira de se saber se a pessoa está ou não incluída na lista dos eleitos por Deus é através do **indício** do sucesso obtido em vida através do trabalho. Se a pessoa vai gradativamente melhorando sua condição econômica, na medida em que cumpre as regras de uma vida ascética, frugal, é um sinal divino de que a pessoa está realmente incluída entre os salvos. O sucesso econômico, portanto, é um indício da salvação, uma benção.

“O cristão está no mundo para glorificar a Deus, e deve fazê-lo trabalhando. Ora, acontece que o cristão que estiver reservado para ser salvo, vai levar uma vida disciplinada e cristã: o resultado só pode ser um enriquecimento de seus bens materiais. Mas, como bom cristão, ele não vai esbanjá-los em prazeres e em outras condutas consideradas desonestas. Pelo contrário, ele vai continuar trabalhando e aplicando seus recursos para obter mais lucratividade. O resultado é que, com o tempo, esta pessoa tornar-se-á muito rica. Tudo o que ela ganha é gasto somente com o necessário, sendo o resto aplicado na própria produção”. (SELL, 2001, p. 120).

CONCLUSÃO

Então podemos dizer que, em diferentes graus de radicalidade, toda religião leva o indivíduo a ter uma mentalidade maniqueísta, que faz com que veja o mundo sempre dividido em dois polos opostos antagônicos, que se excluem, sem meio-termos. Os cristãos, por exemplo, acreditam que Deus e Jesus são cem por cento bons, enquanto o Diabo é cem por cento mau. E mais, a pessoa não pode agradar a dois senhores ao mesmo tempo, terá de

decidir de que lado vai ficar, a que senhor vai servir, a Deus ou ao Diabo. Terá de escolher entre frio e quente, porque o morno não se aceita. Ao agradar o Diabo estará desagradando a Deus e vice-versa. Karl Marx vai utilizar este mesmo critério para a sociologia/filosofia quando analisa a sociedade capitalista e as classes sociais, dizendo que as classes possuem interesses antagônicos e estão em *Luta de Classes*. Quem agrada ao patrão, desagrade ao trabalhador e vice-versa.

Temos de observar que, no caso específico dos suicidas, eles estão fazendo uma escolha racional, consciente, a partir de uma leitura radical dos preceitos religiosos. Estão optando pela esfera sagrada em detrimento da esfera profana e levando esta escolha as últimas consequências. O ato de morrer e matar é um ato sagrado, que merecerá de Alá recompensas imensuráveis. Também é importante perceber que um terrorista, ao separar o sagrado do profano e se ver como alguém que está agindo no plano do sagrado, se sente uma pessoa iluminada, especial. O fato de se sentir especial lhe trás motivação, coragem, etc. Pensam que a sua religião, a sua ideologia, a sua cultura é a correta, e o resto do mundo é impuro, profano, que tem de ser salvo, ou eliminado em nome de Deus e da verdade. Matar e morrer faz parte de um jogo cujo único objetivo é se salvar, e salvar os outros, perante Deus.

Foi o que os Jesuítas, por exemplo, estabeleceram no tempo da colonização com os nossos silvícolas e com os negros da África. O movimento das Cruzadas, na Idade Média, também teve no projeto salvacionista uma de suas principais motivações. Colocar uma pessoa na fogueira, por exemplo, para retirar do seu corpo a força demoníaca que ali habita, é algo extremamente necessário e desejável. A pessoa morria, mas a humanidade ficava livre do Diabo. Estavam todos salvos, quem morria na fogueira e quem acendia a fogueira em nome de Deus.

Para os cristãos, protestantes e islâmicos a recompensa virá só depois da morte, portanto, a verdadeira vida não é esta que vivemos aqui na terra, mas aquela que nos espera ao lado de Deus. Esta visão, querendo ou não seus adeptos, trás uma concepção negativa sobre a vida mundana e uma brecha para as ideias que pregam a morte como caminho para o verdadeiro reino de Deus, a verdadeira vida. A morte, então, deixa de ser problema para ser solução; deixa de ser evitada para ser procurada, desejada; deixa de ser o fim para ser início; tristeza para ser alegria; sofrimento para ser prazer. A morte é a porta do céu. Dependendo de quem interpreta este projeto salvacionista (de lutar na terra para se salvar,

ser eleito para ficar ao lado de Deus após a morte) pode lhe conferir um maior, ou menor, teor de radicalidade.

O projeto salvacionista, portanto, pode passar pelo processo de acumular dinheiro explorando o trabalho de uma maioria despossuída que vive em estado material precário; apenas se retirar da vida mundana, levando uma vida de contemplação e reza em um mosteiro distanciado da civilização; ou, de forma mais radical, este projeto pode levar uma pessoa a lutar até a morte para impor à esfera profana os valores e conceitos estabelecidos na esfera sagrada.

Dependendo de quem ouve e de quem fala, podemos estabelecer um nível de poder e domínio, onde determinadas pessoas passam a se intitular intermediárias entre Deus e os homens, entre a esfera profana e a esfera sagrada, levando um determinado número de pessoas a agirem conforme seus preceitos religiosos. Osama Bin Laden aparece, portanto, como um guerreiro enviado por Alá para enfrentar de forma destemida o *Grande Satã*, que são os Estados Unidos e a cultura ocidental moderna. Quando fala que está empreendendo uma *Guerra Santa*, quer dizer que não está lutando por questões que envolvem valores materiais, mas apenas e tão somente está empreendendo uma guerra que visa estabelecer como princípio hegemônico, dominante, os valores sagrados.

Neste sentido, parece que as ideologias políticas também fazem o mesmo papel de levar seus adeptos ao maniqueísmo, na medida em que todo aquele que não confessa determinada ideologia está errado, e quem está incluído no grupo ideológico está sempre certo. O companheiro de ideologia está sempre certo, o inimigo ideológico está sempre errado. A verdade é exclusiva de uma ideologia. Os nazistas, comunistas, capitalistas estão convictos de que lutam pela verdade. (Os islâmicos também). Então estamos diante de pessoas convictas do que fazem, e o fazem com esmero e determinação porque sabem do quanto sua ação é correta e necessária para o bem da humanidade. Ninguém mata cinco mil pessoas pensando em prejudicar a humanidade ou ficar de mal com seu grupo, ideologia ou seu Deus.

Assim, podemos dizer que o Talibã, ao matar cinco mil pessoas nos Estados Unidos está pensando de forma “positiva”, no sentido de auxiliar o mundo a ficar um pouco melhor, salvando o mundo das forças demoníacas. O Talibã quer salvar os norte-americanos, assim como os brancos um dia resolveram salvar os silvícolas, selvagens e sem almas que habitavam a América. Os nazistas pensaram “positivamente” quando colocaram ciganos, homossexuais, deficientes físicos e mentais nas câmaras de gás, para dotarem a

terra de uma raça pura, estabelecendo assim o reino da felicidade e da perfeição genética. Os Estados Unidos pensaram o mesmo quando jogaram as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, e mataram milhões de civis desarmados no Laos, Camboja, Vietnã ... Pelo visto, então, o problema da humanidade é um problema de excesso de amor por ela. Todos querem ver o mundo um pouco melhor e estão prontos para morrer por sua verdade. A verdade de sua ideologia ou religião. Sendo assim, parece simples acabar com os males do mundo, é só retirar do dicionário a palavra VERDADE.

Outro ponto interessante de observarmos é que estamos diante de duas sociedades bem diferenciadas em seus estágios de desenvolvimento social e econômico. Enquanto os Estados Unidos vivenciam a modernidade, o Afeganistão ainda se encontra em um processo quase medieval, anterior à Divisão Social do Trabalho. E na medida em que uma sociedade, como no caso do Afeganistão, mantém sua lógica centrada na Consciência Coletiva, recusando voluntariamente a modernidade da Divisão Social do Trabalho, também tem facilidade em padronizar o comportamento de seu povo e, por extensão, obter milhares de voluntários para morrer pelo grupo, não por insanidade ou repressão, mas por forte identidade e altruísmo.

Visando manter a Consciência Coletiva intacta é que o Talibã proibiu a televisão, o rádio e todo tipo de instrumento eletrônico que possibilitasse o contato com o exterior. E, visando desmanchar esta consciência que torna todos homogenizados, é que os Estados Unidos jogaram milhares de rádios de pilha, junto com alimento, para os refugiados afegãos.

Assim, não sei mais o que pensar, porque estão todos certos. Estão todos querendo o bem da humanidade e/ou estão querendo ficar mais perto de Deus. E enquanto isto não acontece, se matam. Nazistas matam ciganos, norte-americanos matam vietcongues, comunistas matam capitalistas, islâmicos matam cristãos, e cristãos protestantes matam cristãos católicos ... Será, afinal, o que Deus pensa sobre isso?

Referência bibliográfica e obras indicadas para leitura e consulta porque auxiliaram o autor dessa obra a pensar sobre sua realidade

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- ARISTÓTELES. Política. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ASSMANN, Hugo; SANTOS, Theotônio dos; CHOMSKY, Noam (org). A trilateral: a nova fase do capitalismo mundial. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BALZAC, Honoré de. Os jornalistas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BAGNO, Marcos. Pesquisa na escola: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1998.
- BINS, Milton. Curso de Sociologia. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1996.
- BRUM, Argemiro. Desenvolvimento econômico brasileiro. 20 ed. Ijuí: Unijuí, 1999.
- CAFIEIRO, Carlo. O Capital – uma leitura. São Paulo: Polis, 1987.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ética e Cinema: notas sobre uma experiência didática. Itajaí: 2001. (xerox).
- COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci: um estudo sobre o seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- DESCARTES, René. Discurso sobre o método. São Paulo: Hemus, 1978.
- DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Nacional, 1974.
- ENGELS, Friedrich. A origem da família, propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- ESPAÑA, Rafael de. Guerra, Cinema e Propaganda. In: O Olho da História. P. 179-190.
- FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Análise de estrutura e conjuntura. (série: como fazer-1). Recife: 1979.
- FLORIANO, Magru. A pesquisa dialética. Itajaí: Brisa Utópica, 2001.
- FLORIANO, Magru. Política – texto referência para um diálogo aberto sobre a prática política. Itajaí: Brisa Utópica, 2011.
- FLORIANO, Magru. A lógica do eleitor – reflexão sobre o processo eleitoral de 2008 no município de Itajaí. Itajaí: Brisa Utópica, 2009.
- FLORIANO, Magru. O príncipe em Itajahy. Itajaí: Brisa Utópica, 2011.

- FLORIANO, Magru. Ver cinema. Ler cinema. Itajaí: Brisa Utópica, 2000.
- FLORIANO, Magru. Ensaio: Sociologia. Volume 3. Itajaí: Brisa Utópica, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA JOSÉ BONIFÁCIO. Tiradentes: um filme de Oswaldo Caldeira. Rio de Janeiro: Publique, 1998.
- FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Nacional, 1989.
- GALBRAITH, J. Kenneth. Anatomia do Poder. São Paulo: Pioneira, 1984.
- GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- HARNECKER, Marta. Os conceitos elementares do Materialismo Histórico. 2.ed. São Paulo: Global, 1983.
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de et alii. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 13 ed. Rio de Janeiro: L.J. Olympio, 1979.
- HUBERMANN, Leo. História da riqueza do homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- JOLL, James. As Idéias de Gramsci. São Paulo: cultrix, 1977.
- JUNKES, Lauro. A Narrativa cinematográfica: Introdução à Linguagem e Estética cinematográfica. Florianópolis: UFSC, 1979.
- LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo. Ensaio relativo à verdadeira origem, extensão e objetivo do governo civil. Trad. E Jacy Monteiro. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (coleção Os Pensadores).
- LUFT, Celso Pedro. Minidicionário Luft. São Paulo: Scipione-Ática, 1991.
- LUZ, Sérgio Ruiz. Guerra Cultural: surgem os detalhes de como a CIA influiu na produção artística para combater o comunismo. In: VEJA, 5 de abril de 2000, p. 66-7.
- MACHIAVELLI, Niccoló. O príncipe. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- MARX, Karl; ENGELS, Fridrich. Manifesto comunista. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MELO, José Marques de. Sociologia da imprensa brasileira. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran>>.
- NIETZSCHE, Friedrich. Obras Incompletas. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores.
- NOVA, Cristiane. Revolução e Contra-Revolução na trajetória de Eisenstein. In: O Olho da História. Bahia: Prometheus, 2000-A, p. 140-156.

- NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da história. In: O Olho da História. Bahia: Prometheus, 200-B, p.l 217-234.
- PROCURADORIA REGIONAL ELEITORAL EM SÃO PAULO. Cota eleitoral de gênero. Informativo. São Paulo. Acesso em: www.presp.mpf.gov.br. acessado em 10 de outubro de 2012.
- RIBEIRO, Darcy. Os Brasileiros: livro I – teoria do Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983 (col. Primeiros Passos, n.103).
- SCHLESEMER, Anita Helena. Hegemonia e cultura: Gramsci. Curitiba: UFPr, 1992.
- SCHLIECK, Mauro Artur. Valor da Imagem. Joinville: 1998 (xerox).
- SELL, Carlos Eduardo. Sociologia clássica. Itajaí: Univali; Blumenau: EdFurb, 2001.
- SILVA, José Bento Rosa da. Estiva papa-siri: mãos e pés do Porto de Itajaí. Itajaí: ed. autor, 2004.
- SMITH, Adam. A riqueza das nações – investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural/Círculo do Livro, 1996. 2 vol.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- SÓFOCLES. Antígone.
- SOUZA, Herbert de (BETINHO). Como se faz análise de conjuntura. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SROUR, Robert Henry. Classes, regimes, ideologias. São Paulo: Ática, 1990.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 11 ed. São Paulo: Pioneira, 1996.



Magru Floriano em sala de aula da Univali – Itajaí (SC)

Curso de Comunicação Social - Jornalismo

COMPROMISSO DO LEITOR COM O AUTOR

Recebi gratuitamente do autor HÉLIO FLORIANO DOS SANTOS (Magru Floriano) uma cópia eletrônica do livro **ANÁLISE** sob o compromisso de lhe remeter quaisquer dúvidas, críticas, indicações de erros ou contradições que possa encontrar no texto.

Endereço para envio do material: magrufloriano2008@gmail.com.

